REVISTA DA SEMANA



40 ★ 6-10-51 ★

CR$ 3,00 em todo o Brasil



NÃO VIRE A PAGINA!

Um livro pode resolver o seu problema

DESAFIAMOS QUE NÃO ENCONTRE 3 LIVROS (PELO MENOS) DE VOSSO MAIS "INTIMO" INTERESSE

SENSAÇÃO NO MUNDO DOS LIVROS!

Tecnica e Pratica Sexual — 20,00
A Felicidade Sexual no casamento — 15,00
Costumes Sexuais Estranhos — 15,00
Guia Intimo da Sexualidade — 15,00
Vigor Sexual — 20,00
Dicionario Moderno de Sexo e Amor — 15,00
Love Book — Inglês para Namorados — 12,00

Dicionario da Mitologia — Aplicação ao Charadismo — 15,00

UMA UNIVERSIDADE DE CONHECIMENTOS A Cr$ 15,00 E 20,00

Enciclopedia Industrial Ocultista — 15,00
As Chaves Ocultas do Poder — 15,00
Como Interpretar os Sonhos — 10,00
Como Ler os Pensamentos — 15,00
Quiro — Como Ler as Mãos — Conheça o Futuro — 15,00
Hipnotismo Pratico — 15,00

Calendario do Jardineiro Amador — 15,00
Mortes Curiosas Estranhas — 10,00

APRENDE O QUE INTERESSA APRENDER

Pensamentos sobre o Amor — Stendhal — 15,00
Cartas de Amor — Manoel Macêdo — 15,00
Correspondencia Amorosa — Manoel Macêdo — Frases Escolhidas — 15,00
Quebra-Cabeças, Mágicas e Passatempos — 15,00
Como se Fazer Amar — 15,00

Lições de Italiano sem Mestre — Metodo Pratico e Rapido — 12,00
45 Lições Francês sem Mestre — Pratico-Rapido — Pronuncia Figurada — 12,00

UM NOVO TIPO DE LIVROS

Erros de Portugues e suas Correções — 15,00
Fala e Escreve Corretamente — 15,00
Exercicios para Concursos Oficiais — Portugues Pratico — 25,00
Manual do Detetive Amador — 10,00

Alemão sem Mestre — 12,00
Aprenda Espanhol em quadrinhos — 12,00
Yes Sir! Inglês sem Mestre — 12,00

DEIXE DE LÊR BOBAGENS E TORNE-SE VENCEDOR!

Test para os seus Conhecimentos — 2.000 Perg. e Respostas — 15,00
A Dama de Espadas — O Fatalista de Lermontor — Ela era doce e humilde — O Coração de Olenka — O Cavalheiro de S. Francisco — 10,00
Como Evitar a Solidão Amorosa — 15,00

Manual do Motorista — Mecanica - Trafego — 15,00
Formulario de Matematica — 20,00
Instalações Eletricas — 60,00
Espumas Flutuantes — Castro Alves — 10,00
Dicionario Pitman — Inglês Português — 25,00

SEXO LINGUAS PORTUGUÊS DESENHO ETC.

Como Tirar a Sorte — Cartas — Dados — Bola de Cristal — 15,00
Segredos de Hollywood para a Beleza Feminina — 20,00

Desenho Artistico — 80,00
A Arte de Desenhar a Mulher — Nus Artisticos — 30,00
Desenhar Caricaturas — 30,00
ABC... Desenho de Letras — 30,00
O Nú Através da Arte — 20,00
Residencias Brasileiras — Geraldo Araujo — 40,00

OS MELHORES AUTORES MELHORES LIVROS!

Curso de Desenho Arquitetonico — 200 pgs. 22 x 33 cm — 150,00

PEÇA PELO REEMBOLSO POSTAL

Pedidos abaixo de Cr$ 100,00: aumento de 10%
Acima de Cr$ 100,00 — não há aumento

MODERNOS VERDADEIROS SENSACIONAIS DIFERENTES

EDITORA GERTUM CARNEIRO S. A.

Rua México, 128 - Dep. 130 - RIO -

Os pedidos serão atendidos pela ordem em que chegarem

ESTES LIVROS TAMBEM SE ACHAM A VENDA NAS MAIORES LIVRARIAS DAS PRINCIPAIS CIDADES.

Às Livrarias: Descontos usuais e 12/13
Peça por Reembolso ou de referencias



PARA A NOITE de 20 de setembro esperavam-se grandes acontecimentos com a prometida assembléia — que não se realizou. Mas os militares do bloco democrático revelaram que diversos oficiais transferidos como recurso de harmonização, voltaram ao Rio para comparecer a essa assembléia e votar com os esquerdistas.

O RESTO E' SILENCIO

A GUERRA QUE COMEÇOU DENTRO DE CASA...

O IMPACTO DO CLUBE MILITAR CONVULSIONOU A NAÇÃO ★ ÂNIMOS ACALORADOS NUMA NOITE FRIA ★ O GENERAL CARNAÚBA CONTINUARIA A FALAR EM PETRÓLEO E NA CORÉIA ★ A "REVISTA DO CLUBE MILITAR" COMO "PIVOT" ★ QUANDO FOI URGENTE... ESPERAR ★ A RESISTÊNCIA DEMOCRÁTICA E A BONANÇA NA REUNIÃO DOS GENERAIS ★ O MINISTRO DA GUERRA NAS MALHAS VERMELHAS? ★ RUMOS DE ANTES ★ UM CASO SÉRIO QUE TAMBÉM FICARÁ NA HISTÓRIA

Texto de JOSÉ ASMAR

NAS últimas horas da noite fria de 19, o carro oficial do ministro da Guerra entrou silenciosamente pelo portão principal do Palácio do Catete. Ninguém estranho à intimidade do Sr. Getúlio Vargas soube para que estava sendo chamado o general Newton Estillac Leal.

Não houve demora na recepção. O chefe do Govêrno estendeu a mão ao seu auxiliar, que logo dissipou o sorriso complementar do cumprimento. O Presidente da República foi direto no assunto:

— E' preciso resolver, já, a crise no Clube Militar. A imprensa forma as perspectivas mais sombrias e o Senado, ontem, agitou-se com a questão. Acho melhor adiar a assembléia parcial convocada para amanhã.

O general teria se sentido chocado com essas palavras. Meditou, por certo, que se se demitisse da pasta da Guerra e renunciasse à presidência do Clube, para ser coerente com os seus compromissos, agravaria a situação. Concordou, enfim, com a alternativa apresentada pelo chefe do Govêrno, que não era outra senão a que, no dia 18, o Senador Bernardes Filho sugerira

FOI URGENTE... ESPERAR!

O automóvel do ministro rodou para o edifício da avenida Rio Branco, esquina de Santa Luzia. Era cêrca de 23 horas. S. Excia. subiu ao sétimo andar, onde estavam os seus companheiros de Diretoria:

— O presidente...

E o general Estillac comunicou-lhes o pensamento do Sr. Getúlio Vargas. Houve um certo espanto. Todavia, ao amanhecer do dia 20, às redações dos jornais cariocas chegava esta nota apressada, cópia a carbono, em papel sem timbre e assinatura a máquina: "Aos trinta minutos de hoje, dia 20 de setembro, em sessão extraordinária do Conselho de Administração, que se achava reunido em sessão permanente, reassumiu a presidência do Clube S. Excia. o Sr. General Newton Estillac Leal, que, em seguida, usando das atribuições que lhe confere o inciso 2º, do artigo 24 do Estatuto do Clube Militar, resolveu, por motivo de ordem superior, adiar pelo prazo de trinta dias a assembléia parcial extraordinária convocada para hoje. (As.) Capitão Paulo Pinto Guedes, diretor-secretário"

O RASTILHO DE PÓLVORA

Mas por que a entidade social das classes armadas chegou a êsse impasse? Não é difícil recompor os fatos. Dois nomes estiveram em jôgo na sucessão presidencial do Clube: os dos generais Cordeiro de Farias e Estillac Leal. Ambos de projeção no Exército. Ambos haviam sido falados, também, para a presidência da República, tendo o primeiro, na época, mais depressa, desmanchado os rumores numa ensolarada manhã em que o procuramos ouvir no Forte de São João. O do segundo permaneceu por mais algum tempo, até que se firmou a chapa do Sr. Getúlio Vargas. Paralelamente, iam dividindo opiniões a campanha do petróleo e a indagação sôbre a atitude do Brasil em face da guerra na Coréia. O grupo esquerdista das Fôrças Armadas pendeu para o general Estillac. Apoiara-lhe a candidatura e fê-lo comandante do Clube. Individualmente, já o general Juarez Távora e o general Júlio Caetano Horta Barbosa haviam usado o salão da sede, para conferências sôbre o petróleo. Pouco após a posse do general Estillac, porém, a "Revista" da entidade, em longo editorial,



GENERAL JUAREZ TÁVORA — Individualmente, êle e o general Júlio Horta Barbosa haviam usado o salão do Clube Militar para conferências sôbre o petróleo. Sua atitude, nesse particular, é definida.

EM MARCHA PARA A ASSEMBLÉIA

PELA LIBERDADE DE MANIFESTAÇÃO DO PENSAMENTO — EM DEFESA DO BRASIL

EDITORIAL — ANO I — Nº 1 — 1952 DA INDEPENDÊNCIA DE 1951

PORQUE VOLTAMOS?

Reconstitue-se e Toma Posição a Comissão ESTILLAC - HORTA BARBOSA

NOTA AOS CONSÓCIOS DO EXÉRCITO, DA MARINHA E DA AERONÁUTICA DISTRIBUIDA À IMPRENSA

VOTE COM A CHAPA ESTILLAC - HORTA BARBOSA

Compreender! — O PROBLEMA ✶ Comparecer! — À ASSEMBLÉIA ✶ VOTAR! — COM O CLUBE

ÊSTE BOLETIM foi feito para a assembléia. Sua linguagem revela o estado em que se encontravam os ânimos dos militares esquerdistas. No sub-títulos: «Pela liberdade de manifestação do pensamento...»



DA TRIBUNA DO SENADO, o sr. Bernardes Filho aventou a idéia do adiamento da assembléia, sem deixar, entretanto, de tecer críticas à orientação da «Revista do Clube Militar». E o adiamento foi feito.

contrariou a tradição da nossa política internacional e hostilizou o bloco ocidental liderado pelos Estados Unidos. Foi um estopim curto. A "Revista", embora de tiragem relativamente minguada, valeu mais pelo conteúdo e pela sua representação. A imprensa verberou a posição que ela antecipava.

PALIATIVO

O alarido foi tamanho que o então ministro da Guerra, general Canrobert Pereira da Costa, numa atitude enérgica, promoveu a suspensão do órgão e transferiu os principais elementos que lhe imprimiam tal diretriz: o tenente-coronel Tácito Livio Reis de Freitas, ex-2º vice-presidente; tenente-coronel Luís Gonzaga de Oliveira Leite, ex-secretário da Carteira Hipotecária e Imobiliária; major Nelson Werneck Sodré, ex-diretor do Departamento Recreativo; e o capitão Gilberto Squeff, ex-membro do Conselho Deliberativo.

Mas eis que a política nacional se alterou e o gal. Estillac Leal, licenciando-se, foi para a pasta da Guerra. A "Revista" voltou a circular e os esquerdistas mantiveram a mesma linha. Estourou, então, outra crise de maior agudez. O general Horta Barbosa, por motivo de saúde, teve que ficar fora do embate. Por várias vêzes o procuramos e êle alegou alheiamento ao que ocorria. Assim, assumiu a presidência do Clube o general Arthur Carnaúba, disposto a enfrentar a corrente democrática que promovia a proibição de manifestações da "Revista", em nome da classe, de nítido caráter subversivo.

À PROCURA DE UM DENOMINADOR COMUM

Por vários dias os ânimos estiveram exaltados. E isso representava um perigo para a Nação, que via a principal base da sua segurança abalada. Uma comissão, de cinco generais, procurou o ministro da Guerra para consertar de uma vez as medidas repressivas à "Revista". Falou-se em pacificação. Mas do próprio gabinete do titular daquela pasta saiu para os quartéis, antecipadamente, um memorial de "paz", ao contrário do que havia sido combinado, isto é, que êsse memorial só fôsse apresentado às unidades após apreciado, em conjunto, pelos líderes das duas correntes. Os democratas procuraram, destarte, reanimar a realização da assembléia parcial. O general Carnaúba, no entanto, assegurou:

— Não assumimos compromisso algum. E é hora do Clube reafirmar a todos os associados o seu inabalável propósito de cumprir o programa para cuja execução foi eleita a atual Diretoria.

Citou pontos: 1º — a defesa do petróleo e demais riquezas naturais; 2º — a preservação das adicionais relativas ao tempo de serviço, que alegou estarem ameaçadas por um projeto de lei já aprovado na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara; conquista de isenção do impôsto de renda, de uma lei justa de promoções e o direito de o oficial de reserva continuar portando armas; 3º — o direito de manifestação do pensamento, quer dizer, o da "Revista" estampar qualquer opinião.

Acrescentou o general Carnaúba:

— Êste programa continuará a ser defendido por todos os meios ao alcance do Clube: nas páginas da "Revista", nas assembléias e outras reuniões, nas atividades dos Departamentos e órgãos assis-



GENERAL CARNAÚBA — Em tôrno do seu nome giraram os comentários, por vários dias. Estava inamolgável: falaria em tudo — em petróleo e em guerra na Coréia — dentro da «Revista» e onde estivesse.



SENADOR DOMINGOS VELASCO — Procurou justificar, no Monroe, a situação dos dirigentes do Clube. Argumentou: «quem levou o debate sôbre petróleo para dentro da entidade, foi o gen. Juarez Távora».



GENERAL ESTILLAC LEAL — Aos primeiros minutos do dia 20 de setembro, assumiu a presidência do Clube Militar. Declarou: «Ninguém mais, neste mundo, me poderá fazer mal, mesmo que o deseje...»

GENERAL GÓIS MONTEIRO — Voz ausente neste caso, mas que mereceu uma réplica do general Estillac ao assumir a presidência do Clube. O chefe do E. M. das Fôrças Armadas, agora, preferiu silenciar.



lenciais, assim como na própria ação dos consócios, ali onde sejam êstes chamados a desenvolver suas campanhas patrióticas e reivindicações.

Essa atitude do general Carnaúba provocou um aplauso do órgão comunista, "Imprensa Popular", sob o título "Reafirma o Clube Militar sua patriótica orientação".

O CHOQUE ERA INEVITÁVEL

O lado democrático já estava, também, disposto a não recuar. Promoveria a assembléia parcial, para dirimir o impasse. O general Juarez Távora e os coronéis Castelo Branco e Taurino de Resende entraram em franca atividade.

A reportagem, por sua vez, identificava na sede a predisposição para um tumulto em regra. Tumulto de oficiais, que extravasaria para os quartéis. Cogitava-se de irradiação. Não passaria do dia 20 de setembro a dúvida sôbre os rumos da "Revista". A assembléia, que se instalaria às 19 horas, apuraria a conveniência de mudar o artigo 2º dos Estatutos, por dispositivo mais claro: "O Clube Militar, através de suas atitudes, de sua "Revista" e de outros meios de divulgação, conservar-se-á estranho à matéria de religião e de política, nacional ou internacional, sendo vedada a cessão de suas dependências para reuniões dessa natureza".

Após, seriam iniciados os debates. Pelas inscrições, os cálculos mais otimistas estimaram que êstes se prolongariam por mais de 25 horas! Do grupo democrático apenas três falariam, a começar pelo general Juarez Távora. Do outro, mais de 50. Pelo número de assinaturas colhidas no requerimento para a realização da assembléia, os democratas esperavam vitória do novo dispositivo. Mas a imprensa, na véspera, anunciou que a sessão seria, por isso, tumultuada pelos esquerdistas. Para se ter uma idéia de que seria o choque inevitável, se a assembléia se efetivasse, basta saber que à sede do Clube compareceriam quase todos os sócios do Distrito Federal, (cêrca de 7.000). A eclosão empolgaria, só de sócios regularizados, conforme apuramos 11.313 oficiais!

NO MÊS DA INDEPENDÊNCIA...

Os situacionistas prepararam um violento boletim para a data: "Em marcha para a Assembléia". Nêle, concitavam-se os colegas a manter o estatuto em sua forma atual, pois que com êle concordaram quando, em maio de 1950, elegeram a chapa Estillac Leal-Horta Barbosa. Na última página, fêz uma lista de jornais que consideraram "seus aliados" e dos que incriminaram de estar "contra a classe e a Pátria"! No rol dos primeiros: "A Noite", "Fôlha Carioca", "Última Hora", "Diário de Notícias", "A Notícia", "O Radical", "O Mundo", "O Popular" e o "Diário do Rio". No segundo: "Tribuna da Imprensa", "Diário Carioca", "O Globo", "Correio da Manhã", "Jornal do Comércio", "O Jornal", "Diário da Noite" e "Correio da Noite". Outros volantes estavam prontos para a grande cartada.

O GENERAL "SILÊNCIO"

Mas o dia 20 amanheceu com a notícia do adiamento. Os generais se reuniram às 11 horas no gabinete do ministro da Guerra, para se inteirar da situação. Foram êles: Canrobert Pereira da Costa, Álvaro Fiúza de Castro, Salvador César Obino, Newton Cavalcanti, Cordeiro de Farias, Alcides Etchegoyen, Odílio Denys, Milton de Freitas Almeida, Cândido Caldas, Segadas Viana, Adriano Saldanha Maza, Gastão Grunewald da Cunha Cruz, Zenóbio da Costa, Mário Travassos, Eudoro Barcelos de Morais e Emílio Ribas. Ao cabo da reunião, o general Canrobert sustentou que a decisão do adiamento fôra melhor, ressalvando:

— Sendo nós, os sócios do Clube, os mantenedores da "Revista", com a nossa contribuição, a nós compete, portanto, o direito de estabelecer-lhe a orientação.

(Cont. na pág. 51).



GENERAL CANROBERT — «Sendo nós, os sócios do Clube, os mantenedôres da «Revista», com a nossa contribuição, a nós compete, portanto, o direito de estabelecer-lhe a orientação», disse o ex-ministro.

OS BUROCRATAS



O TELEFONE: — ESTOU ANCIOSO PARA ME TORNAR FUNCIONÁRIO MUNICIPAL! TRABALHO DIA E NOITE, SEM DESCANSO. . .

A TORNEIRA: — AH! E' FORMIDÁVEL! EU, QUANDO TRABALHO, E' DIA SIM, DIA NÃO, MAS, VOLTA E MEIA, TIRO QUINZE DIAS DE FÉRIAS!

ANO LI * N.º 40 REVISTA DA SEMANA 6 - 10 - 1951

Sorocaba dos velhos tempos

SOROCABA antiga, iluminada a querosene.

São vinte e três horas. Naqueles tempos, isto que vamos narrar, valendo-nos das palavras do amigo Bernardo Ferraz de Almeida, era uma temeridade.

E' que, às 21 horas, — nove horas da noite dos antigos tempos — o sino da matriz tocava a silêncio.

O velho carcereiro, saindo à porta da cadeia, bradava a plenos pulmões, uma palavra que era como que um decreto oral de mutismo para a cidade: ARRECOIDA!...

E o éco da "arrecoida" repercutia, sinistramente, de ponta a ponto da velha Sorocaba. O silêncio era total.

Sòmente a ronda começava a vigília ambulante pelas ruas modestas, mas já famosas, da cidade. A molecada não esperava os rondantes. Ao bater do sino, espavoridos, os moleques procuravam seus lares.

Na cadeia ficacava apenas um soldado já muito velho, a montar guarda. De tantos em tantos minutos, de acôrdo com o badalar de um relógio, o setuagenário militar abandonava a porta e, de "riúna" em punho, ia até à esquina onde terminava o edifício da prisão, e bradava dali: "A guarda!". Depois voltava ao pôsto, à missão que lhe cumpria: — sentinela na porta principal.

A severidade no horário de recolher só era relaxada nos dias de função, — circo na cidade, espetáculos de alguma companhia teatral, festa religiosa e cousas semelhantes. Mas, despedindo-se os artistas, passados os dias de fervor religioso, tudo voltava ao regime de silêncio anterior.

Mas, como dizíamos, isto de perambular pelas ruas de Sorocaba, depois das nove horas da noite, era temeridade. E havia tanta "assombração"! Cada rua, cada beco, tinha a sua própria história. Aqui, era um frade que costumava aparecer à meia-noite, metido na estamenha escura, capuz à cabeça, flutuando no ar, à procura dos pecadores para a confissão; ali, uma virgem — sombra diáfana, vaporosa, de véus brancos, noiva do "outro mundo" que voltava à terra para cumprir promessas esquecidas em vida; mais além, horripilante cavalo "sem cabeça", terror dos meninos e das mulheres supersticiosas.

E as histórias que ornamentavam as aparições eram de arrepiar até ao último e intimorato fio de cabelo de algum respeitável careca da cidade heróica.

Mas, mesmo assim, havia sempre um mais corajoso, um "D. Juan" capaz de arriscar-se em andanças pela noite a dentro. Uma aventura amorosa, sendo bem sucedida, não compensa o sacrifício? E aí está o motivo de, às 23 horas, na rua da Penha, alguém que por ali passava, ter ficado apaixonado por certa donzela que, àquelas horas, permanecia desassombradamente à janela de sua casa.

O herói notívago, desobediente às badaladas do sino e aos berros estentóricos de "Arrecoida!", passou pela calçada, olhou a formosa criatura e chegou à esquina. Tornou a voltar, olhou-a e parou por uns minutos na esquina oposta. Fêz a manobra várias vêzes. Queria certificar-se de que ela lhe prestava atenção. Certo de que a beldade o acompanhava com o olhar, retornou mais uma vez e, enchendo-se de coragem, parou diante dela e perguntou com a voz alterada pela emoção:

— Posso entrar?

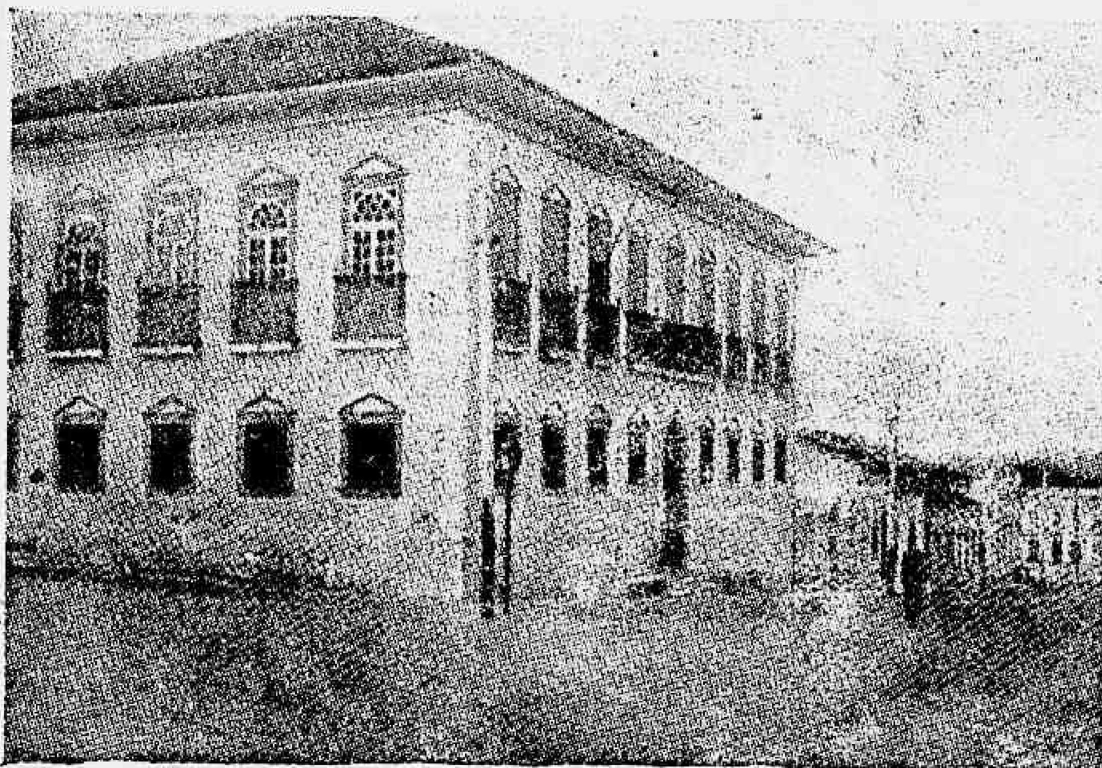
— Pois não, cavalheiro!

Havia um portãozinho ao lado, entrada para longo corredor. Ao fundo, pela porta mal cerrada, filtrava uma réstea de luz. O conquistador entrou, triunfal na cidadela que se rendia. Forçou, de mansinho, a porta, mas... oh!...

Sabem o que havia a esperá-lo? Um respeitabilíssimo defunto, e, infelizmente para o nosso catador de amores, a "guarda" era fraca. Para fazer número, ou não fazer feio, uma vez que sua saída brusca seria notada, lá se ficou durante várias horas, no guardamento ao ilustre amigo desconhecido, pelo qual, de certo fingiu derramar uma lágrima furtiva, mais de ódio do que de saudade.

Mas, o que não pudemos saber até hoje, é se a jovem da janela estaria a distrair o espírito atribulado, ou intencionadamente, temendo que o defunto passasse a noite sòzinho, se postasse ali, a servir de isca, atraindo "voluntários" para o velório...

AFONSO CELSO DE OLIVEIRA





Velho casarão que fôra Câmara Municipal, Prefeitura, Cadeia Pública e Forum de Sorocaba, de cuja porta principal partia, tôdas as noites, o brado "Arrecoida!..." Em seu lugar foi construído o edifício dos Correios e Telégrafos. Na outra foto, vemos a rua de S. Bento, em 1910.

CAPÍTULO I

ÀS SETE HORAS EM PONTO

CONSTRUIDA sôbre uma colina escarpada de onde se dominava tôda a cidade, a grande mansão desenhava sob o clarão do luar,. os bizarros contornos de uma arquitetura compósita, deixando ver elementos de escolas variadas. No seu primitivo traçado, era êsse casarão de simplicidade colonial, meio quadrado e de amplas dependências. Mais recentemente um gôsto arquitetural menos sóbrio, havia intervindo e lhe dado efeitos de castelo, com um certo número de pinhões e tourrinhas lhe foram adicionados. Três dessas tôrres era de indisfarçável excesso, e, com tôda a evidência, as haviam construido com um só fim de ornamentação. A quarta dessas tôrres, entretanto, alargava e arredondava um salão do terceiro andar, que fazia



parte de um apartamento conhecido pelo nome de "Câmara da Tôrre". Os que já os haviam ocupado consideravam os seus cômodos como os mais agradáveis de tôda aquela grande construção, cujo aspecto geral era a de uma granja.

A casa havia tomado naquela noite os aspectos de festa ainda não vista entre suas paredes. As janelas abertas, iluminadas com profusão, pontilhavam de ouro a vasta fachada. Viaturas de encomendas, automóveis, iam e vinham, uns deixando à porta do serviço as mais deliciosas iguarias, enquanto outros dêsses veículos, iam deixando à porta principal da entrada, ondas e ondas de criaturas adoráveis e bem vestidas.

Na fila de uma dessas ondas de feminilidade como que a esvoaçar diante do edifício, surgiu um pedestre de ar menos festivo. Em face daquele burburinho e farfalhar de sêdas, êle reteve um pouco os passos, de maneira que, ao abrir-se a grande porta de entrada, ainda se encontrava ao pé do terraço que dava acesso à casa. No relance de olhos que êle lançou para o interior da casa, viu que ali reinava o império da alegria entre rosas e luzes. Olhando para as pessoas que enchiam o salão, viu delicadas silhuetas de jovens mulheres trajando as mais belas tualetes, como se fôssem ninfas em assembléia celestial.

— Desejo falar com miss Ballard, miss Mary Ballard.

O porteiro como que compreendeu perfeitamente que aquêle senhor não era da mesma classe dos que estavam a chegar constantemente àquela casa. O motivo que o trazia devia ser de outra espécie. Imediatamente o conduziu para pequena saleta à esquerda da entrada. A saleta estava quase desguarnecida de móveis, vendo-se apenas uma estante com mesa e alguns livros de direito. O móvel era antigo e desgracioso. O visitante avaliou que essa saleta já fôra utilizada como "bureau"; mas, naquele momento, estava cheia de caixas abertas, bem como de outros objetos heterogêneos, tudo mais ou menos amontoado sem ordem, de maneira que ficava apenas ligeiro espaço vazio. Sôbre uma única cadeira dêsse refúgio, o visitante sentou-se.

De súbito uma porta se abriu bruscamente e se fechou novamente. Uma jovem que acabava de surgir, respiração ofegante, a rir muito, deu de cara com êle, exclamando:

— Oh! Peço-lhe que me desculpe! Esperou muito?

Se aquêle encontro houvesse sido na floresta de Sherwood, o visitante teria visto nela uma excelente companheira; se, porém, êsse conhecimento tivesse por cenário o Jardim de Beaucaire, teria êle compreendido que aquela jovem era mais do que isso. Mas, como o recém-chegado não era nenhum herói de romance e balada, notou apenas que aquela moça não era como as demais mulheres que estavam naquela casa, tôdas vestindo ricos modelos de sêda e exibindo jóias. A jovem que o recebia estava vestida com muita simplicidade, sem atavios e exibições de moda. Tinha um ar de singeleza quase infantil, um sorriso agradável e amigo, traindo a emotividade de sua alma pela côr rubra de suas faces, como que para provar que era uma jovem de sangue generoso.

Êle reparou em seu vestir. Linhas de extrema simplicidade, contrastando com os das demais que vira ao subir ao terraço. Todo o seu encanto residia nos reflexos ondeados que sintilavam docemente como no interior de uma concha. A um movimento mais vivo do vestido, descobria os pés delicados metidos em sapatos de elegante feitio.

À cabeça original gorro de tecido prateado, mantinha comprida a basta cabeleira loura. Seus olhos tinham a côr do mar tempestuoso, de um cinzento sombrio, expedindo um clarão verde.

O visitante não chegou a notar tudo isso assim de chofre, mas apenas aos poucos, quando a seguiu em direção às "Câmaras da Tôrre" e foi observando melhor aquela criatura adoràvelmente simples. Tendo ela repetido desculpas pela demora em recebê-lo, o visitante se mostrou delicado:

— Sinto bastante vir incomodá-la; mas

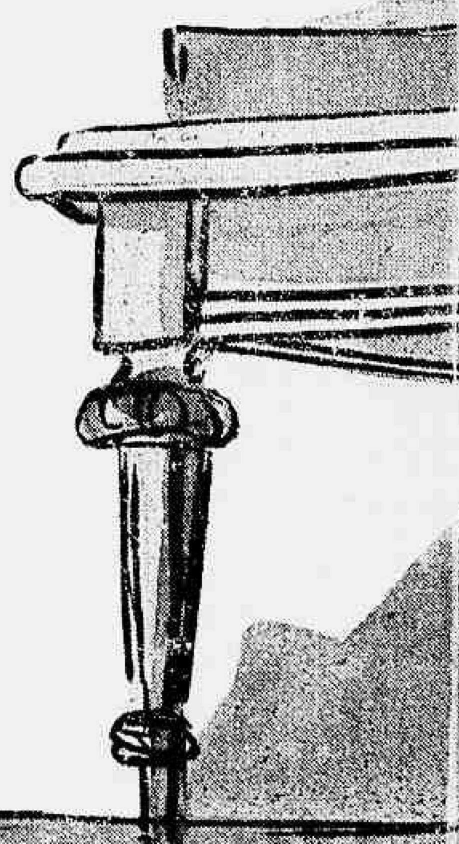


Ilustração de JERÔNYMO RIBEIRO
Tradução de RENATO DE ALENCAR

Insatisfeita

Por IRENE TEMPLE-BAILEY

como a senhorita me havia dito "às sete horas..."

— Justamente. Era a única hora em que poderíamos ver os cômodos. Minha irmã e eu os ocupamos, e Constante se casa esta noite.

Estava explicada a razão do esplendor daquela festa com tanta mulher vestida de sêda. Era também êste o motivo por que ela, aquela mocinha, trajava assim.

— Vamos até lá.

A moça o precedeu atravessando um corredor estreito dirigindo-se para algumas escadas que se viam na obscuridade.

— Não utilizamos muito estas escadarias; mas vamos por aqui a fim de evitarmos o tumulto que há no outro vestíbulo.

De andar em andar, chegaram ao terceiro e último, onde ela pára e diz:

— Bem. Preciso certificar-me de que ninguém está aí. Quer fazer o favor de esperar-me até que eu volte?

Instantes depois a moça voltou comunicando que o ambiente estava livre. Seguiram então até à sala que havia sido ampliada e arredondada pela quarta tôrre. Era um salão amplo com fôrro e lambris de carvalho escuro. O mobiliário confortável e de amplas proporções, estava coberto de couro vermelho já desbotado. Sôbre grande mesa quadrada uma lâmpada de cobre espargia luz coada através de um abajur baixo. Havia uma chaminé com "manteau", vendo-se sôbre a mesma dois bustos.

Mas não foram estas coisas que mais chamaram a atenção de Roger Poole de modo tão acentuado. Em tôda a longitude das paredes se viam velhos livros muito bem encadernados bem como outros novos com capas de couro fino, de poetas, filósofos, profetas de todos os tempos. À medida que os seus olhos percorriam as estantes, compreendia que ali, naquele meio letrado, continuava a viver e a palpitar o espírito de um verdadeiro bibliófilo, um homem ilustre que não se entretinha apenas a selecionar obras por vaidade e sim por prazer intelectual. O possuidor daquela biblioteca havia sentido o palpitar do coração do universo.

— Aqui temos o pequeno salão, explicou a moça. O quarto de dormir, bem como o banheiro, dão diretamente sôbre êste compartimento.

Mary abriu uma porta de comunicação.

— Êste quarto está numa desordem horrível. Mas é que acabamos, justamente de terminar a preparação do vestuário de Constance. Ela está agora lá em baixo, no toucador. Amanhã faremos suas malas para as remeter. Se o senhor decidir alugar êstes cômodos, poderemos colocar nos seus lugares a mobília do quarto de dormir de meu pai. Êle ocupava êste apartamento e para cá havia trazido os seus livros depois da morte de mamãe.

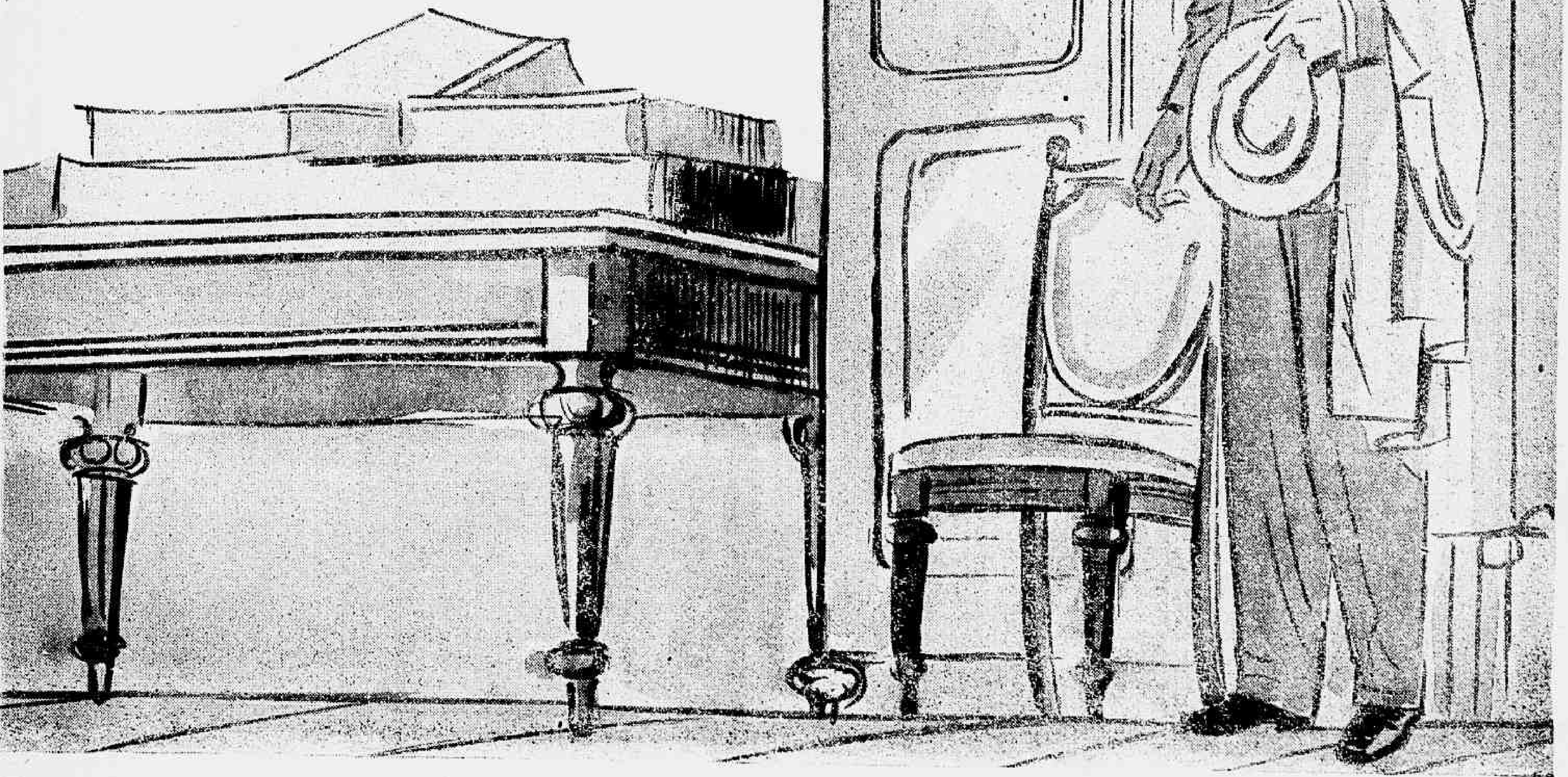
O visitante se demorou a olhar com atenção a sala em que estavam. Se a velha casa tinha resplandecido lá em baixo sob a luz rosada, o coração dessa rosa estava ali. Dois pequenos leitos brancos estavam colocados lado a lado em uma alcova. Ambos estavam recobertos de lençóis de rendas, bem como o grande divã refletia a mesma côr rósea encantadora. Com todo êste colorido faiscante, notava-se, entretanto, a frescura da maior simplicidade. Dois grandes castiçais de cristal sôbre a penteadeira, algumas fotografias em quadros de prata ou com moldura de marfim, eram os únicos ornamentos.

Mas, fôsse por que fôsse, reinava por todos os cantos encantadora confusão. As mais delicadas coisas estavam arrumadas pela metade nas malas abertas. Roupas brancas de tecido transparente boiavam pelos cantos à espera de um trabalho inacabado. Pequeninas coisas femininas se viam em seus receptáculos; chapéus muito bonitos ainda por guardar. Um buquê de rosas para as "demoiselles d'honneur" estava sôbre uma cadeira. Mary Ballard apanha-o ao passar por ali e pergunta com certo ar de humildade:

— Acha que êstes cômodos lhe servem?

Se agradavam! Êle estava como quem se vê às portas do Paraíso perdido e só tem um desejo: o de entrar. Havia ali tudo o de que se privara havia cinco anos. Cinco anos a viver em quartos mobiliados ou em hotéis medíocres, e agora uma oportunidade de viver num ambiente confortável como jamais vivera!

(Cont. na pág. 55)



SUMÁRIO

REPORTAGENS

A guerra que começou dentro de casa (José Asmar) 3/5
Perdidos na Floresta 12/17
Evas sem saias invadem São Paulo (Domingos De Lucca Jr.) 19/23
Dragões da Independência 32/34

LITERATURA

Sorocaba dos velhos tempos (Afonso Celso de Oliveira) 7
O Colar (Arnaldo Bittencourt Marchetti) .. 26
A Moeda de Prata (Bruno Pave) 38
Acende tua lâmpada (Lyse) 39
Semana Literária (Edmundo Lys) 52/53

ROMANCE

A Insatisfeita (Irene Temple Bailey) 8/9

SEÇÕES PERMANENTES

Semana em Revista 10/11
Personagem da Semana 11
A Saúde do Bebê (Dr. Saboia Ribeiro) 46
Puxe pelo Cérebro 50
Palavras Cruzadas 51
Tudo isto aconteceu 56/57
A REVISTA há 50 anos 58

EXTRA

O Diário de James Forrestal 30/31

TEATRO

O Complexo de Meu Marido 27/29

HUMORISMO

Burocracia — ("Charge" de Theo) 6
Êste mundo e o outro (Darcy) 35

FEMININAS

Figurinos de Ramon 36/37
Plissados 39
De Schiaparelli 40/41
Week-End na Cozinha 42/43
Quatro Chapéus 42/43

CINEMA

Os Três Espelhos (Cine-Novela) 44/45

FOLHETINS

Romance no Hudson 48
Uma jovem do outro mundo 49

CURIOSIDADE

Estarão lendo mesmo? 24/25

FOTOS:
Indaiassú Leite — Dario Terini — Hélio Joice — Avulsas — Arquivo.

ILUSTRAÇÕES:
Gil — Oswaldo Cunha — Rafael



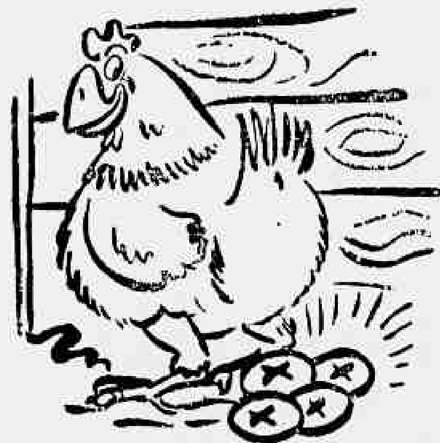
NA CAPA:

Elizabeth Scott
(Foto Paramount)

A SEMANA

OVOS MARCADOS

NOS trabalhos da CCP (Comissão Central de Preços), órgão regulador do custo da vida entre nós, voltou à baila o caso da marcação dos ovos para o consumo público. Isso se fêz, há alguns anos passados. Ovos de granja, ovos comuns, todos vinham com um carimbinho indicando a origem e a data. Também se usou muito, em tôdas as casas do gênero, uma lâmpadazinha dentro de uma caixa com um furo, através do qual o vendedor examinava à luz da lâmapada o estado dos ovos, sem o que o freguês não comprava. Ôvo góro, com pinto ou seu projeto lá dentro, fica negro à luz; ôvo bom, sadio, em condições de servir de alimento, é transparente, rosado, sem manchas suspeitas. Mas, desde muito que os senhores quitandeiros não usam o processo de examinar os ovos à luz das lâmpadas. Pede-se uma dúzia de ovos e o vendedor mete-a num saquinho de papel, sem que o comprador saiba se está comprando ôvo podre ou não. Sòmente em casa, ao abri-los, é que ficará sabendo se comprou gatos por lebre. E já é tarde. Nenhum vendedor aceita reclamação. Comprou, comprou e pronto. está acabado. Mas, voltando ao caso das marcas nos ovos. Os vendedores não acham graça nenhuma nesse regime. Querem vender caixas do produto sem qualquer outra preocupação. O consumidor que se aguente. Mas é preciso esclarecer que o assunto não é novo, nem nosso. Há uma convenção internacional que regulariza o caso, e muitos países europeus usam o carimbo nos ovos. E no Brasil, nós nos comprometemos a obedecer àquela Convenção, pelo menos para a exportação. E se os criadores não quiserem ter trabalho, que consigam um meio de as galinhas botarem ovos já carimbados...



TEATRO AMBULANTE



TÔDAS as nossas casas de espetáculo estão ocupadas. A temporada do palco se anima e há crise de localidade para estréias de outras emprêsas. Diante dessa dificuldade, a companhia de Nicette Bruno não podia atuar no Rio. Mas, nos tempos atuais, tudo se consegue. Basta um pouco de esfôrço e... dinheiro, é claro. O empresário Halfeld fazia questão de mostrar ao carioca os espetáculos da companhia Nicette Bruno. A falta de casa seria o menos. E o ativo empresário não perdeu tempo: mandou buscar nos Estados Unidos um teatro desmontável. E' uma estrutura sólida, de madeira e alumínio. Ainda é coisa desconhecida no Brasil, mas muito comum nos Estados Unidos. Essa casa de espetáculos feita "à moda", deverá chegar ao Rio dentro de poucos dias. Talvez até já esteja montada quando êste tópico sair a público, pois o tempo é hoje muito mais rápido do que ontem. Antigamente, as viagens entre os Estados Unidos e o Rio levavam meses; depois, passaram a semanas, e hoje levam horas. Dentro de algum tempo mais, serão minutos... Desta maneira, iremos ver dois espetáculos: um, o artístico, com o elenco da Nicette Bruno no palco a mostrar-nos teatro de outro sabor; e o outro, o espetáculo absolutamente inédito de armar-se um teatro de madeira e alumínio num abrir e fechar de olhos. Aí está uma novidade que bem poderia ser adaptada às nossas necessidades. Teatros ambulantes dessa natureza aí pelo interior, ou mesmo pelos subúrbios do Rio, dariam muito resultado, e não teríamos excelentes conjuntos artísticos a passar fome por falta de casa...

O PÃO NOSSO...

UMA notícia das mais alviçareiras, é esta que saiu em jornais aí pelo meado de setembro: uma variedade nova de trigo acaba de ser obtida em Minas Gerais. Trata-se da BH-1146, e que apresenta características superiores a tôdas as outras espécies cultivadas ali e em qualquer outra parte do país. O agrônomo especializado na cultura do trigo, sr. Iwar Bechman, técnico da Estação Experimental de Bagé, no Rio Grande do Sul, selecionador das variedades "Frontana", "Rio Negro" e "Bagé", ficou encantado com a BH-1146" que está dando em Minas. O citado agrônomo está percorrendo as terras montanhesas de solo e clima propícios à cultura do trigo, e se mostra admirado com a fertilidade das terras de Minas Gerais. Efetivamente, Minas, há três anos passados, produzia apenas uns setenta mil quilos de trigo. No ano passado, porém, apesar dos processos de rotina e ausência de fomento científico entre os seus agricultores, a safra de trigo se elevou a mais de meio milhão de quilos. Não é nada em face do consumo do próprio Estado; mas já representa um indício do que será a cultura do trigo naquele Estado, dentro de uns cinco anos, caso os poderes públicos de lá e da União, queiram amparar essa lavoura, base da riqueza de muitos países e imprescindível à mesa de ricos e pobres. Esta notícia é alviçareira porque, nestes últimos dias, falam que vamos novamente comer o "pão que o diabo amassou", isto é, pão misto, com farinha ordinária e arroz. Se o trigo dá tanto assim e em tão pouco tempo, por que não intensificar sua cultura, a fim de comermos pão mesmo?



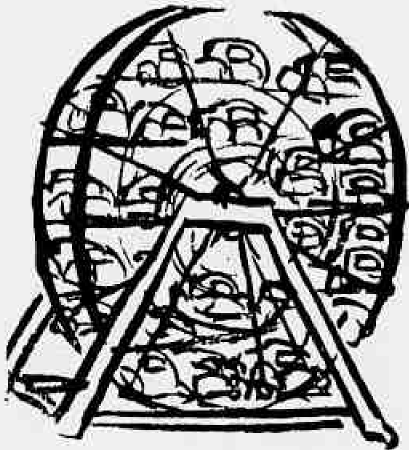
EM REVISTA

SEMANA TRÁGICA



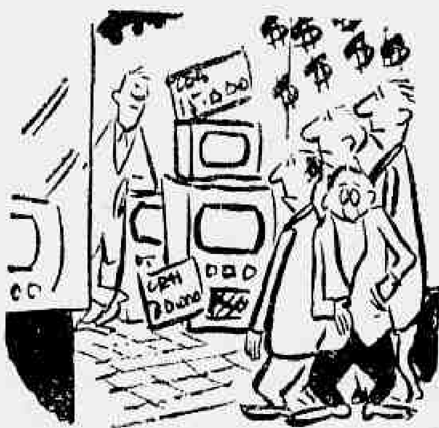
FOI das mais lutuosas a penúltima semana de setembro. De norte a sul do país se verificaram verdadeiras tragédias em terra e no ar. Em Pernambuco, na estrada Paulista-Recife, deu-se o maior desastre de ônibus daquela região. Em Campinas, S. Paulo, desaba um cinema repleto de espectadores, na maioria crianças, morrendo mais de trinta pessoas e saindo feridas mais de duzentas, algumas com tanta gravidade que não poderão escapar. No Rio, num só dia, para não registrar acidentes cotidianos, houve nada menos de nove incêndios, um dêles de grandes proporções, devorando uma fábrica de tecidos, com prejuízos acima de trinta milhões de cruzeiros. Para coroar a série de desgraças, uma aterragem forçada de um avião particular nos arredores de Resende, em plena floresta, felizmente sem vítimas, e um desastre de avião na linha Rio-São Paulo, morrendo dez pessoas e a tripulação do aparelho. Nesse desastre desaparece um dos mais cultos escritores brasileiros, também jornalista e dos melhores: Galeão Coutinho. Autor de romances de primeira ordem, o confrade residia em S. Paulo, onde militava na imprensa, dirigindo jornais de grande circulação e conceito; era membro da Associação Brasileira de Escritores, seção paulista, e estava tratando de voltar para o Rio, onde residira antes. Galeão Coutinho era um espírito jovial, sempre alegre, cavalheiresco e sincero. Onde se achava a palestra era animada, fluente, pitalgada de piadas e anedotas hilariantes. Perde o Brasil um filho ilustre, e a classe jornalística um dos mais eficientes elementos. Semana trágica, terrivelmente trágica.

GARAGEM ORIGINAL



O problema do tráfego é cada vez mais sério no Rio. Do tráfego e da guarda de carros por falta de garagem. Vejam-se nossas praças e ruas, de dia ou de noite. Filas enormes de carros ficam ao relento, tôdas as noites, encostados ao meio-fio por falta de garagem. Durante as horas de trabalho, um cidadão tem que deixar seu carro em locais distantes do seu escritório, porque o centro da capital não comporta mais uma só vaga para o seu veículo. Em Copacabana, as filas de autos atravancam os próprios pontos de parada de bondes e de ônibus, com risco de atropelamentos dos passageiros que saltam dos coletivos, ou os vão tomar. A inspetoria de veículos devia proibir, terminantemente, que autos ficassem estacionados nos lugares de paradas de bondes e ônibus. E' um abuso que traz perigos aos passageiros. Já não tem sido pouco o número de acidentes ocasionados por êsse estacionamento inconveniente. Mas só tomaremos providências quando houver algum de natureza fatal. E' a eterna história de só colocar trancas às portas depios de roubado. Para resolver a crise de lugares de estacionamento de automóveis, que também há, e grave, em outros países do mundo, o professor italiano Vailati Bergamo imaginou uma garagem engenhosa. O professor construiu um modêlo para mostrar que a coisa é fácil: sôbre base sólida, uma espécie de "Roda Gigante" de parques de diversão, vai sendo movimentada e apresentando plataformas que se vão enchendo de carros. Assim, com pouco espaço, dezenas de automóveis podem ser arrumados. Se não der certo, pelo menos, as crianças acharão um encanto, êsse brinquedo para marmanjos...

ACIONARÁ O PREFEITO



A televisão está provocando crises de variados aspectos. Segundo estatísticas vindas dos Estados Unidos, os grandes e poderosos estúdios de Hollywood estão em pânico. Tôdas as grandes emprêsas fílmicas registram grandes prejuízos. São milhões e milhões de dólares que deixam de entrar em seus cofres pelo fato de a televisão estar matando o cinema. Milhões de pessoas já se deixam ficar em casa para ver "cinema" no rádio, deixando as salas de projeção às môscas. E isso está sucedendo agora, quando ainda a distribuição de aparelhos receptores é pequena. Imagine-se o que não sucederá dentro de uns cinco anos, com uma rêde de transmissores de televisão e milhões de aparelhos receptores espalhados por tôdas as residências de países populosos! Mas o caso da televisão já não perturba apenas os magnatas de Hollywood. No Rio acaba de irromper uma questão bastante curiosa. Na Câmara Municipal do Distrito Federal o vereador Leite de Castro propôs um voto de louvor à Rádio Tupi pela iniciativa de transmitir óperas pela televisão. Um colega do proponente, sr. Luís Pais Leme, não concordou com a manifestação por julgar que a televisão não devia ser explorada por particulares, e sim um monopólio do Estado. Contrariando ainda a proposta, o vereador Magalhães Júnior entende que o povo não lucrou nada com a transmissão pública, uma vez que os receptores custam uma fortuna. E agora o final: a SBAT (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais) vai acionar o Prefeito carioca, por haver permitido a transmissão, ferindo direitos de terceiros. Como vemos, a televisão promete...

A PERSONAGEM DA SEMANA



JÁ disse um pedagogista, que a sociedade humana devia cuidar da criança, cento e cinqüenta anos antes de elas nascerem. Pode parecer absurda esta sentença. Mas, o que desejava dizer o educador, era que os responsáveis pela civilização deviam cuidar, com o maior carinho, da melhoria da espécie humana, abolindo os vícios, os hábitos prejudiciais às gerações futuras, de maneira que de casais fortes, sadios e educados, surgissem gerações de primeira ordem, tanto na órbita física, como na moral. No Brasil já muito se tem feito e se vem fazendo para a defesa da criança. Mais não se pode fazer em virtude das dificuldades inerentes a uma nação de baixo nível de vida como a nossa, o seu tremendo problema das distâncias e o precário grau de cultura do povo. Mas já temos progredido sensivelmente. Instituiu o govêrno, há muitos anos, a "Semana da Criança", de 10 a 17 de outubro. Nesses sete dias, as instituições culturais, associações de classe, a imprensa, clubes, centros religiosos, etc., se congregam no sentido de darem o mais alto brilho às comemorações de uma parcela de nossa pátria que merece todos os cuidados e todos os carinhos. Tudo o que se fizer em prol da criança brasileira, de sua educação, de sua cultura, de sua defesa orgânica, é pouco. E que ninguém se esqueça das crianças dispersas pelas fazendas, pelos povoados e vilas do interior do país, somando vultosa população a exigir escolas, hospitais, creches e educação alimentar. E' a Criança a personagem da semana, um símbolo de nossa nacionalidade ainda jovem, preparando-se para as competições da vida, num mundo marcado de divisões e desentendimentos. Que a criança de hoje, trilhando a estrada certa que leva a futuro certo, possa construir uma pátria cada vez mais forte e respeitada que honre o seu passado e seja orgulho para os que estão a surgir.

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. — Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

Homens que trabalham

Se V. S. sofre de prisão de ventre e esqueceu-se de tomar **Ventre-Livre** ontem à noite, antes de dormir, não esqueça hoje.

Tome uma dose de **Ventre-Livre** hoje à noite, antes de ir para a cama, que amanhã passará o dia bem e trabalhará com prazer.

Os homens ativos, que trabalham com afinco, devem cuidar especialmente da saúde, pois precisam ter o estômago, os intestinos, o fígado, enfim todos os órgãos, e também os nervos, em bom estado, para conservar as suas energias.

A prisão de ventre intoxica o organismo, abate as fôrças e, por conseguinte, diminui a capacidade de trabalho.

Combata a prisão de ventre sem perda de tempo, usando **Ventre-Livre.**

Ventre-Livre tonifica as camadas musculares do estômago e intestinos e limpa os das substâncias infectadas e fermentações tóxicas, verdadeiros venenos, que perturbam as funções de todos os órgãos e causam tão grande mal aos nervos.

Tome **Ventre-Livre** hoje, à noite.

* * *

Lembre se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

* * *

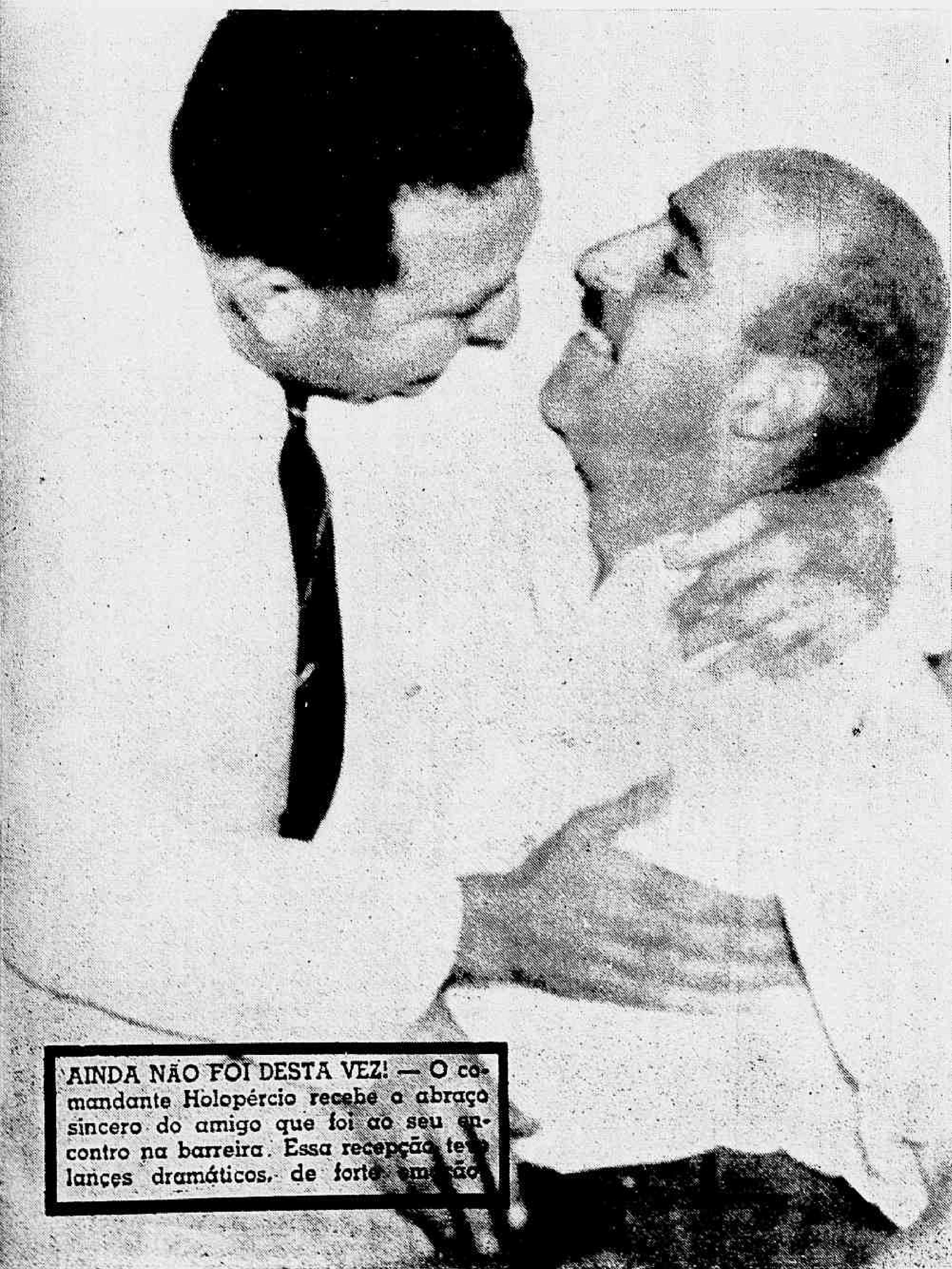
Tenha sempre em casa
alguns vidros de Ventre-Livre

O MILIONÁRIO E SEUS COMPANHEIROS

PERDIDOS NA FLORESTA

COMO NOS FILMES...

VIVE O DEPUTADO OSVALDO COSTA UMA GRANDE AVENTURA QUE DINHEIRO NENHUM PODE PAGAR ★ A "PANE" DO TECO-TECO E A GRANDE JORNADA DE VOLTA ★ O BANQUEIRO ALIMENTA-SE DE RAIZES NAS MATAS DE RESENDE ★ COBRAS, ONÇAS, FOME, PÉS SANGRENTOS, ABISMOS E QUATRO PASTILHAS DE HORTELÃ-PIMENTA ★ FINALMENTE A CASA DO CABOCLO ★ SALVOS... MAS QUE PESADELO! ★ INVOCAÇÃO A DEUS

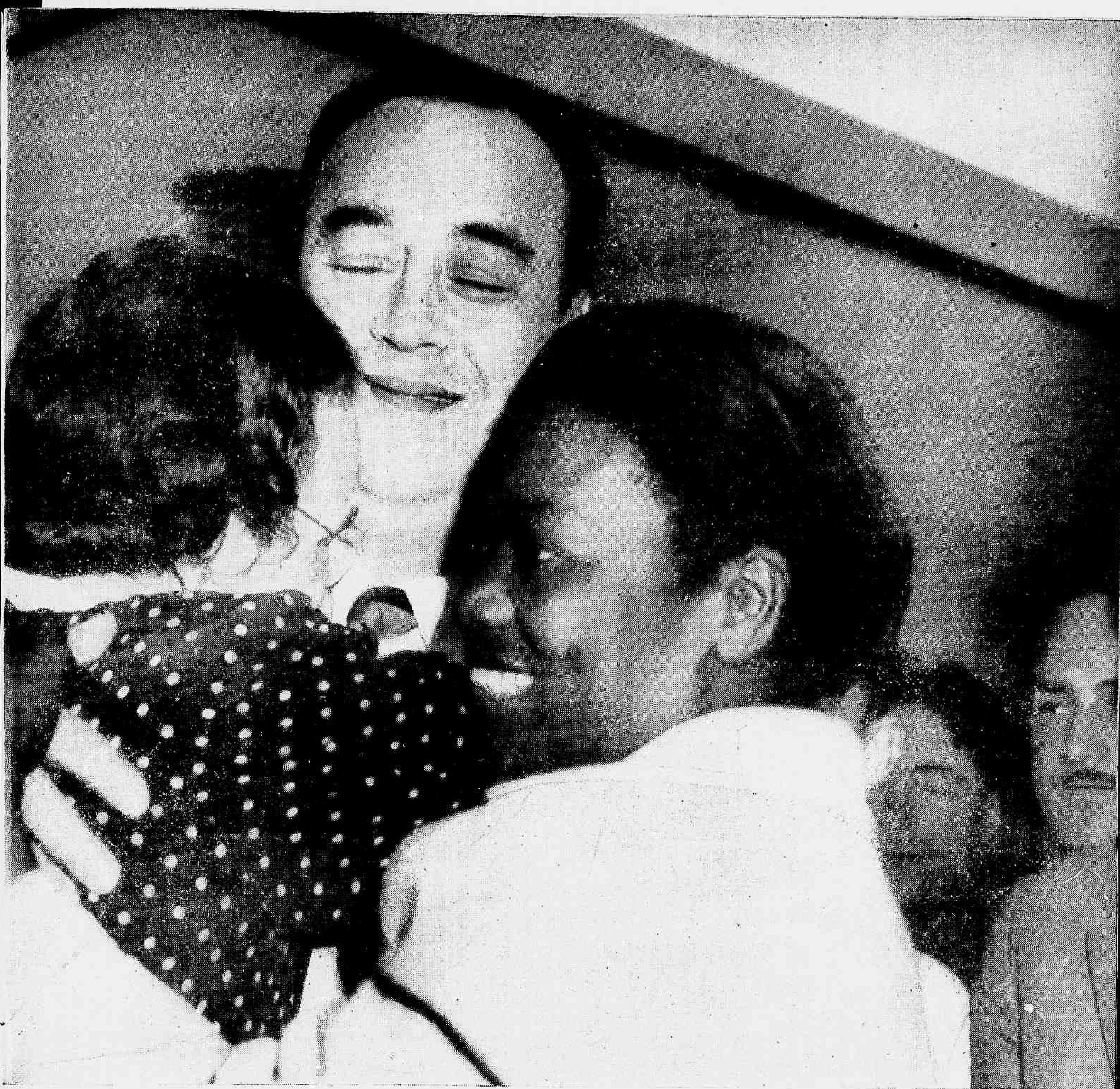


AINDA NÃO FOI DESTA VEZ! — O comandante Holopércio recebe o abraço sincero do amigo que foi ao seu encontro na barreira. Essa recepção teve lances dramáticos, de forte emoção.



A VOLTA AO LAR — Todos, em casa do deputado Osvaldo Costa, o receberam com vivas expressões de carinho e todos disputavam o primeiro abraço

ÀS primeiras horas da tarde de sábado, 15 de setembro, o deputado federal e banqueiro Osvaldo Costa, acompanhado de duas jovens, a doméstica Maria do Rosário Dias e uma filha desta, de nome Etelvina, embarcava no Aeroporto Santos Dumont, com destino a Poços de Caldas. Para a viagem, utilizava o avião PP-AKD (téco-téco) de sua propriedade, cuja direção estava confiada ao comandante Hólopercio Lins. Naquela estância mineira, ia o milionário visitar uma filha, Ligia Maria, que o esperava com natural interêsse. Mas as horas passaram-se e o aparelho não deu sinal de vida, assustando a menina. Resolveu telefonar para o Rio — e deu-se o alarme. Desde logo as emissóras em edição extraordinária incumbiam-se de divulgar a notícia: Estava desaparecido o avião do deputado Osvaldo Costa. E na manhã de domingo, êsse era o noticiário predominante nas gazetas. Em desespêro, as famílias reclamavam providências e estas eram tomadas sem demora, partindo vários aviões de socorro para cumprir a rota do téco-téco, mas sem encontrar o menor vestígio, nada que pudesse implicar numa pista. E o mau tempo, espessas zonas de neblina, impediam que o mistério fôsse desvendado, tendo os aparelhos de regressar às respectivas bases sem a menor informa-



do parlamentar, que nesse dia pràticamente ressuscitava. Até os serviçais de sua residência lhe caiam nos braços, chorando de emoção — e foi improvisada uma festinha que se prolongou por muitas horas. Houve discursos, vivas, mais abraços e lágrimas, agora de alegria. . . Os nervos, enfim, se acalmavam.

ção positiva. Assim passou a segunda-feira, com todo o país em forte espectativa, e ainda na têrça a situação permanecia a mesma; ou melhor, já então desapareciam as esperanças de serem encontrados com vida os passageiros do PP-AKD. Os primeiros necrológios foram aparecendo nas colunas dos jornais, enquanto no Tribunal Superior de Contas era convocado para a Câmara de Deputados, onde iria preencher a vaga do sr. Osvaldo Costa, «desaparecido num desastre de aviação», o sr. José Rodrigues Seabra, que era o primeiro suplente da legenda respectiva...

Na casa do banqueiro e deputado, diziam os repórteres, respirava-se uma atmosféra de câmara ardente. E cada parente tinha uma face atônita de insônia. Ao mesmo tempo apareciam as primeiras homenagens oficiais, tendo a Assembléia Legislativa de São Paulo interrompido seus trabalhos para reverenciar a memória do «ilustre extinto»...

Foi quando já não subsistia dúvida nenhuma quanto à morte do milionário e de seus companheiros, que a notícia alviçareira circulou. Estavam todos vivos! Êle, o pilôto e as duas companheiras da atormentada viagem! A sensação geral era a de uma ressurreição, já que ninguém esperava tão auspicioso acontecimento... À residência do comandante Hólopercio chegava a primeira telefonema, feita de Rezende, onde se encontravam as vítimas do desastre, porque desastre realmente ocorrera. Estavam todos naquela cidade fluminense, são e salvos... E ao ouvir a voz do espôso, dona Olinda perdeu os sentidos, desmaiando de emoção. Também a menina Ligia Maria, filhinha do deputado, recebia idêntica participação feita pessoalmente pelo pai, em Poços de Caldas.

— Papai está salvo! — gritava a criança entre chôro convulsivo. Está salvo, graças a Deus...

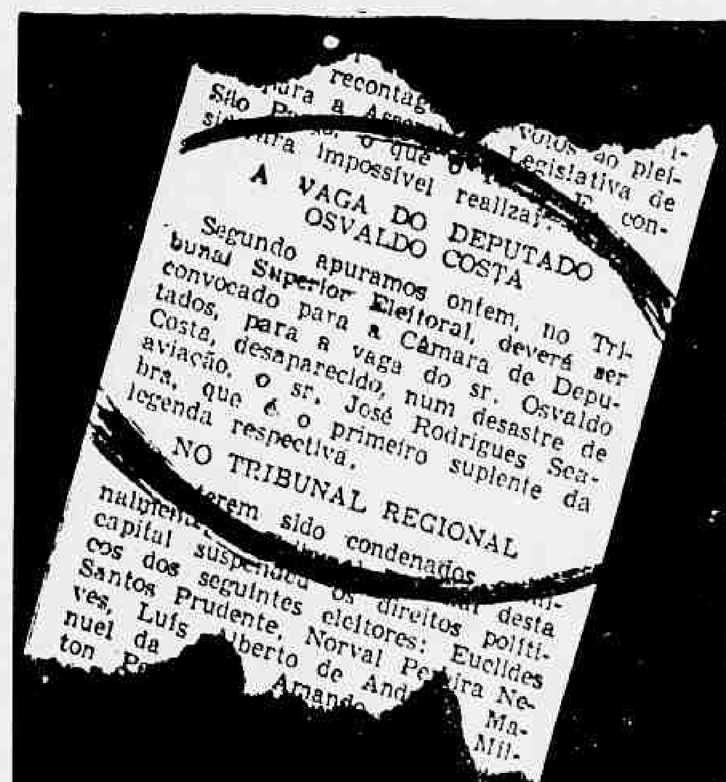
Sem demora Ligia Maria era conduzida para o Rio, onde viria juntar-se aos outros entes queridos, e o grande número de amigos do deputado, para aguardarem os heróis dessa movimentada aventura.

Deu-se o encontro na barreira de separação entre o Estado do Rio e esta capital, às duas horas da madrugada de quarta-feira, 19. E cada qual voltou para sua residência, onde os aguardavam pelotões de repórteres e fotógrafos...

O DESASTRE

Todos queriam saber como haviam conseguido salvar-se os passageiros do téco-téco. Foi o comandante Lins que se incumbiu de explicar:

Voavamos normalmente, apesar de um pouco de neblina, já em plena serra da Mantiqueira. Estavamos a uma altura de 1.800 metros, sôbre a Serra do Condado ou do Picu, na altura da divisa entre



A VAGA DO DEPUTADO OSVALDO COSTA

Segundo apuramos ontem, no Tribunal Superior Eleitoral, deverá ser convocado para a Câmara de Deputados, para a vaga do sr. Osvaldo Costa, desaparecido, num desastre de aviação, o sr. José Rodrigues Seabra, que é o primeiro suplente da legenda respectiva.

NO TRIBUNAL REGIONAL

QUE PRESSA! — Na manhã em que o deputado reapareceu, os jornais já noticiavam a escolha do seu substituto na Câmara...

PERDIDOS NA FLORESTA



O CABOCLO Manuel Viriato da Silva, que acompanhou o grupo até ao Rio, depois de lhe dar casa e comida — café com farinha...

Minas e o Estado do Rio, quando o «piper» sofreu uma «pane» no motor. Percebi claramente que o nosso destino seria a morte certa, se a Providência não nos ajudasse. Não havia campo onde fazer um pouso forçado, para situações como a que atravessavamos. Num relance pensei na única saída possivel: duas árvores divisaram em boa distância à minha frente, destacando-se, paralelamente, sôbre as demais. Não tive dúvidas, joguei o avião num «stal» sôbre as árvores, para que estas, pegando as azas do aparelho, amortecessem a sua queda, expondo a cabine o menos possível. E graças a Deus tive sorte. A manobra saiu perfeita: as duas azas arrebentaram-se sôbre as árvores, uma de cada lado, mas a cabine caiu num baque sêco ao sólo, queda que foi ainda amortecida pelas árvores menores e pela ramagem, ficando quase que intacta. Mandei que meus companheiros abandonassem imediatamente o aparelho, pois seria possível que um pingo de gasolina sôbre as velas do motor e o fio elétrico provocassem um incêndio que, felizmente, não ocorreu. Foi melhor assim — contou com muita simplicidade o bravo pilôto.

FALA O SR. OSVALDO COSTA

— Milagrosamente estamos salvos — declarou o deputado Osvaldo Costa à reportagem. Mas passamos dias e noites amargas, e senti bem de perto quanto vale o espírito de fraternidade, em momentos assim. Não esquecerei jamais a emoção, a expectativa cruciante por que passamos naqueles minutos decisivos, quando o aparelho ia descendo e ignoravamos o nosso destino. Era quase certo, senão infalivel, que ali encontrassemos a morte imediata. Mas tal não aconteceu. Saimos do aparelho, todos salvos, tiramos dêle uma bateria pensando na necessidade que teriamos de luz, pois nem fósforos tinhamos... As garrafas de guaraná que traziamos, quebraram-se tôdas, com exceção de uma que também se partiu mais tarde. Ficamos reduzidos a quatro pastilhas que foram o nosso alimento durante três dias de penosa caminhada pelas matas. De uma vez, a fome era tanta que tive de me valer de uma raiz de nem sei que planta. Comi-a escondido para que ninguém me imitasse, pois alguém poderia ser envenenado. Não senti nada, mas não revelei o fato aos meus companheiros, com mêdo de que o envenenamento acontecesse mais tarde.

E continuou:

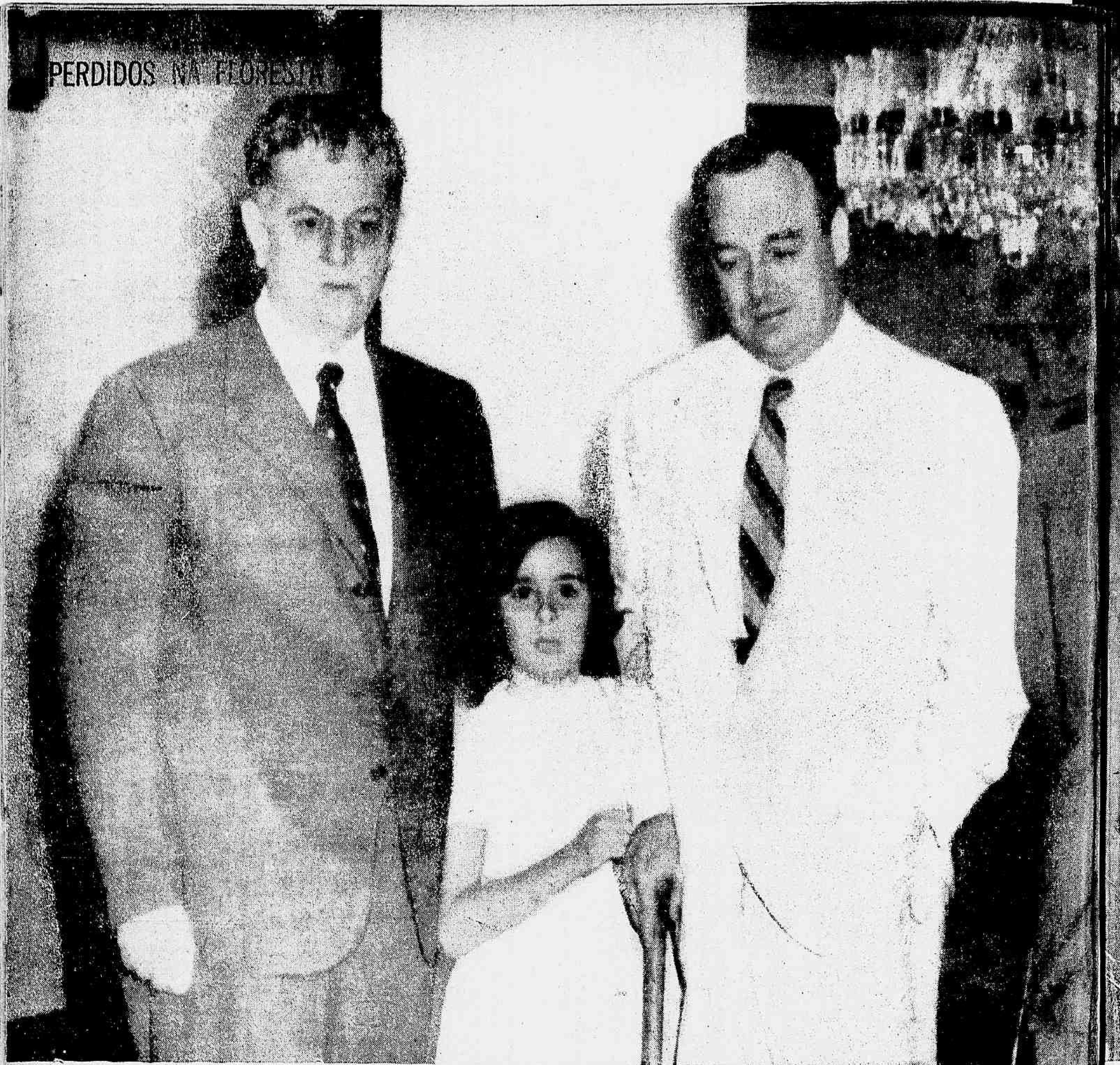
— Como estavamos na parte alta da montanha, tivemos de descer, em busca de um rio, que foi o primeiro ponto de referência para sair da de[illegible]tação em que ficamos. Ás vêzes tinhamos que [illegible] valas e pequenos abismos, agarrando-nos aos cipós para aguentar o corpo em subidas dificeis. Nessa noite pernoitamos em plena mata, mas não dormimos. A região é infestada de onças e não tinhamos nenhuma arma. Estavamos munidos de [illegible] eu e o comandante Lins. Claro que tivemos mêdo, principalmente das cobras. Felizmente nada aconteceu e na noite seguinte o comandante Lins



QUE SUSTO, OH! — Maria do Rosário e Etelvina Junqueira, as duas jovens que acompanhavam o deputado Osvaldo Costa, participaram da emocionante peripécia e têm muito o que contar. Amigas, parentes e companheiras foram procurá-las para saber se tinham mesmo visto onça de perto e se haviam passado por grandes sustos. Agora, elas preferem esquecer.



QUE BICHO É ÊSSE? — «Seu» Mané veio pela primeira vez ao Rio e ficou abafado. Tem gente até de pedra e mármore, pelos jardins da cidade... Êle prefere a vida calma no sítio das matas de Rezende, o «Dois Irmãos», onde vive com a mulher e dois filhos pequenos. Foi quem arranjou as montadas para a turma perdida — e, afinal, ganhou um amigo milionário!



PAI E FILHA JUNTOS — Ligia Maria, que se achava no Colégio S. Domingos, em Poços de Caldas, está agora feliz, ao lado de papai querido. Foi ela a primeira a receber a comunicação telefônica do deputado, vindo imediatamente para o Rio. Aí o vemos, de fisionomia ainda mal disfarçando as emoções por que passou.



me avisou que uma onça estava à nossa frente. Seus olhos fuzilavam nas trevas. Felizmente retirou-se...

A VOLTA AO AVIÃO

— Mas nada de encontrar um caminho certo — continuava o deputado Osvaldo Costa. Se não acertassemos com uma rota, morreriamos de inanição, perdidos na floresta. Resolvemos voltar ao aparelho abandonado, vencendo novamente uma distância superior a doze quilômetros, em marcha estafante, todos mortos de fome. Não havia peixe no rio, nenhuma ave que pudessemos abater, para o que já imaginaramos vários estratagemas. Ainda bem que o nosso moral não se abateu, tendo se mantido com grande bravura as duas jovens que nos acompanhavamos...

— «Finalmente apanhamos a bússola no aparelho e renasceram as nossas esperanças. Por meio dela rumamos em direção a Rezende, abandonando o lei-

CONVERSA EM FAMILIA — Reintegrado à civilização e à sua vida familiar, o deputado conta aos amigos, detalhes das peripécias por que passou nos três dias de angustiosa jornada.

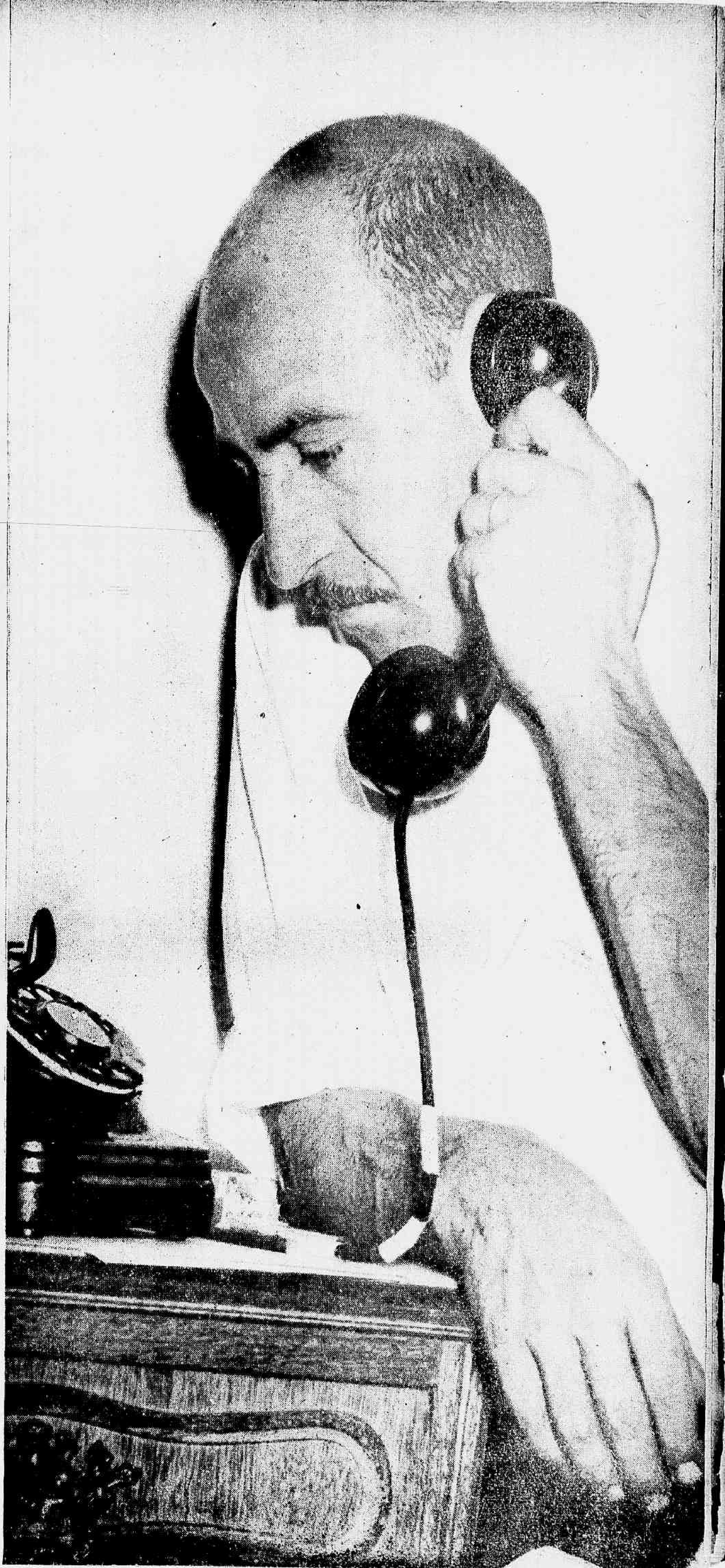


Durante os dias cruciantes do desaparecimento, sua tensão nervosa foi imensa. Na gravura, o deputado Benedito Valadares, que foi abraçar o amigo.

to do rio e subindo e descendo montanhas... Na parte da manhã do terceiro dia, subimos a um monte mais elevado de onde nos parecia vêr uma trilha e pedimos auxílio, gritando com tôda a fôrça de nossos pulmões. Ninguém respondeu. Descemos novamente, e com a graça de Deus fomos ter a uma pequena plantação de milho. No sopé da montanha, um pouco distante, percebemos que **alguém se movimentava**. Apressamos os passos, sempre gritando e gesticulando, vimos que a salvação vinha ao nosso encontro! Um ser humano, finalmente, era o sitiante Manoel Viriato da Silva, **caboclo que vive** isolado do mundo naquelas **paragens, e que foi o** nosso grande amigo. Estavamos sújos, **em parrapos**, famintos, cheios de sono. **Êle** nos deu **café com farinha**, enquanto sua senhora preparava **comida mais** forte para saciar o nosso apetite: **arroz, feijão** e macarrão. Que pitéu, amigos! Não o trocariamos pelo maior banquete do mundo...

Nessa noite todos dormiram na choça do sitiante. Cairam na cama e dormiram tanto que Manuel Vi-

(Cont. na pág. 54)



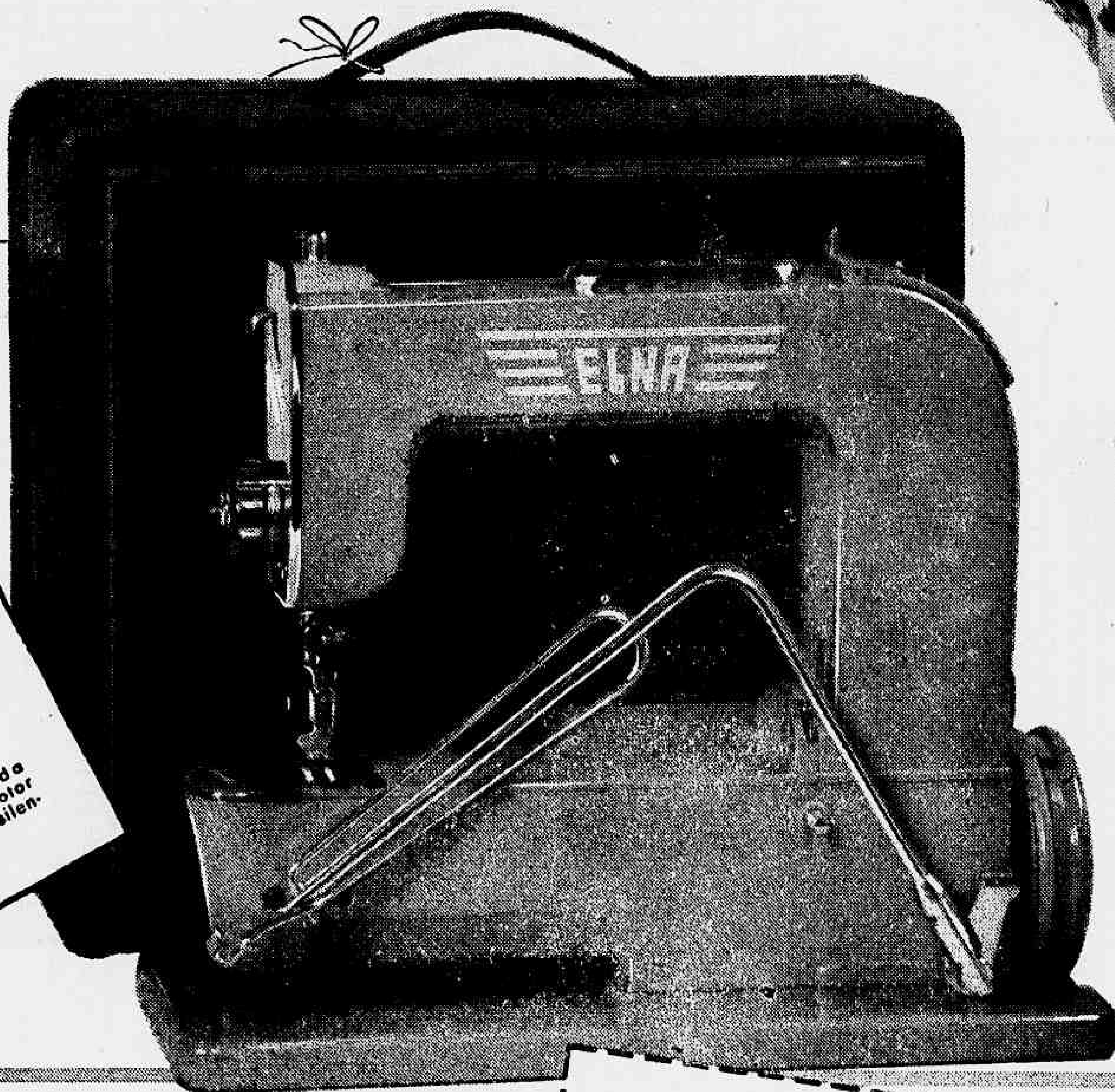
O HERÓI — Não fôra a coragem e a experiência do comandante Holopércio de Albuquerque Lins e a queda do PP-AKD teria conseqüências funestas. A bravura do pilôto evitou a tragédia.

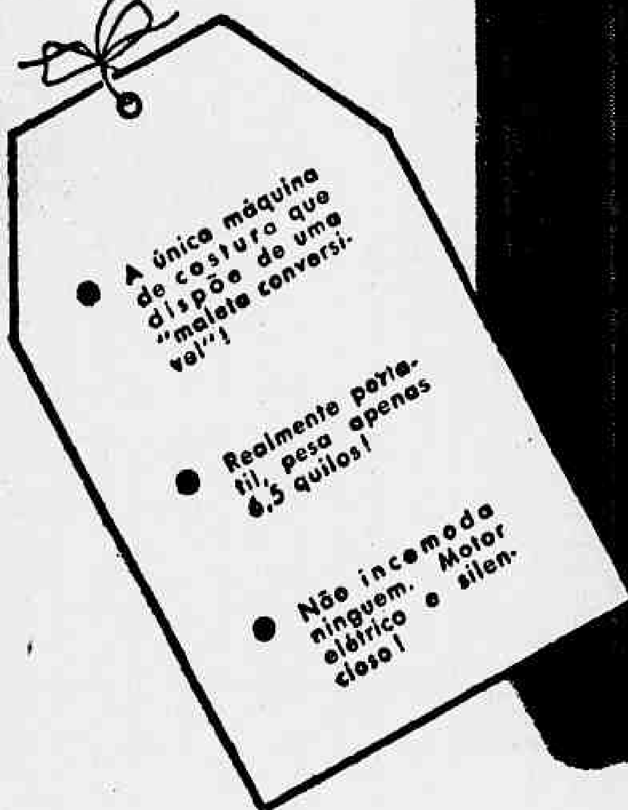
esta é a sua Oportunidade!

Durante um periodo especial, as máquinas ELNA serão vendidas **sem entrada inicial**, podendo a Sra. comprar a sua ELNA em suaves prestações mensais. Esta é a oportunidade que a Sra. esperava. Não a deixe passar, fazendo hoje mesmo uma visita à loja ELNA e inscreva-se no novo plano de pagamento.

ELNA

É MODERNA, ELÉTRICA, PORTATIL.





COMPANHIA DE MÁQUINAS ELNA DO BRASIL

Rio de Janeiro Av. Calógeras, 23 - Tel. 32-6642
São Paulo Rua 7 de Abril, 248 - Tel 34-8151
Belo Horizonte Rua Tamoios, 90 - Tel. 2-1930
Porto Alegre Rua dos Andradas, 1538 - Tel. 9-1643
Recife Rua da Concordia, 143
Curitiba Rua Barão do Rio Branco, 41 - sala 515 - Tel. 4174
Juiz de Fora Rua Marechal Deodoro, 385 - sala 103 - Tel. 1636
Santos Rua João Pessoa, 16 - 4.º andar - Tel. 2-7458
Salvador Ed. Sul América - Trav. Bonifacio Costa, 2 - salas 513/515

Solicite-nos sem compromisso uma demonstração de ELNA em sua residencia.
Nome: ....
Endereço: ....
Cidade: ....
Estado: .... Tel.: ....

RSB 193

EVAS SEM SAIAS INVADEM SÃO PAULO

O SEXO FRÁGIL ESTÁ CONCORRENDO NO DOMÍNIO MASCULINO

AS MULHERES ESTÃO TROCANDO AS SAIAS PELAS CALÇAS... COMPRIDAS ★ MECÂNICAS, MOTORISTAS, PINTORAS DE CARTAZES E LAVADORAS DE AUTOMÓVEIS REVOLUCIONAM A CIDADE ★ "ÓLEO OU GASOLINA, CAVALHEIROS? ★ A GUARDA-CANCELA DIRIGE O TRÁFEGO E O LAR ★ ACABOU-SE O SEXO FRÁGIL.



DOIS LUGARES PARA PINHEIROS! — E a "chauffeuse" Djanira Correia sai aceleradamente pelas ruas de São Paulo com o seu lotação. Claro que os homens preferem "chauffeuses"!

Texto de
DOMINGOS DE LUCCA JÚNIOR

Fotos de
DARIO TERINI

As mulheres vêm, há muito, lutando e vencendo tôdas as dificuldades que se lhes apresenatm, para mostrar sua igualdade perante o homem, procurando, senão superá-lo, pelo menos igualá-lo nas suas mais difíceis profissões, adentrando todos os campos da atividade humana.

Já não é surprêsa para nossa geração — mas o foi para a de nossos avós — vermos uma repórter, uma balconista, uma médica, uma advogada, uma política ou uma juiza. Porém, o arrôjo da mulher moderna não ficou aí e ela, desafiando tôdas as barreiras naturais que encontra, vai fazendo uma tentativa herculea para galgar os degraus de profissões que, se hoje causam riso e espécie, amanhã serão tão naturais como as que hoje ocupam normalmente.

Essa é a história que vamos contar. Simples história de moças corajosas que, misturadas no corre-corre de São Paulo, quase não se fazem notar, a despeito de atuarem em profissões masculinissimas. E' a história da vida de luta de algumas moças, representando todo um sexo, ligadas estreitamente por êsse sentimento de solidariedade que alimenta e faz vencer. Elas são o retrato de uma época, onde todos lutam heròicamente para sobreviver, buscando trabalhos mais rendosos, que possam garantir não só sua subsistência mas também dos seres que as rodeiam.

ONTEM era trabalho de homem, hoje é feito por uma jovem, solteira, bonita e talentosa. Pintora de letreiros, mas conservando a graça e a feminilidade. E quando casar? ⋙→





SINAL DE PERIGO! — Dona Carmen Lopes, misto de sinaleira, dona de casa e costureira, previne os acidentes, salva vidas e regula o tráfego da via-férrea. Trabalho de homem!

O SEXO FRÁGIL ESTÁ CONCORRENDO. . .

E' evidentíssimo que se as mulheres pudessem dedicar-se exclusivamente aos afazeres domésticos, deixando para os homens as horas estafantes da correria diária, o cansaço das oficinas mecânicas e das fábricas, o gotejar do suor ao sol escaldante e os perigos das ruas movimentadas elas o fariam.

Contudo, as verdadeiras heroínas a que faremos menção, são essas mulheres que, forçadas pelas circunstâncias da própria vida, deixando o "snobismo" para pessoas mais felizes, envergaram as calças e a responsabilidade masculina, plantando um marco de estoicismo na história feminina, ampliando a estrada em busca da tão almejada independência a rspeito de que são merecedoras as filhas de Eva.

A GUARDA CANCELA DA CANTAREIRA

Dona Carmen Lopes é viúva e tem dois filhos de, respectivamente, 13 e 15 anos. Trabalha num dos mais inusitados serviços que poderia existir para uma mulher, pois é guarda cancela da E. F. Cantareira, numa das passagens de nível do bairro de Sant'Anna.

Forte e disposta é responsavel pelo trânsito dos subúrbios dessa ferrovia e pelo tráfego da rua que cruza com as linhas férreas.

Até 1944, d. Carmen era uma mulher extremamente feliz. Tinha seu espôso, então manobrista da E. F. Sorocabana que, já nêsse tempo, insistia em que ela aprendesse outra porfissão, além dos afazeres domésticos e da costura, talvez suspeitando a morte que se aproximava. E foi assim que ela aprendeu a manejar as bandeirolas mágicas que movimentam o tráfego, previnem acidentes e cuidam da vida de milhares de pessoas.

— Eu achava bobagem aprender a ser guarda-cancela — contou-nos d. Carmen — porém, acostumada a obedecer meu marido, sabia que êle nada faria se não fôsse útil. Aprendi, pratiquei e parece-me que bastou isso para êle morrer num trágico acidente na Sorocabana.

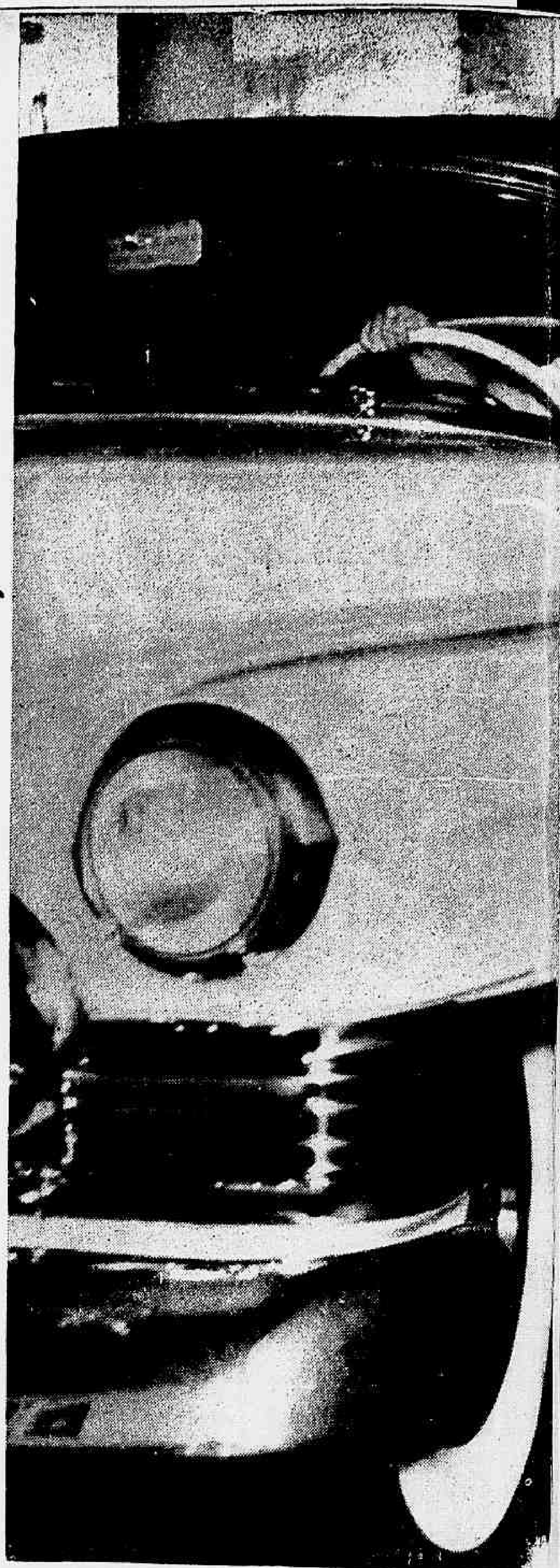
E assim S. Paulo passou a conhecer sua primeira guarda-cancela. Com o falecimento do espôso, dona Carmen buscou a direção da E. F. Sorocabana e conseguiu emprêgo na Cantareira.

Trabalha das 7 às 15h., após o que cuida dos afazeres domésticos e costura para freguesas avulsas, a fim de garantir a subsistência de seus dois filhos.

Nos primeiros tempos, d. Carmen sentia-se constrangida, ao levantar as bandeirinhas, acenando para os carros ou lançando uma advertência a um motorista descuidado, pois era sempre motivo de chistes por parte dêstes. Atualmente, porém, o povo e os motoristas acostumaram-se e olham-na com certo respeito, pois sob seus ombros femininos pesa a responsabilidade das vidas não só dos passageiros dos trens, como também dos transeuntes e dos passageiros de coletivos ou automóveis.

O MOTOR ENGUIÇOU! Em outro tempo, carro dirigido por mulher, numa situação dessas, reclamava a imediata presença do mecânico. Agora ela não vê problema. Conhece o miolo do carro e faz o consêrto.





MARIA STELA "pinta o caneco" no pôsto do patrão. Adora deslizar, célere, pelo asfalto, ao volante de um

"LOTAÇÃO PINHEIROS, MAIS DOIS LUGARES!"

A primeira vez que a vi fiquei deveras surprêso. Era uma "chaufeuse" profissional com quepi e tudo!

— Mais dois lugares para Pinheiros — gritou a moça, estendendo a mão para fora. E eu e Terini embarcamos, sem perda de tempo.

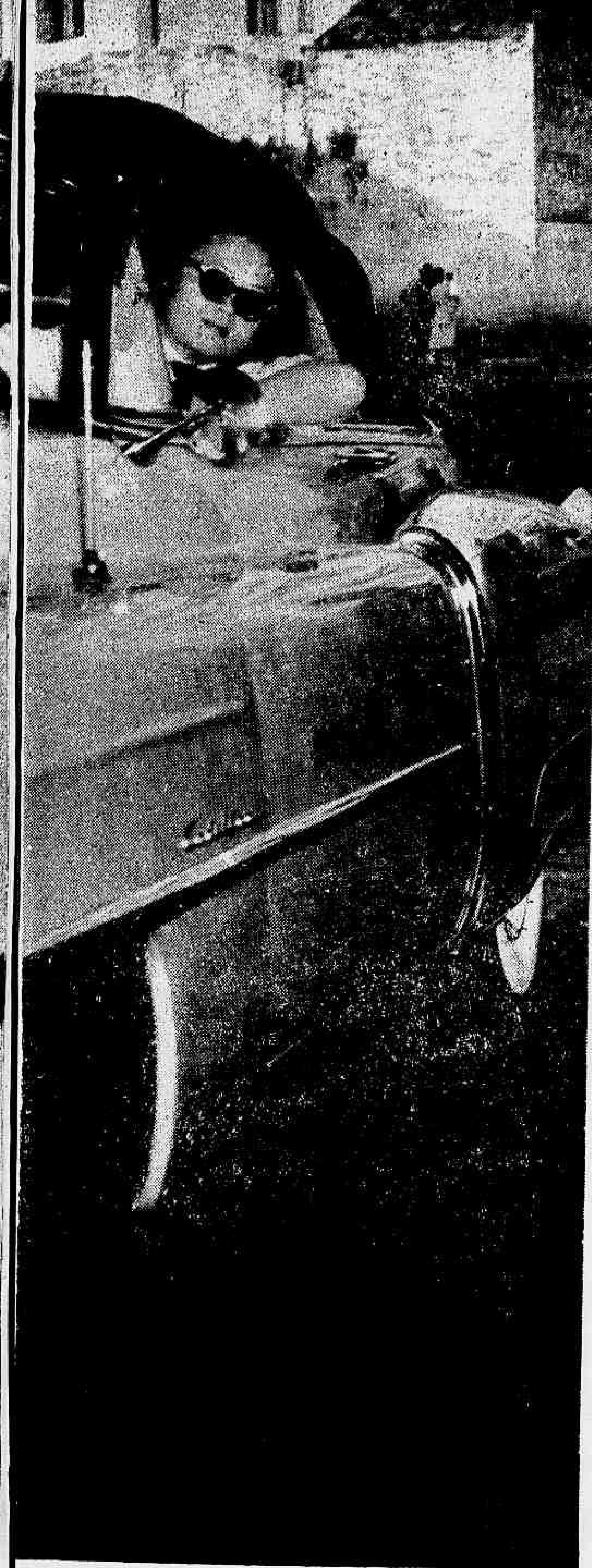
Seu nome é Djanira Correa, uma das cinco moças que trabalham como motoristas de táxi, em S. Paulo. E' viúva, tem um filho de 11 anos, sendo o volante quem lhe garante o pão de cada dia.

Djanira é morena e simpática. Trocou a calma dos leitos hospitalares, o cheiro dos remédios e a melancolia das paredes brancas pelo bulício da cidade.

Ela foi, até há um ano enfermeira de um hospital paulista. Todavia, seu salário não chegava para as despesas e passou a matutar. Procurou mudar de profissão várias vêzes e sempre voltou de mãos abanando para as cabeceiras dos doentes, pois os salários eram os mesmos.

Certo dia, pensou em ser chofer de táxi. Investigou, fêz planos e ingressou numa auto-escola, recebendo, ao cabo de trinta dias, uma carta de motorista profissional.

Depois disso, juntou a família, conversou com amigos, estudou maiores planos e comprou um modesto automóvel 1939. Queria ganhar dinheiro. "E estou ganhando — esclare-



"rabo-de-peixe" e não receia a aglomeração na hora do "rush", porque tem mão firme no volante...



ALICE ADENTRA, no País das Maravilhas. Água ou gasolina, moço? O serviço é de homem, mas Alice dá conta da tarefa enfiada no seu macacão de zuarte. Diz o patrão que é mais eficiente do que um homem.

ce-nos — trabalho das sete às treze horas e ganho, em média, cinco mil cruzeiros mensais. De início, meus companheiros de profissão aborreciam-me, diziam que não era serviço para mulher, "fechavam-me" nas ruas mais movimentadas, dando-me muito trabalho. Não desisti e êles compreenderam que não trabalho por diletantismo e acabaram recebendo-me, assim como às outras moças que são motoristas, como verdadeiras companheiras de trabalho".

O primeiro dia de trabalho de Djanira foi espetacular, pois deu uma "histórica" trombada num bonde, que lhe mandou o carro para a oficina. Estava nervosa e, como é natural nas mulheres, chorou desesperadamente. Depois dêsse "batismo", tudo ficou "azul" e ela, atualmente, dirige seu táxi com desembaraço e está muito contente.

"ÓLEO OU GASOLINA, CAVALHEIRO?"

trabalha, num pôsto de serviço de automóveis da Capital, uma "nisei" bonita e irriquieta, de nome Maria Stella. Tem 20 anos de idade e desde os 18 ocupa-se com serviços de mecânica, lavagem de automóveis etc. Ela "pinta o caneco", na oficina do patrão e não perde vaza para manobrar um macio Cadilac ou um sossegado Packard. Sorri sempre, com franqueza invulgar e mais parece uma pequena em gozo de férias do que num serviço de tão grande responsabilidade.

Stella diz que nunca sentiu vergonha de sua profissão e enverga o macacão com tal elegância que duvidamos que ela possa ser mais feminina dentro de um vestido caro. Quando pensou em tal serviço escandalizou os papás japoneses, pois o regime familiar nipônico é rigidíssimo e não compreende certas coisas. Ela, porém, diz-se brasileira cem por cento e, mais do que isso, integrada totalmente na atual sociedade, cônscia das responsabilidades da vida, encarando-as sem os sonhos dourados dos romances de fadas e princêsas.

Certo dia, Stella encontrou sua amiguinha, Alice Pinn em busca de trabalho. Convidou-a para trabalhar como vendedora de gasolina no pôsto e Alice ficou de pensar sôbre o assunto.

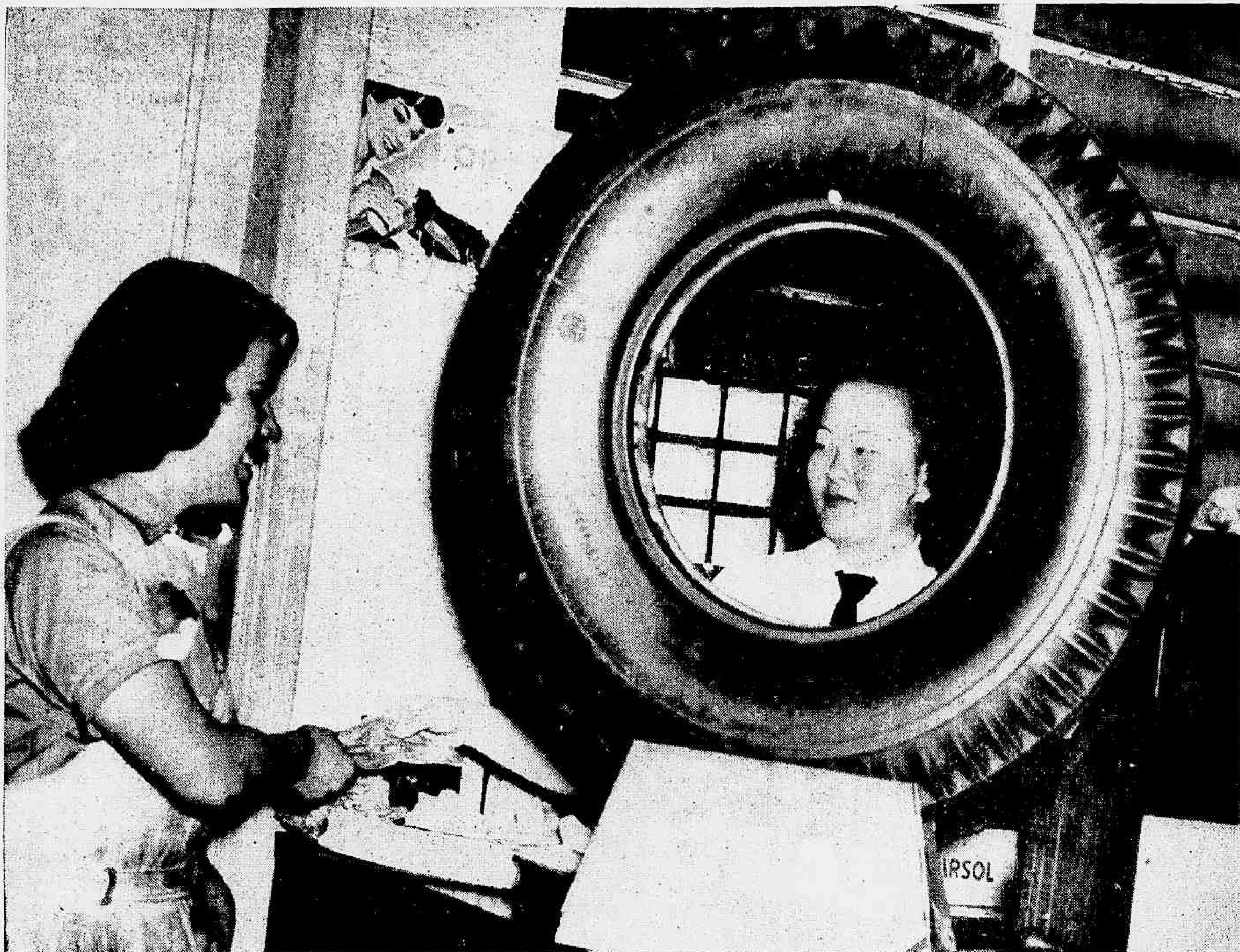
Foi algumas vêzes apreciar o trabalho de Estella e ficou fascinada, olhando os funcionários da bomba trocar óleo nos carros, limpar parabrizas, colocar água nos radiadores, trocar pneus, etc. Era um mundo novo, para ela, e passou a imaginar-se envergando um daqueles macacões brancos, recebendo salário regular e propinas generosas dos donos de "rabos de peixe".

E assim foi que Alice adentrou o "país das maravilhas", sendo, hoje, dominadora do seu "mettier" como poucos homens.

Uma das passagens interessantes de Alice teve lugar num escaldante dia de verão. Um rapaz estacionou seu automóvel. O rosto estava banhado de suor e êle, com voz cansada, mecanicamente, ordenou-lhe: "Encha o tanque", e Alice encheu. "Meça o óleo", e Alice mediu. "Quanto é?" e Alice deu-lhe a nota. O jovem pagou, dizendo, ainda: "Guarde o troco" e Alice agradeceu. O veículo já ia saindo do pôsto quando seu motorista freou-o. Olhou para trás, exclamando: "Santo Deus, uma mulher! Será o calor?" E o auto sumiu no emaranhado trânsito.



MUITO CALMA e sem perder a graça própria das filhas de Eva, esta linda Nisei vai torcendo a chave inglêsa, sem soltar imprecações, sem se lastimar, sem insultar ninguém...



"VAMOS, FAÇA O TRÔCO LOGO... que aquêle "bonitão" é capaz de me dar uma boa gorgeta!" — E a exemplo do que fazem os homens, as meninas organizaram uma "caixinha única", repartindo as propinas no fim de cada mês. Não há engano no trôco e a gorgeta é dividida honestamente. As mulheres sabem o que fazem!

QUERO UMA PLACA PARA O MEU ESCRITÓRIO

— Quero uma placa para o meu escritório. Porém, muito bem pintada e com tintas duráveis. — Meu amigo sentou na cadeira que lhe era oferecida, disposto a esboçar a placa, para o senhor de meia idade que o atendera na oficina de pintura. O homem, todavia, levantou-se, mandou meu amigo esperar um pouco e, ao cabo de alguns minutos, regressou com uma mocinha bonita e simpática, que trajava um avental mancahdo por tôdas as côres do arco-iris.

O senhor de meia idade, calmamente, disse:

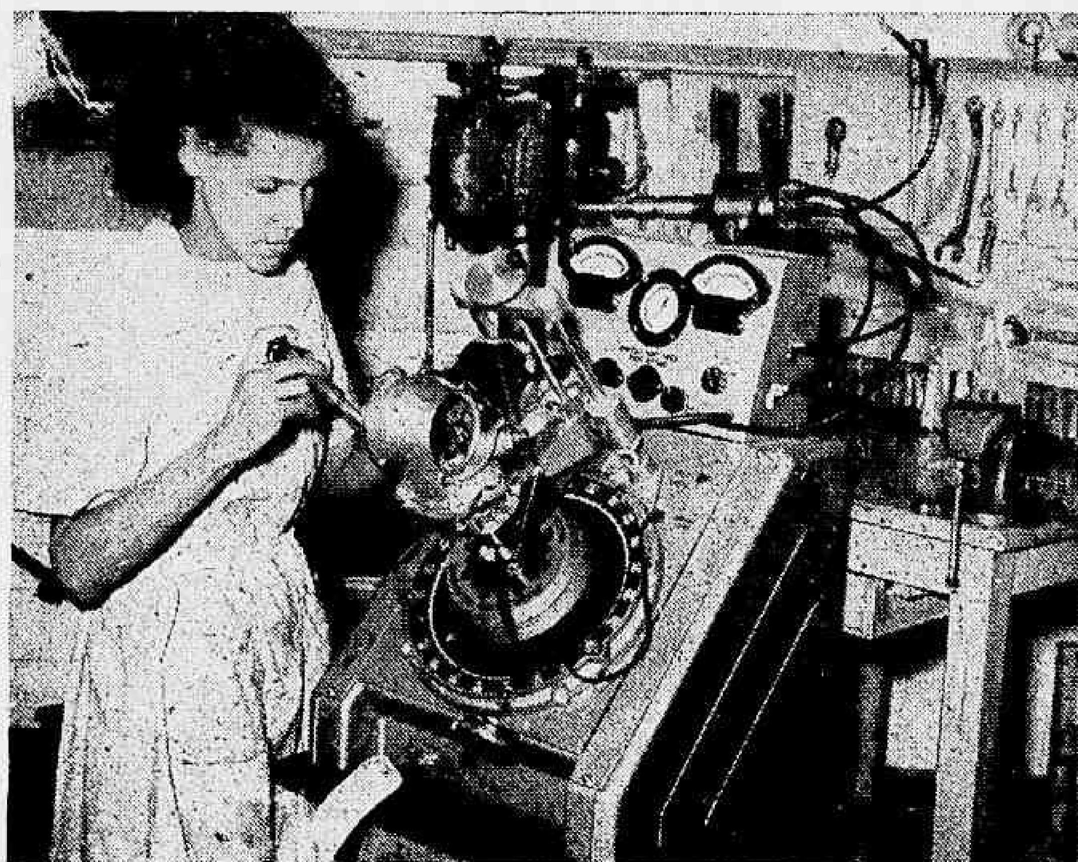
— Pode fazer o esbôço para a moça.

— Mas...

— Talvez saia melhor do que o senhor espera — exclamou a jovem. E a placa foi feita com muita arte e capricho.

A pequena é Rosa Cominotti e tem 19 primaveras fresquinhas em flor. Descendente de italianos, tem nas veias

(Continua na página 54)



MECÂNICA da melhor qualidade, para ela não há segredos. Outrora, estaria metida em casa, preparando o almôço para o pai e os irmãos. Hoje ganha o próprio sustento...



DE VEZ EM QUANDO lá vem um galanteio, é claro, mas Eva não liga e sorri disfarçando. Acontece que os rapazes brincam, porém respeitam a mulher que trabalha. Ainda bem...



MEDINDO ÓLEO, trocando pneus, vendendo gasolina, lavando automóveis, a nova geração feminina está fazendo os "papás" coçarem a cabeça e as "mamãs" se orgulharem do seu arrôjo. E os homens, se não tomarem cuidado, acabarão serzindo meias, ouvindo rádio-novelas, decifrando palavras cruzadas e bisbilhotando...



NOSSA REPRESENTANTE em Hollywood, Eve Starr, entrevista astros e estrêlas na capital do cinema. Aqui a vemos ao lado da formosa Patricia Neal. Na outra foto, Eve entrevista o astro José Ferrer, no entreato de seus trabalhos num dos "sets" onde atua. Não sabemos se estão lendo, ou apenas vendo... as figuras...



ESTARAO LENDO MESMO?

LENDO OU ESPIANDO AS GRAVURAS, ÊLES MOSTRAM INTERÊSSE PELA "REVISTA DA SEMANA" ★ E APRENDEM UM POUCO DE GEOGRAFIA: RIO DE JANEIRO, CAPITAL DO BRASIL!

NÃO duvidamos que os astros e estrêlas de Hollywood saibam ler fluentemente; temos dúvidas é se sabem mesmo ler o que está escrito nas páginas desta Revista. A língua portuguêsa, infelizmente, não encontra professôres e alunos na capital do Cinema, como sucede com o espanhol, com cátedras em Universidades. Como, porém, muito se assemelham, é provável que os artistas de Hollywood pensem mesmo que tanto faz o português como o castelhano... Muitos pensam que falamos a língua de Cervantes, e não a de Camões, o que não nos desmerece, embora nos contrarie, é claro!





APÓS VISITAR as estrêlas, nossa representante foi avistar-se com os astros. E aqui vemos conversando com o admirável Van Heflin, triunfante desde o primeiro papel. Na outra foto, o veterano Vincent Price com miss Starr; e por fim, Hoagy Carmichael troca idéias com a nossa representante num dos cenários do estúdio.



O Colar



RECORDO-ME ainda hoje, perfeitamente, de como minha estimada amiga Regina, de próspera família, forçou-me a aceitar o seu colar emprestado. Insistiu tanto a ponto de ameaçá-lo no meu colo. E concluiu, sorrindo-se, com uma ponta de panegírico, a mostrar-me diante do espelho.

— Que amor, Rita! Você está de «fechar o comércio», um autêntico modêlo. Duvido que o dr. Jório resista a seus encantos!

Penso que fiquei muito envaidecida, orgulhosa também, com as considerações lisonjeiras de Regina. Pois, dando crédito às suas palavras, acedi à oferta generosa que ela me fazia.

Aceitei-a por um único, mas justificável motivo: o dr. Jório era grande conhecido de papai como facultativo da Repartição onde trabalhavam. Por isso nos convidou para o sarau em sua residência, bem em Copacabana. Meu pai previu ser uma recepção de luxo, como foi realmente, e, dada a nossa disparidade de posses monetárias, pediu-me que eu fôsse representar a família. Mesmo porque tínhamos quase obrigação em atender-nos ao gentil convite, pois o dr. Jório já nos havia prestado favores incontáveis, à cabeceira de papai, sem outras intenções financeiras.

Para mim papai comprou tudo novo, vestido, sapatos, enfim, preparou-me de acôrdo com os requintes da moda. Carecia, apenas, de uma jóia que me proporcionasse um relevante cunho de importância, ufania, contudo, de mulher... Eu que nunca tivera uma, pela qual me vangloriasse!

Por outro lado estava interessadíssima em comparecer àquela reunião. Se bem que o dr. Jório se houvesse apresentado, por ocasião única, lá em casa, aliás, a chamado de papai, que se achava enfêrmo, demonstrava evidentemente ter simpatizado muito comigo. Também, intimamente, meu coração logo se manifestou em corresponder. Detive-me à espera de uma oportunidade mais convincente, dessas que nos fazem palpitar de ansiedade; jamais acreditei em amor à primeira vista.

Sempre fui dessa teoria: encarava as cousas no seu ponto estratégico, era francamente pela realidade, por mais pungente que fôsse. Êsse negócio de subterfúgios é muito prático no teatro, onde se procura conjugar as ações de modo mais sintético e primoroso. O convite feito preocupou-me bastante, meditei como nunca...

Enfim, quando Regina se prontificou a ceder-me o colar, que me parecia caríssimo pela feição e originalidade, minha atenção projetou-se instintivamente no dr. Jório. Êle capitularia seduzido!

Durante o festejo, entretanto, tivera um cuidado louco com o colar, não afastava os olhos dêle, abrigava-o sempre que podia, em meio às danças, às palestras, aos passeios de braços dados pelo jardim... Confesso que nunca estivera tão inspirada, qual um gênio ao reproduzir nas artes sua fôrça criadora. Aquela festa fôra-me como um mundo diferente, do qual pela primeira vez, gozava as delícias. Impressionei-me tanto que senti saudades ao ter de regressar, cedo ainda...

Foi inexplicável o que aconteceu depois, sem que eu percebesse a tempo. O pior é que sòmente caí em mim quando entrei em casa e despi o casaco de lã.

Havia perdido o colar de Regina!

Fiz mil conjeturas em vão, além disso; corri ao encontro dos «velhos», desfeita em lágrimas e lamúrias. Papai ficou nervosíssimo, incontrolável mesmo, não se conformava com as explicações ansiosas que eu lhe dava. Minha extremosa mãe, se bem que visìvelmente ressentida pela amarga surprêsa, ainda tentava acalmá-lo.

Rebusquei todos os meus pertences, telefonei para a casa do dr. Jório (deram-se resposta fria e negativa), tudo, porém, deixou-me desesperançosa, num estado dalma lamentável. Assim, cabia-me a culpa, vivemos no lar momentos dramáticos e desagradáveis, minutos convertidos em horas...

Como haveria de restituir o colar que minha amiga me emprestara tão carinhosamente, se havia desaparecido? A princípio imaginei logo comprar um igual. Mas encontraria? No entanto, pesou-me na conciência ter que iludir Regina; mas era bem preferível a deixá-la em tamanha falta. Depois, como conseguiria o dinheiro?

Minha família, tão honesta, vivia de recursos modestos e limitados. Papai, funcionário público, porfiava de sol a sol para a nossa manutenção. Esforçava-se para conceder-nos confôrto e prazeres, porquanto a vida era duríssima de ganhar, tinha que a enfrentar com fôrças de gladiador. O mais chocante é que havíamos feito economias e agora, por certo, teríamos que recorrer, eliminando-as...

— Não há outra alternativa, Risa — disse meu pai, finalmente, restabelecendo os nervos. — Disponho de pouco dinheiro, mas farei um empréstimo se for necessário...

Sofri muito com o meu silêncio.

— Não fique triste! Sei que a jóia é, incontestàvelmente, valiosa... Compraremos uma igual para Regina. Amanhã resolveremos tudo!...

Acometeu-me forte comoção, pela atitude tão humana de meu pai.

(Cont. na pág. 47)

Conto de ARNALDO B. MARCHETTI ★ Ilustração de GIL RIBEIRO



1 O prof. David-Fouglow (Armando Ro cs), famoso psicanalista, diz-se conhecedor profundo da alma de cada mortal e devassador implacável do consciente, do inconsciente, do subconsciente, do paraconsciente e do conconsciente do pobre ser humano. A êle recorre a sra. Helena Saint-Faust (Henriette Morineau), pedindo-lhe que observe o marido, o calmo sr. François Saint Faus (Jardel Jersolis Filho). E o psiquiatra faz as primeiras perguntas à aflita espôsa: "Seu marido é... carinhoso?"

O COMPLEXO DE MEU MARIDO

(Le Complexe de Philemon)



2 Depois, o professor submete a pobre senhora a uma série de "experimentos" para saber se François está louco, apaixonado ou se assassinou o pai.

UM divertido original de Jean-Bernard Luc, traduzido por Bandeira Duarte, está marcando um dos sucessos da temporada, apresentado no Teatro Copacabana, pela companhia da sra. Henriette Morineau. Gira o assunto em tôrno do debatido problema da psicanálise, mas (isto é essencial), de uma psicanálise divertida, cômica, risonha, essa dos psiquiatras amadores, psicólogos de esquina, que estão, sempre, doutoralmente, a confundir «alhos com bugalhos». O tão puro e mal compreendido Freud nada tem que com a história do casal Saint-Faust, simpáticos burgueses, muito bem casados, vivendo tranqüilos no seu ótimo palacete em uma grande cidade de província francesa. O culpado de tôda a confusão e da situação catastrófica a que quase chegou o feliz casal foi um professor de psicanálise. Assistindo-lhe a uma conferência, o espirito de Helena fica de tal maneira perturbado que, dias após, manda chamá-lo para descobrir um complexo do marido. Afinal, o marido não tem complexo algum. E' o tipo do homem tranqüilo, mas justamente por isso, a espôsa desconfia que essa tranqüilidade seja um disfarce, escondendo a pior das nevrose. Antes, via nêle apenas o laço da gravata ou a risca do cabelo. Depois de assistir à conferência, devassa-lhe a alma. E quando uma mulher começa a ver a alma de um homem, pobre dêle... Quando essa mulher se junta a um feroz «professor» de psicanálise para, combinados, curar a alma enfêrma do marido, desgraçadíssimo marido...

E' uma peça engraçada e muito bem representada pelo elenco da grande atriz.



3 Desde então Helena martiriza o marido para saber, por exemplo, por que a irmã dêle não assistiu ao casamento, ocorrido há mais de vinte anos...



4 A secretária de François, srta. Pelousco (Antonieta Morineau), é interrogada para o professor saber os possíveis estranhos costumes do marido de Helena. Deve existir outra mulher... Aí está o complexo tão procurado! Os criados da casa são também colocados à disposição do médico. Que tal a secretária ser beijada, pelo mordomo, na frente do marido? Êle poderá trair-se pelo ciúme... E Helena jogaria as peças do jôgo de xadrez pela janela, para ver se o outro dava pela coisa...







5 Mas o pacato homem fica apenas intrigado: Todos estão doidos, inclusive a secretária, que o persegue, agora, com investidas ultra-sentimentais...

6 E quando o mordomo, seguindo instruções, dá uma beijoca no rosto da srta. Pelousco, êle mais se escandaliza. Positivamente estão todos loucos!

7 E vai interpelar a velha Antônia, espôsa do mordomo, que lhe parece a única pessoa com juizo. Mas Antônia não sabe o que responder, titubeia...





8 Helena resolve agir por conta própria: "adormece" o marido e interroga-o, para saber o nome da sua rival. Os criados, perplexos, assistem de longe... Se ela descobrir, fará "transferir" para si mesma a afeição perdida do espôso...

9 Helena recorre às amigas, pedindo-lhes que tentem seduzir François. Apresenta-se Luciana (Laura Suarez), que sem compreender as intenções de Helena, presta-se ao papel. Que deverá fazer? Declarar-se? E se êle a abraçar e beijar?





10 Também Olga Tatan'eff (Wanda Ko-mo) simula uma cena de sedução, mas François resiste, transtornado. Precisa tomar uma atitude, contar tudo à espôsa, não pode mais suportar tantas esquisitices êle, um homem sério...

11 Finalmente, "tout est bien qui finit bien": François descobre o fio da meada, submete a espôsa a uma confissão, censura a sua atitude expulsa de casa o psicanalista e as três amigas de Helena. Pronto! Não há complexo — há amor...



O DIARIO DE JA

EM maio de 1944, Forrestal substitui Frank Knox, que morreu de repente no pôsto de Secretário da Marinha. Logo em seguida, deu início ao que êle classificou de "diário", isto é, um conjunto de notas e papéis particulares, mais ou menos colecionados com regularidade, a partir daquela época e que ùltimamente já formavam umas três mil páginas dactilografadas. Tôdas essas páginas são referentes aos anos em que serviu como Secretário da Marinha e mais tarde Secretário da Defesa. Em março de 1949, ao deixar êsse pôsto, Forrestal, avaliando a preciosidade da natureza confidencial de tudo que escrevera, solicitou que o "diário" fôsse arquivado na Casa Branca e para lá foi, algumas semanas antes da sua morte. Subseqüentemente, a Casa Branca arrolou-o com os bens de Forrestal para que fôsse publicado, mas sujeito a uma severa revisão feita pelo Departamento de Defesa.

Em colaboração com Eugene S. Duffield, editor assistente do "The Cincinnati Enquirer", que foi o testamenteiro, os documentos de grande interêsse público foram selecionados e publicados por Walter Millis, redator-chefe auxiliar do "The New York Herald Tribune". O "diário" foi acrescido de material extraído da correspondência de Forrestal, com comentários suficientes e explanativos que dão continuidade ao todo. O volume que se reuniu será publicado em outubro, pela "The Viking Press". Abaixo encontra-se o primeiro dos vinte e um artigos que foram selecionados e resumidos do livro.

NOVA CONVERSÃO

4 DE JULHO DE 1944

EU, o sub-Secretário Bard e o almirante Robinson almoçamos hoje com o senador Harry Truman e procuramos dissuadi-lo da insensatez do consentimento relativo à restrição da produção civil. Declarei ao senador Truman que, na minha opinião, a medida era extremamente perigosa, não sòmente por causa do efeito que causaria à própria produção, mas também pelos resultados psicológicos que adviriam, como por exemplo, a suposição de que a guerra já estava ganha. O senador não discordou totalmente, mas disse que não poderia aceitar o nosso

O PRIMEIRO SECRETÁRIO DE
RANDO SOB A POLÍTI RU
(Tradução de OTÁVI

ponto de vista, porque, quase todos os dias êle enfrentava a contingência de mandar fechar fábricas em virtude da violação dos respectivos contratos... Quando êle se retirou, tive a impressão que o nosso argumento pouco adiantara...

Truman disse-me que estavam insistindo para que êle aceitasse a indicação de seu nome para Vice-Presidente, mas que estava disposto a recusar. Fiz-lhe ver que era sua obrigação aceitá-la pelo fato de ser Henry Wallace o outro indicado. Essa alternativa êle encarou-a com o mesmo pressentimento que eu, mas todavia, achava que não podia aceitar a sugestão, dizendo sentir-se feliz no Senado e que exercia tanta influência junto ao govêrno quanto desejasse.

★

Depois vem a entrada inicial de James Forrestal na volumosa coletânea de notas, memorandos, cópias de documentos importantes, relatórios de gabinete e de outras reuniões da mais alta importância que êle reuniu como "diário" particular. E' curioso que esteja assinalado um encontro com um homem sob cujas ordens Forrestal viria servir a maior parte do tempo da sua carreira e isso foi coisa que ambos jamais suspeitaram. Não é menos curioso como esboçaram antecipadamente os diversos problemas que juntos teriam de discutir e quão diferentes as duas atitudes que assumiriam. Mais tarde, em diversas ocasiões, Forrestal teve que lutar contra certa "complacência" e, em algumas hipóteses, muito mais críticas do que simples complacências, êle acabou concordando que "pouco avançara" contra a posição de Truman. Mas, depois da sucessão de Truman, Forrestal permaneceu firme na sua atitude de respeitosa lealdade para com o Presidente, embora ambos fôssem democratas de convicção mais conservadora, tinham muita coisa de comum entre si.

PREVISÃO DA INFLUÊNCIA SOVIÉTICA

NO tempo em que se encontravam na fase instável da segunda guerra mundial e que a eleição para a "quarta sucessão" ainda não estava sendo tratada, já as partes iniciais do diário anunciavam a maioria dos grandes problemas que surgiriam nos anos vindouros. Um dêles era a formação do mundo de após-guerra e Forrestal já percebia que isso muito teria que ver com a política soviética e assim escreveu para um amigo, em Palmer Hoyt.

2 DE SETEMBRO DE 1944

"EU acho que quando um americano, em qualquer ocasião, sugere que nós agimos de acôrdo com as necessidades da nossa própria segurança, devemos chamá-lo de fascista ou imperialista intransigente. Mas, se Stalin sugerir que tem necessidade das províncias do Báltico, da metade da Polônia, de tôda a Bessarábia e de uma saída para o Mediterrâneo, todos concordam que Joseph Stalin é um homem franco, simpático, brando, geralmente amável, muito acessível nas negociações e explícito no que quer

"Esperando, etc.".

12 DE SETEMBRO DE 1944

"O sub-Secretário da Guerra, Sr. John J. McCloy, contou-me hoje, à noite, que o Secretário do Tesouro, Sr. Morgenthau, já formulou um programa ultra-severo para as negociações com a Alemanha depois do colapso. Êle acrescentou que o Secretário da Guerra, Sr. Henry L. Stimson, estava completamente em desacôrdo, pois o Presidente estava decidido a continuar com Morgenthau. O programa, da

PRINCIPIA O DIÁRIO

JAMES FORRESTAL, que foi o primeiro secretário americano da Defesa, era, por muitas razões, uma figura excepcional entre as altas autoridades governamentais, durante a guerra e no período do após-guerra. Embora não tivesse sido adepto do "New Deal", prestou relevantes serviços, durante quase nove anos, ocupando altos cargos nos governos de Roosevelt e Truman. Desempenhou papel de grande influência nas negociações bélicas, no final da segunda guerra mundial e no início da fase crítica da "guerra fria", que depois se declarou. Suas qualidades administrativas eram extraordinárias juntamente com uma compreensão espiritual sensata e filosófica muito raras. Observador argúto que se movimentava com o senso do dever patriótico, tôdas essas qualidades estão claramente estampadas nos documentos por êle deixados.

Nasceu em 15 de fevereiro de 1892, em Matteawan, hoje Beacon, em Nova Iorque, filho de um construtor e empreiteiro, vindo da Irlanda quando menino. Depois de um curso em Princeton. Forrestal entrou para a casa bancária da firma Dillon, Read & Cia. de onde se afastou por algum tempo para servir como aviador naval durante a primeira guerra mundial. Retornando ao seu pôsto no dito estabelecimento bancário, Forrestal ràpidamente progrediu conseguindo brilhante sucesso em Wall Street, chegando ao cargo de presidente da firma onde trabalhava aos quarenta e seis anos de idade. Dois anos mais tarde, em junho de 1940, Franklin Roosevelt, que no momento ampliava a administração do govêrno em face da crise provocada pelo assalto de Hitler sôbre a Europa ocidental, convidou Forrestal para auxiliá-lo. Em agôsto de 1940 o Presidente Roosevelt nomeou-o para o cargo recém-criado de Sub-Secretário da Marinha e foi neste pôsto que êle serviu durante a guerra, na qualidade de funcionário responsável pelo material bélico e com poderes para realizar a grande expansão da Marinha no período da guerra.

JAMES FORRESTAL

...ÁRIO DA DEFESA PREVÊ UM MUNDO GI-...POLÍTICA RUSSA E SUAS PRETENSÕES
...ção de OTÁVIO A. DE AZEVÊDO)

...os dias êle en- / ...fechar fábricas / ...os centrais... / ...ão que o nosso / ...stindo para que / ...e para Vice-Pre- / ...ecusar. Fiz ver- / ...pelo fato de ser / ...ssa alternativa / ...mento que eu, / ...aceitar a sus- / ...e que existia / ...nto desejasse.

...ames Forrestal / ...rendos, cópias / ...s de gabinete / ...portância que / ...E' curioso que / ...m homem obb / ...maior parte do / ...sa que ambos / ...rioso como es- / ...problemas que / ...entes as duas / ...em diversas / ...ra certa "com- / ...muito mais efi- / ...le acabou con- / ...ntra a posição / ...o de Truman, / ...rtitude de des- / ...dente, embora / ...o mais conser- / ...entre si.

SOVIÉTICA

...na fase ins- / ...e que a elei- / ...não estava / ...diário com- / ...mas que sur- / ...ra a formação / ...percebia que / ...a soviética e / ...ner Hoyt.

...em qualquer / ...e acôrdo com / ...rança, de- / ...lista intransi- / ...necessidade / ...da Polônia, / ...para o Medi- / ...Stalin é um / ...ente amável, / ...lícito ne que

...n J. McCloy, / ...Secretário do / ...m programa / ...a Alemanha / ...o Secretário / ...va completa- / ...estava deci- / ...rograma, da

opinião do Sr. McCloy, exigia a destruição completa da economia alemã e a instituição de um estado de empobrecimento e desordem. Disse, também, que achava que o o papel do exército, em qualquer programa seria dificílimo, porque o exército, pelo seu treinamento e instinto, restabeleceria naturalmente a ordem, logo que fosse possível."

5 DE OUTUBRO DE 1944

"A situação na China torna-se cada vez mais tensa..."

18 DE OUTUBRO DE 1944

"O major-general John R. Deane, chefe da Missão Militar dos Estados Unidos em Moscou informou que Stalin está disposto a discutir o projeto que trata da participação total dos russos contra os japonêses desde que se proceda de acôrdo com as condições de Stalin, que pede o fornecimento de certas unidades aéreas e equipamento durante dois meses para trinta divisões adicionais na Mandchúria. Êle disse que se os japonêses forem preliminarmente informados sôbre a participação russa, êles imediatamente dirigir-se-ão contra Vladivostok..."

★

Forrestal evitava viagens políticas e nunca tomou parte ativa na política, mas em 1944 compareceu à reunião final para a quarta campanha eleitoral do Presidente Franklin Roosevelt.

4 DE NOVEMBRO DE 1944

"VOEI hoje para Boston a fim de alcançar o trem presidencial antes do discurso final da campanha em Fenway Park...

O assunto principal das conversações foi se Bob Hannegan, presidente do Democrático Nacional e John McCormack, líder da maioria da Câmara, conseguiram persuadir o ilustre David I. Walsh a apresentar o Presidente do estrado instalado em Fenway Park. O senador respondeu que iria até Framingham apenas, ou por outras palavras, que fumaria um charuto mas que não subiria o palanque. A intransigência foi resolvida simplesmente, não parando o trem em Framingham. Mesmo assim o senador conservou-se firme e não compareceu à plataforma naquela noite."

MacARTHUR EM 1945

DOUGLAS MacArthur foi uma figura importante e discutida entre os líderes militares no último ano da guerra. Há, no "diário" de Forrestal, em data de 22 de novembro de 1944, uma longa anotação neste sentido: "MacArthuh — Leyte, por Bert Andrews", que lhe foi fornecida pelo correspondente em Washington do "New York Herald Tribune", depois da visita feita às Filipinas. Andrews foi franco e MacArthur, pelo menos aparentemente, parece também ter sido. Eis o que diz Andrews: "MacArthur disse que todos os erros que homens inteligentes podem fazer, foram cometidos nesta guerra. As operações norte-africanas foram completamente inúteis e mesmo todo potencial da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos foi para lá atirado."

O general, segundo a descrição feita no relatório, estava totalmente dominado por duas idéias: 1.° — que a guerra no Pacífico tinha sido **"poupada"** para satisfazer a interêsses europeus. 2.° — que enquanto a estratégia MacArthur-Nimitz no Pacífico tinha capacidade bastante para esmagar o **inimigo** "onde **êle** não a tinha", a estratégia européia continuava martelando estùpidamente os mais fortes pontos do inimigo. "O exército de Patton — Andrews transcreve as palavras do general — está procurando abrir caminho no Vosges, no setor de Luneville-Baccarat, mas não o consegue. E repete — "jamais conseguirá. Exército algum poderá fazer isso... A situação chinesa é desastrosa. A verdade amarga para a nossa decisão é concentrar todo o nosso poderio militar contra a Alemanha... MacArthur declarou que se lhe tivessem dado uma parte das fôrças que invadiram o norte da África, êle teria rehavido as Filipinas em três meses, porque naquela ocasião os japonêses não estavam preparados".

IMPORTÂNCIA DO PACÍFICO

O relatório continua expondo os pontos de vista de MacArthur: "Numa acusação geral êle ataca severamente Washington asseverando que "estão combatendo nesta guerra da mesma maneira que o fizeram na outra. Disse que a maioria jamais está nas linhas de frente e que não estão fazendo rodízio em Washington para os oficiais de campanha...

"Continuando sua crítica contra Washington, o general diz que a história do mundo será escrita no Pacífico e para um período de dez mil anos. Cometemos novamente o mesmo êrro, intervindo nas questões européias, cuja solução não encontraremos, porque são insolúveis. A Europa é um sistema moribundo. Está gasto e esgotado e tende a se tornar numa hegemonia econômica e industrial da Rússia soviética... As terras à beira do Pacífico, com seus bilhões de habitantes traçarão o curso da história, (e repete) para um período de dez mil anos... Na sua opinião, Stalin está também a par da situação do Pacífico e enquanto luta na Europa, tem os olhos fitos na Ásia". E continua a exposição:

"MacArthur repetiu que o Pacífico será a esfera industrial e econômica do desenvolvimento mundial. Na sua crítica severíssima contra Washington, disse que "êles eram acusados de traição e sabotagem" por não terem amparado devidamente o Pacífico, preferindo martelar a Alemanha... Quando assim falava, êle, nem uma só vez, se referiu aos "americanos", aos "japonêses", às "nossas fôrças" e nem mesmo às "fôrças dêles". Dizia sempre "eu e o inimigo", ou então "eu e êle", com tanta insistência, que deixou aos ouvintes a impressão de estarem diante de um grande egoísta. Uma ou duas vêzes os que o ouviam procuraram interrompê-lo com uma pergunta, mas como êle não gosta de perguntas, não lhes deu a mínima atenção". Forrestal copiara todo o relatório de MacArthur no seu "diário", não tendo nada acrescentado. Pouco tempo depois, êle mesmo teve a oportunidade de entrevistar o general e isso foi justamente por ocasião do terceiro aniversário do ataque a Pearl Harbour, que foi a primeira advertência para a rendição do Japão.

RÚSSIA E JAPÃO

7 DE DEZEMBRO DE 1944

DESPACHOS recebidos hoje do Japão indicam que os japonêses já começam a notar que a situação dêles está se tornando mais difícil. Estão aguardando, segundo se deduz, que haja, o que é bem possível para êles, diferenças entre os interêsses russos e anglo-americanos e para facilitar a posição em que se encontram devem solicitar negociações para a paz. Presumem também e estão mesmo convencidos de que a Rússia participará da guerra contra êles, na ocasião propícia.

O Presidente Roosevelt, em 20 de janeiro, tomou posse da presidência do país pela quarta vez e logo em seguida partiu para a conferência de Ialta. Forrestal partiu para uma viagem de inspeção pelo Pacífico Oriental. Estêve presente ao desembarque dos fuzileiros em Iwo Jima no dia 19 de fevereiro. Quatro dias depois, conseguiu, também, desembarcar, embora a luta estivesse no auge. No seu "diário" há poucos detalhes a respeito e retirou-se no mesmo dia. Depois de fazer uma visita ao almirante Nimitz em Guam, dirigiu-se ao quartel-general de MacArthur, recentemente instalado em Manila.

TENDO adquirido os direitos de exclusividade para a divulgação, no Brasil, de O DIÁRIO DE JAMES FORRESTAL, a REVISTA DA SEMANA inicia nêste número, a publicação dêsse importante documento. Pela primeira vez em nosso país, vão ser conhecidas as impressões pessoais e autorizadas do primeiro Secretário da Defesa do govêrno norte-americano, sôbre palpitantes questões de ordem internacional. Trata-se de preciosa súmula dos acontecimentos em que se viram envolvidos os Estados Unidos, e consequentemente o resto do mundo, nestes últimos anos, comentados por um homem que foi excepcionalmente [illegible] entre as mais altas autoridades do seu govêrno durante a guerra e no período imediato de após-guerra. Só agora O DIÁRIO DE JAMES FORRESTAL pode vir ao lume da publicidade, depois de vencidos mil obstáculos até ser permitida a sua divulgação na íntegra. Acompanhando os capítulos seguintes, poderá o leitor avaliar a argúcia do homem a quem Franklin Delano Roosevelt chamou para seu auxiliar, quando se registrava o assalto de Hitler sôbre a Europa ocidental e que depois viria a divergir de Truman. Este é um relato sem precedentes, que a REVISTA DA SEMANA se preza de oferecer aos seus leitores, sem poupar sacrifícios nem despesas.

28 DE FEVEREIRO DE 1945

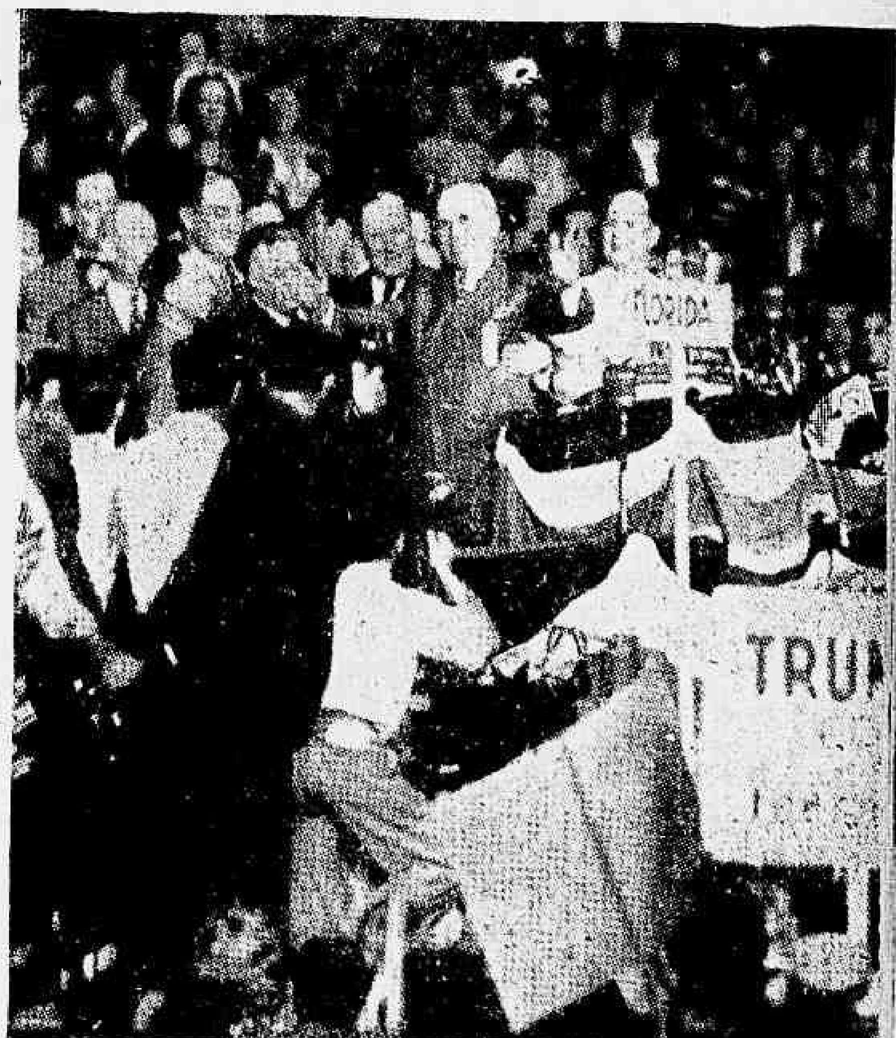
No dia... a questão da guerra contra o Japão e depois os nossos objetivos com relação ao dito país. (MacArthur fêz sentir que a idéia de ajuda aos chineses seria dispensável). Êle era de opinião que nos apoiássemos no compromisso dos russos para o prosseguimento ativo e vigoroso de uma campanha contra os japonêses na Mandchúria, de modo que fôsse empregada uma grande parte do exército japonês. Uma vez iniciada a campanha nós desfecharíamos um ataque às ilhas vizinhas, dando assim, segundo a expressão por êle usada, o "coup de main" pela retaguarda, enquanto que numerosas fôrças do poderio militar do Japão estavam empenhadas no continente asiático...

Declarou que a nossa fôrça devia ser reservada para a luta dentro do Japão, na planície de Tóquio e isso só poderia ser feito depois de têrmos a certeza de que os nipões estavam sèriamente empenhados contra os russos, na Mandchúria. Para isso êle achava que os russos tinham pouca probabilidade de organizar trinta divisões adicionais experimentadas na Mandchúria em menos de seis meses...

Seu receio, segundo deixou transparecer na conversa, era que o plano russo tratasse de nos convencer de uma campanha na China, que seria para nós mais dispendiosa do que nas ilhas vizinhas e

(Continua na página 54)

O PRESIDENTE TRUMAN quando recebia parabens dos amigos e admiradores, na Convenção do Partido Democrático, em Chicago, realizada no ano de 1944 e na qual foi indicado para vice-presidente da grande nação americana.



UM POUCO DA HISTÓRIA DOS DRAGÕES DA INDEPENDÊNCIA

DO PRÍNCIPE REGENTE À REPÚBLICA

143 ANOS DE GLORIOSA EXISTÊNCIA ★ UM CONDE AUSTRÍACO QUE FOI SOLDADO NO BRASIL ★ BATISMO DE FOGO NA BATALHA DE ITUZAINGO ★ COMO SE PREPARAM OS DRAGÕES PARA O CLÁSSICO DESFILE DO "DIA DA INDEPENDÊNCIA"

Reportagem de MOACYR DE LACERDA — Fotos de HELIO JOYCE





SOB AS VISTAS do tenente Wilson, os sargentos do seu pelotão preparam as crinas dos cavalos, acertando-as, para o desfile. Como se vê, as montadas também fazem «toilette».



NA MANHÃ de 7 de setembro, os cascos dos animais são pintados cuidadosamente; também se ajustam as caneleiras brancas, ficando o cavalo em ponto de bala para o desfile.

COMO se preparam os Dragões da Independência para um desfile?

Muita gente sabe, muita gente não sabe. Mas a verdade é que, em se tratando de um desfile comemorativo, de uma grande parada como, por exemplo, a de 7 de Setembro, e sejam os preparativos feitos nos Dragões ou em qualquer outro regimento de cavalaria — o serviço é estafante. Principalmente para os oficiais e sargentos, que todos os anos são incumbidos dessa tarefa de suma responsabilidade, tendo de ensinar os "praças" a montarem habilmente e tratarem com carinho suas próprias montadas.

Ha sempre dois lugares escolhidos para os treinamentos: o primeiro é interno, na sede do próprio regimento, em enorme pista onde os jovens soldados recebem suas primeiras noções de montaria. O outro, só quatro meses depois os soldados tomam contacto com êle. Isso quer dizer que os preparativos para um desfile militar do vulto do que habitualmente assistimos no Dia da Pátria, começam a ser feitos com grande antecedência, embora o povo, quando se comprime pelas avenidas para assistir ao desfile dos bravos componentes de uma parada, longe esteja de imaginar o "pesado" que êles êles suportam, coitados! Mas tudo isso está dentro de suas obrigações e a grande aspiração de um soldado é comparecer à maior parada do ano.

Nas longas e inclinadas estradas da Quinta da Boa Vista, fazem-se os primeiros exercícios. Êsse é um local muito próprio para treinamento de algumas corporações militares situadas no bairro de São Cristóvão.

O TRADICIONAL RECEBIMENTO da bandeira, às 5.55 horas da manhã de 7 de setembro. Êste é o momento de grande emoção para os rapazes que, sem demora, dão início ao desfile.



TODOS OS ANIMAIS têm de desfilar com ferraduras novas e o trabalho de ferrar é executado pelos soldados. Tarefa dobrada, quando é preciso tratar do «calçado» dos bichos.



FAZENDO O DESENHO quadriculado nas ancas do animal, na manhã da parada. Cada esquadrão procura fazê-lo melhor, e na hora do desfile, tudo é brilhante, lustroso, um espelho!



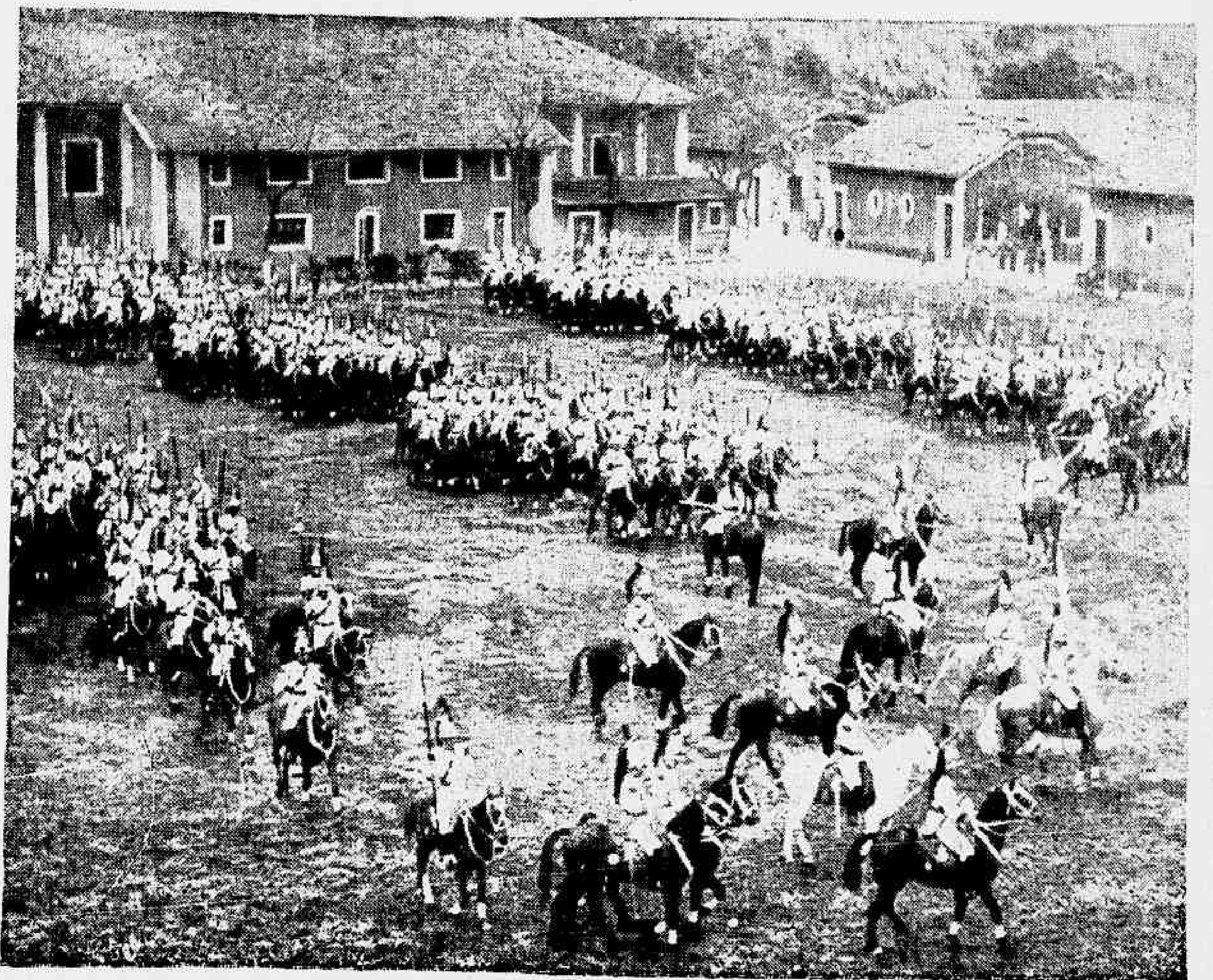
O CAVALINHO «MASCOTE» do regimento. Há mais de dez anos êle toma parte na parada do Dia da Pátria, com o seu penacho que os outros animais só não invejam porque a inveja não existe entre êles. Mas a «mascote», de proporções menores, tem [illegible] fora da linha — e não é montada. As crianças batem palmas ao vê-lo.

Diàriamente, os esquadrões do 1º R. C. G. partem em direção à mansão do antigo Imperador, para seus costumeiros ensaios. E três dias antes da parada, o serviço desdobra-se com maior movimentação. A cavalhada começa a ser limpa com absoluto rigor, preparada cuidadosamente, pois cada animal deve fazer um brinco, para se exibir diante do Chefe da Nação, das altas autoridades do país e das multidões, enfim.

Chega o almejado dia. E' madrugada. Silêncio geral, todos ainda estão entregues ao sono, quando, às três horas, o toque de alvorada dá início às primeiras labutas. A tropa salta do leito, veste-se, faz a "toilette" de emergência e começa o trabalho pelas baias, onde cada soldado coloca os arreios e os quadriculados em suas montadas. Depois de tudo concluído — o que deve ser feito com absoluta presteza e integral correção — chega o momento culminante: vestir a tradicional roupa de "dragão".

Às 5,40, em ponto, o regimento está preparado para o desfile. Consumiu, a rigor, duas horas e quarenta minutos nesses preparativos. Dez minutos depois, o comandante — coronel Jandyr Galvão — assume a chefia da tropa. E às 5,55, tudo cronomètricamente observado, faz-se o recebimento da bandeira, partindo os esquadrões, às 6 horas, para tomar seu lugar no desfile.

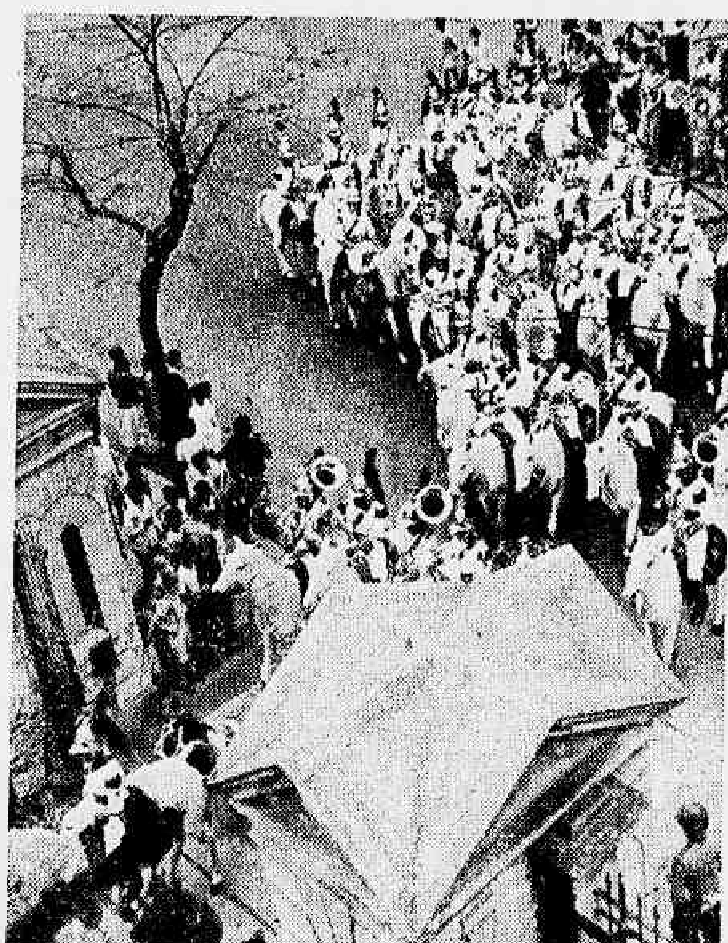
Daí por diante, é o espetáculo deslumbrante de imponência a que o povo já se habituou, dos mais memoráveis na vida militar do país.



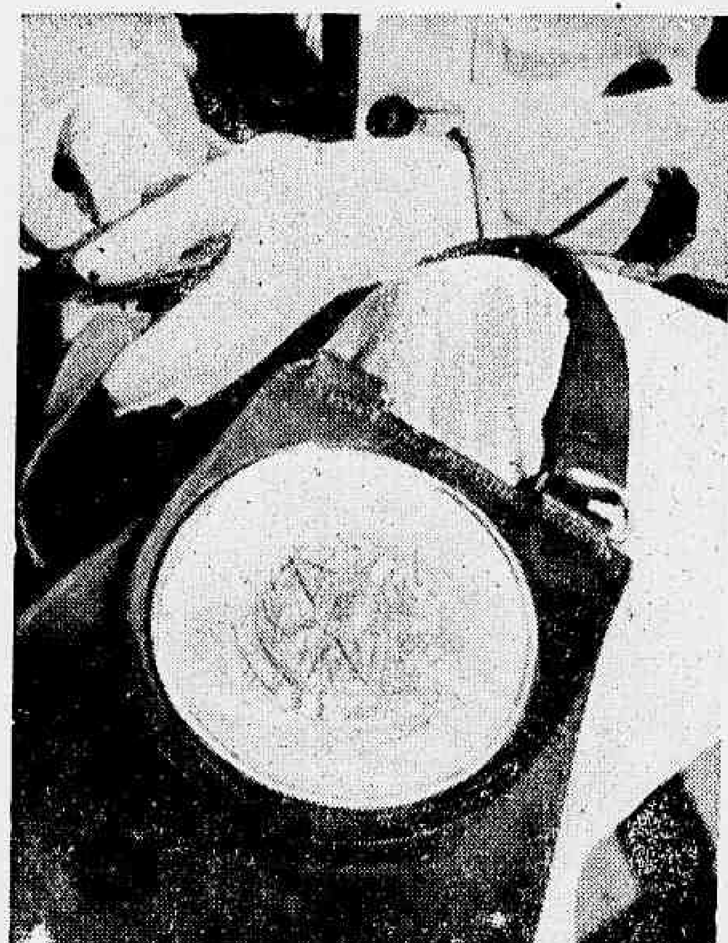
DEPOIS DA PARADA, de regresso ao pátio do regimento, sob o comando do coronel Jandyr Galvão, os Dragões da Independência fazem continência à bandeira. Findou a festa.



O GLORIOSO BAIO nº 6, onde ficou o cava'o que serviu de mont•da ao Marechal Deodoro da Fonseca. E' qua'quer coisa de histórico que os Dragões conservam com todo carinho.



DE REGRESSO da parada, guiando a banda do regimento, lá vai a «mascote» feliz e sobranceira. Na baia a espera um exce ente «lunch» porque o dia foi bem puxado!



LIMPANDO O ESCUDO da República. Ele faz parte da indumentária dos Dragões e precisa estar brunindo, espelhante, para o grande desfile. Os rapazes dão conta do recado.

UM POUCO DE HISTÓRIA

Dentre os grandes feitos da cavalaria, está gravado na lápide da história do Brasil, o Primeiro Regimento de Cavalaria de Guardas (Dragões da Independência), ou mais exatamente, o antigo Primeiro Regimento de Cavalaria da Primeira Linha do Exército, que inestimáveis serviços prestou à nação, tanto em tempo de paz como de guerra. E que mantem ainda sua tradição nos adornos das próprias montadas, numa demonstração ao vivo do que foi na era imperial.

Sabe-se que êsse regimento foi criado na data natalícia do Príncipe Regente D. João, no dia 13 de maio de 1808. Oitenta anos mais tarde, por singular coincidência, a efeméride deveria ser festejada com a abolição da escravatura. E' composto o regimento de estado maior e oito companhias divididas em quatro esquadrões de duas companhias cada um. Foi seu primeiro comandante o coronel Francisco de Paula Magessi Tavares de Carvalho, Barão de Vila Bela.

Dois anos mais tarde, em 1810, o Príncipe Regente decretava uma nova organização para êsse regimento, passando a ser administrado pela Real Fazenda, sendo lançadas as bases do futuro exército brasileiro e cabendo lhe as glórias de ser o preferido pelo govêrno para assentá-las

Alguns anos mais tarde, teve o 1º R. C. G., o ensejo de enviar para Pernambuco um de seus esquadrões, com o fito da abafar o movimento republicano que se operava com grande fôrça naquele Estado. A primeira batalha em que o Primeiro Regimento de Cavalaria tomou parte, foi

(Cont. na pág. 54)



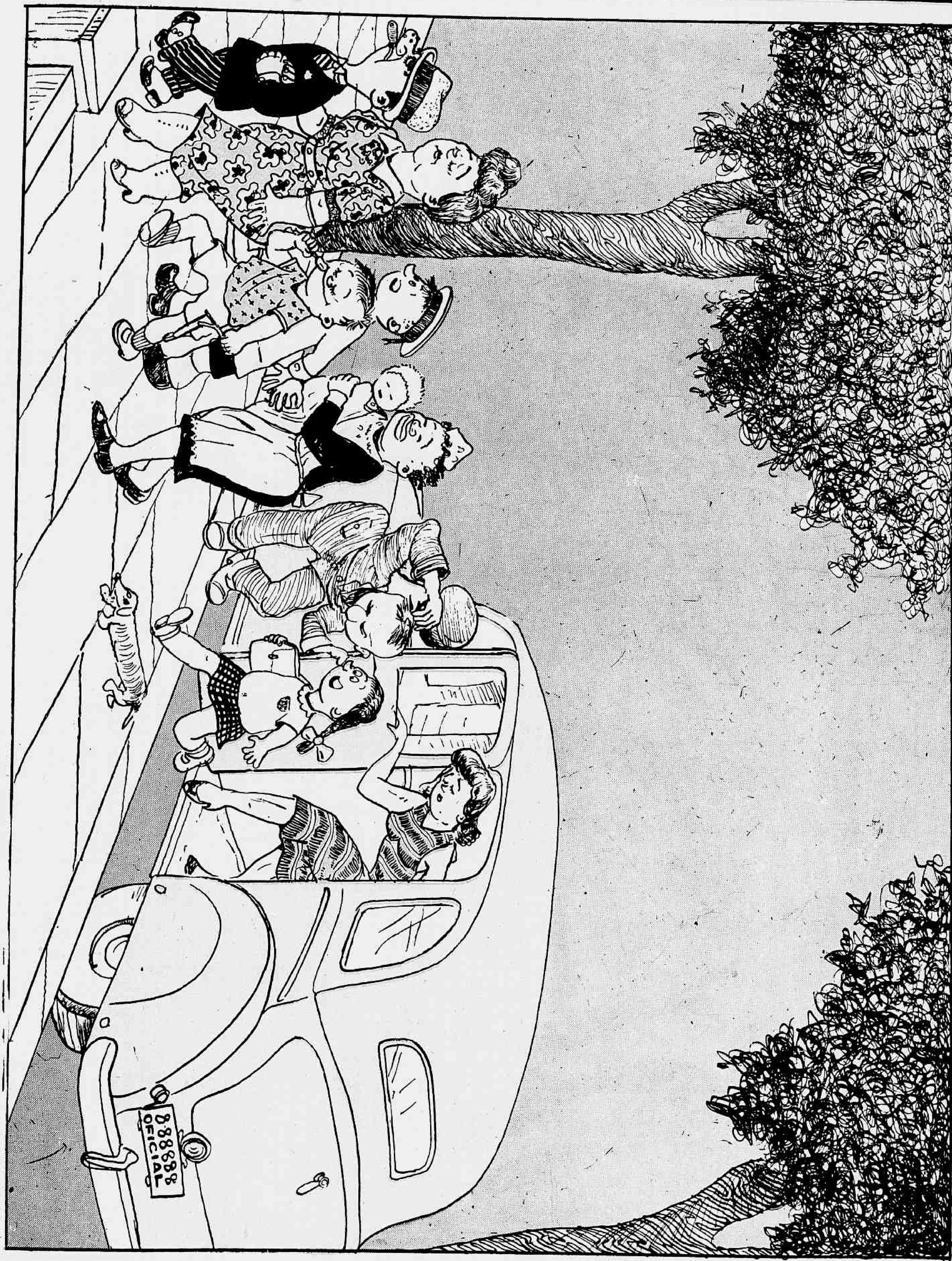
E FINALMENTE, o desfile pelo centro da cidade! Depois de várias semanas de treinamentos, de muitos trabalhos preparatórios, de marchas e contra-marchas, ei-los, os Dragões da Independência, passando em frente ao palanque presidencial e recebendo calorosos aplausos dos seus componentes, do povo, da cidade inteira. Valeu o sacrifício...

ESTE MUNDO E O OUTRO

CRIAÇÃO DE DARCY

CIDADE MARAVILHOSA

16- CARRO OFICIAL DE "USO EXCLUSIVO DO ESTADO"




Estampados



ESTES são exatamente os figurinos prediletos pelos chefes de família, aquêles que "gemem" na hora da "dolorosa": Estampados em tecidos leves e ligeiros, fazendas de custo razoável, que dão bonito efeito, mas custam pouco. Tudo está na habilidade da costureira e no bom aproveitamento das sugestões que hoje oferecemos às nossas leitoras.

A MOEDA DE PRATA

CHOVIA copiosamente. Tínhamos terminado o jantar e nos dirigimos para a sala de estar. Prazeirosamente, acomodei-me na maciez de uma poltrona aveludada. A sala aquecida era um abrigo contra a tempestade que rugia lá fora, e eu sentia aquela agradável sensação de leveza que nos fica, após degustar-se um bom vinho.

Luciana, a bela e etérea Luciana, veio, ela própria, servir-nos o café. Eu e Roberto o sorvemos em silêncio. Em seguida, acendemos os cigarros e preparei-me para ouvir o prosseguimento do caso que Roberto tinha principiado a narrar-me, quando já saboreávamos a sobremesa.

Luciana recolheu as xícaras e sorriu bondosamente para o marido. Roberto esperou que esta se retirasse e prosseguiu a história que o bom vinho italiano, soltando-lhe a língua, provocara:

— Êste caso é um dos mais interessantes que surgiram na minha clínica, durante todos êstes longos anos que exerço a profissão. Por certo, um médico psicanalista sempre tem histórias para contar. E' mesmo do ofício ouvir, diàriamente, de seus consulentes, fatos íntimos, relacionados com aquilo de mais absorvente que existe, ou seja, a alma humana. São, na maioria das vêzes, casos dolorosos de pessoas frustradas, portadoras dos mais variados complexos, frutos de uma educação defeituosa e de ambientes de má conformação moral, no qual viram desenvolver-se a infância. Para um leigo como você, acredito que deve causar espécie quando lhe digo que até defeitos físicos, como a paralisia de um braço, por exemplo, pode ter a sua razão de ser, num longínquo fato ocorrido na meninice do paciente. Num caso como êste, a paralisia pode ser oriunda de uma inibição infantil, simbolizada no membro paralisado.

As mais diferentes fobias, complexos e angústias encontram sempre um modo de exteriorizar-se, quer sublimando-se no amor, em obras de arte, em vocação religiosa, quer formando esta legião de infelizes, responsáveis por crimes passionais, cleptomaníacos e pelas mais diversas taras, ou ainda, simbolizando-se, como no caso a que acabo de me referir. Cabe a nós, os psicanalistas, descobrir o fato que provoca o estado mórbido e que costuma ser avaramente guardado pelo subconsciente. Atravessar a invisível e quase impenetrável cortina estabelecida entre o consciente e subconsciente e de lá arrancar o fato que irá revelar ao cliente a razão do seu mal, é que constitui a nossa tarefa principal, e por certo, a mais árdua. Pois, uma vez tendo-lhe sido revelado o fato ou o traumatismo que lhe causou o mal, o paciente logo apresenta sensíveis melhoras e, geralmente, consegue logo restabelecer-se.

Roberto fitou-me, como a estudar o efeito do que dissera e, sorrindo de certo modo, acrescentou:

— Por uma questão de ética profissional, não revelarei os nomes das pessoas envolvidas nesta história. Você talvez o descubra, mas eu não citarei nenhum nome.

Trata-se de um caso que, desde o início, despertou-me uma atenção especial, pois a cliente que veio ao meu consultório, naquela bonita tarde de verão, era uma criatura das minhas relações. Quando moço, frequentara-lhe muito a casa, pois meu pai era amigo de sua família. Na época em que ia à sua casa, ela era ainda uma meninota. Mesmo quando veio ao meu consultório, não passava de uma criança, pois sendo uns quinze anos mais moça do que eu, e tendo eu na época trinta e três anos, ela devia ter dezoito. Uma criança, portanto, ou melhor, uma encantadora menina-moça de grandes olhos sonhadores. Até hoje, admira-me como conseguiu vencer a sua timidez, própria da idade e de seu estado mórbido, para vir consultar-me. Acredito que o fato de ser um conhecido da família a tenha decidido.

O seu caso era de certo modo, pouco comum. Vivia angustiada por inexplicáveis temores. O fato mais banal, era suficiente para amedrontá-la. Além dos pavores infantis, como o mêdo do quarto escuro, trovoadas e os chamados terrores noturnos, tudo o mais era motivo para incutir-lhe um pavor doentio. O mêdo a seguia por tôda a parte. Em casa, na rua, quando tinha de travar novas relações; enfim, obrigava-a a um retraimento que a fazia viver num angustioso isolamento, apartada do convívio das pessoas normais.

Submeti minha cliente aos testes psicanalíticos de rotina, mas pouco adiantei-me no caso. Os testes me revelaram mais ou menos o que já sabia, isto é, um estado de angústia neurótico, provocado por complexo recalcado e que, em consequência, produzia-lhe aquela sensação de mêdo, resultante êste último de uma falta total de confiança em si própria. Fato estranhável, se considerarmos os dezoito anos saudáveis de minha cliente, aliados à sua incontestável formosura.

Recorri ao sono hipnótico, usando os mesmos processos aconselhados pelos meus velhos mestres: Freud, Jung e Adler. O consultório na semi-penumbra, o ambiente propício, dia após dia, eu a fazia adormecer, procurando desvendar-lhe o ego. Soube, então, que minha cliente tinha com frequência sonhos curiosos, quase sempre idênticos e que guardavam entre si certas relações. Sonhava, por exemplo, que viajava a cavalo, e se, por qualquer motivo, tivesse de apear-se, o cavalo sùbitamente partia a galope, deixando-a só numa floresta desconhecida. Outras vêzes, o objeto perdido era um automóvel, ou a companhia de jovens de sua idade que logo a abandonavam, e via-se perdida num lugar qualquer. O mais frequente, porém, era sonhar que tinha nas mãos uma grande quantidade de dinheiro ou um objeto de valor. Logo, o dinheiro ou objeto esvaía-se-lhe das mãos, restando-lhe sempre aquela indizível sensação de abandono.

Com a revelação dos sonhos, quase consegui desvendar o mistério que cercava a minha cliente. Era fácil deduzir que algo ou alguma pessoa em quem... — chamemo-la de X — depositava a mais cega confiança, fora-lhe arrebatada ou se perdera. O fato, provàvelmente ocorrido nos dias distantes de sua meninice, explodia agora naqueles inexplicáveis

(*Cont. na pág.* 46)

Conto de BRUNO PAVEL ★ Ilustração de OSWALDO DA CUNHA





PLISSADOS

OS vestidos plissados embora não constituam novidade no guarda-roupa feminino, continuam entretanto a merecer a atenção das mulheres elegantes. Inspirado em novas fontes, os modelos que aqui apresentamos, são as últimas criações que Paris sugere para várias horas do dia, para a manhã, tarde e noite. Sêda, linho e tafetá foram os materiais empregados na confecção dos mesmos.



ACENDE TUA LAMPADA

(De AMADO NERVO)

QUANDO a noite cair, acende tua lâmpada. Não permaneças na escuridão.

Acende cuidadosamente tua lâmpada.

O viajante que passar, dirá: «Quanto repouso deve haver em tôrno daquela luz e quanta paz!»

A mulher solitária, que a veja de longe, pensará: «Ali deve aninhar-se o amor; dois que se querem são banhados pelo mesmo fulgor brando...»

A criança que a contemple, exclamará: «Talvez haja crianças, em volta da mesa e lêem belas histórias e olham maravilhosas estampas».

O ladrão furtivo murmurará com receio: «Ali vive um homem prevenido a quem não se pode atacar sem risco.»

Muitos, ao internar-se na selva, se sentirão confortados por tua luz.

Em verdade te digo que é misericordioso, às primeiras sombras, acender nossa lâmpada: a boa lâmpada de que o Pai proviu os caminhantes da vida.

Pela tradução — LYSE



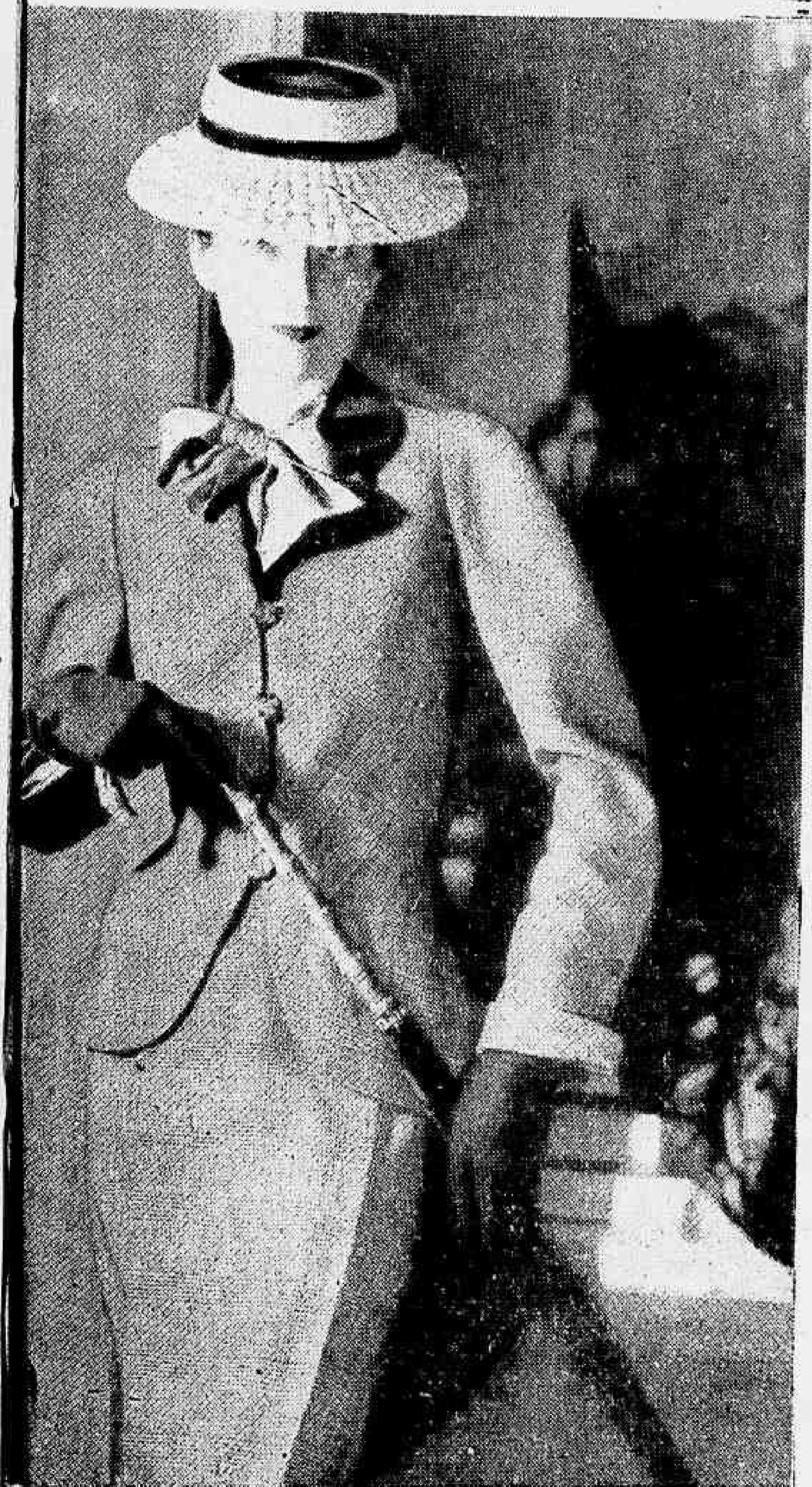


DE Schiaparelli











DO famoso costureiro de Paris, aqui está uma sugestiva coleção de suas últimas criações. Na página ao lado, à direita, temos, modêlo em pesada sêda preta, grandes botões compõem-se o original abotoado, em traspasse. Decote assimétrico, mangas japonêsas, três-quartos. A seguir, dois outros elegantes modelos, um em fina lã cinza, com originalíssimo talhe, o outro é um modêlo mais simples, em sêda estampada, porém, bastante sugestivo. Nesta página, dois elegantes "tailleurs", o primeiro em lã azul-marinho, gola ampla com viez branco, saia justa. O segundo poderá ser confeccionado em fina cambraia de casemira quadriculada, corte elegante e moderníssimo. À direita, uma maravilhosa criação para noite, em tule branca, fitas de veludo, em várias côres, terminando em laços sôbre o decote.



QUATRO CHAPEUS





WEEK-END

STRUDEL DE CEREJAS

750 gr de cerejas, 1 colher de sopa de manteiga, nata, farinha de pão, 1 ôvo, açúcar, canela, uma pitada de sal. Massa de Strudel n. 1.

Pincela-se com manteiga derretida a massa de Strudel, bem estendida. Polvilha-se com farinha de pão torrada em manteiga, pincela-se com a nata misturada com o ôvo, o açúcar e o sal, e deita-se sôbre esta as cerejas sem os caroços. Enrola-se, põe-se em assadeira untada e assa-se no forno durante 30 a 40 minutos.

Antes de ser servido, polvilha-se o Strudel com açúcar e canela. Pode-se empregar, também, ameixas, abricós ou uvas.

MASSA DE STRUDEL

250 gr de farinha de trigo (de muito boa qualidade), 20 gramas de manteiga, uma pi-



tada de sal, 9 a 10 colheres de sopa de água.

Põe-se a farinha de trigo em uma tábua, faz-se no centro uma cavidade na qual se põe a manteiga, o sal e a água morna. Vai-se amassando até que a massa não grude mais e até que fique meio consistente e forme bôlhas. Coloca-se então num canto da tábua polvilhada com farinha de trigo, e sob uma vasilha aquecida, deixando-se descansar meia hora.

BISCOITOS DE ALBERTO

100 gr de manteiga, 2 ovos, açúcar de baunilha, 125 gr de açúcar, 180 gr de farinha de batatas, 180 gr de farinha, 1 pitada de sal, 2 colheres de chá de fermento em pó.

Bate-se a manteiga como creme, misturam-se os ovos, o açúcar, o sal, a baunilha, a farinha e o fermento em pó. Depois de descansar ½ hora, estende-se a massa na grossura de ½ cm, fazem-se, com o auxílio do batedor de carne, pequenas depressões e cortam-se biscoitos redondos.

Assam-se em assadeira untada em forno quente. Podem-se unir de dois em dois com geléia de frutas ou creme de manteiga.

DELICIOSAS DE CHOCOLATES

100 gr de chocolate em pó, 150 gr de amêndoas raladas, 140 gr de açúcar, 1 clara.

Faz-se uma massa com os ingredientes, estende-se com farinha na grossura de ½ cm. Cortam-se com forminhas diversas figuras, põem-se em tábua polvilhada e deixam-se descansar durante 24 a 36 horas em lugar quente, para secar. Depois põem-se em assadeira untada e assam-se em forno quente.

ARRAIA COM QUEIJO

Tome 1 arraia inteira ou um pedaço de 2 quilos, tire a pele, lave bem e deite numa panela com 3 xícaras de leite, 1 colher de chá de manteiga, ½ colher de chá de farinha, 2 cravos, 2 cebolas pequenas, ½ dente de alho, ½ fôlha de louro e pitada de pimenta do reino. Leve a ferver por pouco tempo, sem deixar amolecer demais. Escorra, côe o caldo e leve a reduzir para engrossar. Escalde e cozinhe umas 20 cebolas pequeninas no caldo da sopa e escorra. Torre 1½ xícara de quadradinhos de pão de 2 cm. Polvilhe com queijo ralado o fundo de um prato de ir ao forno, deite por cima a arraia, arrume as cebolas ao redor, e o pão torrado por fora. Derrame o môlho por cima do peixe, polvilhe com queijo ralado e leve ao forno para tostar.

LÍNGUA À MODA DE LIÃO

Faça de véspera: tome 1 língua grande, lave, apare e leve a cozinhar coberta de caldo e, quando começar a reduzir, junte 1 copo de vinho branco, 1 kg de boa linguiça e 1 mocotó de vitela. Adicione ½ fôlha de louro, 2 galhos de salsa, 1 cebola e outra qualquer erva aromática que gostar. Deixe a cozinhar durante umas 4 horas, retire a pele da língua e deite-a numa tijela, coloque a carne da linguiça ao redor e por cima pedacinhos de pepinos em conserva. Prove o caldo e passe por uma peneira sôbre a língua. Deve cobri-la tôda. Guarde para o dia seguinte na geladeira ou lugar fresco. Emborque a tijela num prato, guarneça com fôlhas frescas de alface e coloque ao redor os tomates recheados.

MUQUECA COM LEITE DE CÔCO

Faça como a muqueca de peixe. Pronta, retire as lascas dos peixes sem espinhas

ND NA COZINHA

nem peles, e arrume num prato. Côe o môlho, junte 1 colher rasa de fubá de arroz e o leite de um côco, leve ao fogo para engrossar, e despeje sôbre o peixe. Esta muqueca é mais fina de gôsto. Há quem junte 1 colher de azeite de dendê com o leite.

FRITADA DE PERNAMBUCO

Tome 2 kg de camarões graúdos, lave e leve ao fogo só com sal, em panela tampada. Logo que fiquem vermelhos descasque, corte uns 12 pelo comprido e reserve. Tire o leite grosso de 1 côco e reserve. Tire o leite fraco com 1 xícara de água quente, junte as cascas dos camarões socadas, esprema e reserve o caldo. Refogue em 2 colheres de azeite e 1 de cebola picada, 10 tomates, cheiro e 6 pimentas: junte o caldo, leve a ferver, adicione os camarões e quando estiver quase sem môlho, incorpore o leite grosso, 2 colheres de azeite e uns 10 ovos ligeiramen e batidos. Deixe no fogo até os ovos principiarem a endurecer então leve ao forno para tostar. Deve ficar com uns 3 dedos de altura. Deite em um prato e guarneça por cima com os camarões reservados e ao redor com salsa.

CHOUCROUTE COM SALSICHAS DE VIENA

O melhor é comprar 1 quilo de choucroute já pronta. Lave muito bem em água morna e deite em uma panela com 1 colher de banha e algumas fatias de toucinho inglês. Cubra tudo com água e leve a cozinhar; regula 1 hora. Adicione 1/2 xicara de vinagre e vinho branco misturado. Cozinhe um pouco e arrume no fundo de uma travessa. Leve a ferver água em uma caçarola e jogue dentro 1 quilo de salsichas de Viena. Deixe ferver 5 minutos, retire com a espumadeira e arrume sôbre a camada de choucroute.

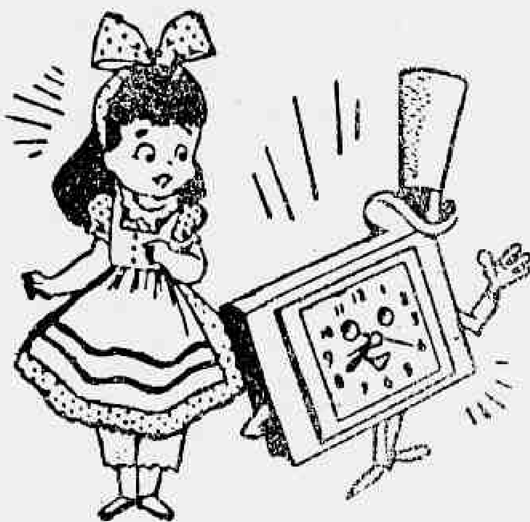
BERINGELAS RECHEADAS

Tome 6 beringelas iguais, corte ao meio talhando os cabos também ao meio e leve a cozinhar em água a ferver, bastante sal e 1 colher de açúcar, apenas para tirar o amargo. Depois escorra e retire tôda a parte que tiver sementes.

O recheio: Tome 1 quilo de carne crúa e bata com o batedor próprio ou com o facão. Não passe na máquina para não ficar pastosa. Refogue 1 colher de banha, 1 de cebolas, salsa bem picadinha, e aí deite a carne. Deixe tostar bem, mexendo para não pegar. Junte alguns tomates sem peles, 1 ou 2 colheres de chá de massa de tomates, molhe com 1/2 xícara de caldo ou água, tempere de sal e deixe cozinhar até ficar macio e com o môlho grosso. Tome 3 colheres de polpa retirada das beringelas, junte 1 fatia de pão molhado no leite, ou em caldo, passe pela peneira, adicione ao picado, leve um pouco ao fogo para ligar encha as beringelas sem que fiquem abuladas. Passe as partes recheadas em 2 ovos batidos, depois em pó de pão torrado e leve a fritar em banha quente.

BARCOS DE LAGOSTA

Leve a ferver água com sal, cebolas, cheiro, tomates, e depois de fria aí leve a cozinhar 1 ou 2 lagostas durante 2 minutos. Estando cozida, parta pelo meio, retire a carne do corpo e divida em fatias.



Guarde as cascas. Retire a carne das unhas, sem as quebrar, e parta aos pedacinhos. Faça um pirão de batatas com meio quilo de batatas, e manteiga, mas que não fique muito leve, e deite sôbre todo o fundo de um prato. Sôbre o pirão fixe as duas metades das cascas, imitando barcos, coloque dentro delas as fatias da lagosta e cubra com môlho Bechamel incorporado com a lagosta picadinha, e polvilhe de queijo ralado. Passe na manteiga, derretida sôbre o pirão e com uma faca faça-o todo ondulado, imitando as ondas do mar. Coloque as unhas da lagosta nos lados dos barcos, como remos, e bata 2 claras em neve, e ponha ao redor dos barcos, como espuma, e leve ao forno, por uns 3 minutos.

MÔLHO INGLÊS

1 colherinha de mostarda, 2 colherinhas de açúcar, 1 xícara de água, 1 gema, 2 colheres de vinagre.

Desmancha-se a mostarda na água, com o açúcar e 1 gema. Bate-se bem e acrescenta-se o vinagre. Quando estiver tudo bem ligado, serve-se com carnes frias.



PALHA, feltro e veludo, foram os materiais escolhidos para a confecção dêstes quatro originais modelos. Como complementos empregou-se, véus, penas, fitas e pequenas pedras coloridas, harmoniosamente combinados, com elegância e bom gôsto.







TRÊS ESPELHOS

UMA história sensacional, onde o sabor do mistério nos acompanha de princípio a fim, sôbre um crime perpetrado com requintes de maldade e inteligência. Cujos personagens são tipos característicos das diversas camadas sociais, refletindo no complexo psicológico de cada um o estigma de sua formação e da maldade contida em cada coração humano. Um personagem com um passado tenebroso é vítima de uma mão criminosa, mas a polícia tem dificuldade de localizá-la. A vítima é um aventureiro que teve três amores, três mulheres em sua vida, mas que delas só guardava a recordação, a saudade e o coração cheio de amargura que o faziam herói e indigno, generoso e sem escrúpulos, isto é, um farrapo de homem em cuja vida deve o denodado policial intervir, para descobrir-lhe a história de negócios escusos da alta finança e paixões ignoradas do mundo elegante.



UMA rua de bairro pobre como as outras que se perdem por êsse mundo em fora... a rua da Espada — tudo silêncio, porque a noite vai alta, a iluminação deficiente, as janelinhas fechadas, propiciavam a sombra na qual se esqueira a escórea da sociedade. E' a hora em que os criminosos vivem a sua vida, os salteadores anceiam por mais uma vítima, as mulheres fáceis procuram companheiros. E' o momento de liberdade daqueles que vivem fora da lei dos homens e afastados da moral. Um automóvel luxuoso desliza em velocidade pela rua íngreme e perigosa. Sua marcha é irregular, mas sua velocidade é cada vez maior, dir-se-ia que dentro dêle não ha ninguém ou que o seu condutor está embriagado. Isto fazia presentir-se um rápido epilogo da louca disparada... e imediatamente depois, ao razar uma perigosa curva o carro galga o passeio e vai esmagar-se contra as fortes parede de um prédio. Ouve-se tremenda explosão, as chamas fazem o seu cêrco, rodeiam ràpidamente o carro, de onde se levanta uma fumarada espessa, impedindo qualquer salvamento vedando a vista, para o interior do veículo. A violência do choque e da esplosão percutindo na noite silenciosa, chama a atenção, há gritos, correrias, apitos, sirenes de polícia. Estabele-se a confusão, todos querem ajudar, ver, salvar, comentar, perguntar, emfim, o caraterísitco dêsses momentos.

Depois de uma noite de vigilia o inspetor chefe, da polícia local, de nome Moises, homem gordo e de aspecto terrivelmente vulgar, com excessão do olhar vivo, inteligente e prescrutador, tira vagarosamente as pantufas, abre os crotinados, apaga as luzes e prepara-se para recolher-se ao leito, pensando acabrunhado pela saúde de uma filho que se acha enfêrmo. Seus pensamentos de homem bom, trabalhador e honrado chefe de família, que tem direito ao descanso depois de ter cumprido o seu dever, é interrompido pelo chamado urgente do comissário.

O caso da colisão do automóvel apresenta-se aos olhos da polícia com características mais graves do que um simples desastre. A investigações devem ser entreques a Moises, àquela mesma hora: "O capitalista João Romano Esmorits foi encontrado semi-carbonizado dentro do seu próprio automóvel, que se incendiou depois de espatifar-se contra um prédio da Rua da Espada. Vinha êle em grande velocidade ladeira abaixo. Tôdas as aparências são dum lamentável acidente motivado pelo desarranjo dos dispositivos de direção do veículo, mas a polícia tem elementos para duvidar de simples acaso e classificar de criminoso o evento. Julga-se que o capitalista teria sido assassinado e depois colocado no carro desgovernado". Estava aí tudo o que a polícia podia dar ao hábil policial, sòmente conjecturas, vãs proposições e mais nada, a não ser os destroços do automóvel e um cadaver carbonizado. Moises decide iniciar as investigações imediatamente. Para isso reune seu subalternos e ruma para a residência do morto, lá deseja pesquisar e formar cabedal para ir mais além se for preciso. Residência faustosa a da Avenida Pátria, 103 — lugar onde vivera um homem tremendamente temido, solitário, dono de grande fortuna, mas inteiramente devotado à vida boêmia, a seu modo, porque fôra um vencido no amor, amara três mulheres e delas só tinha a











recordação e o coração desfeito, era um farrapo humano.

Moises dá ordens aos seus auxiliares que "deixem entrar tôda a gente, mas não deixem sair ninguém", "tornarei esta casa uma ratoeira". Aqui virá ter o criminoso, pensou consigo, porque o velho e esperimentado policial sabe que não há crime perfeito e que os criminosos voltam sempre ao local do crime, e aquêle assassinato poderia bem, ter sido perpetrado alí. De feito, em breve os policiais recebem a visita de Ricardo, o secretário do Capitalista, homem vaidoso, seguro de si, frio e com um passado não muito lisonjeiro aos olhos da polícia. O policial virifica logo que a situação financeira de Ricardo não é sólida: Saques a descoberto, títulos vencidos, compromissos insolvidos, cartas de credores, era tôda a fortuna daquele homem que manejava os negócios de seu patrão. Mesmo assim o homemzinho estava de núpcias marcadas para breve. Sua noiva era uma certa Maria Luiza, pessoa das relações do capitalista. Descobre-se ainda, que entre os amigos do morto havia um tal Manoel Aguiar, profundamente ligado, por laços amorosos, e inexcedível dedicação, a Maria Luiza. Sòmente essas informações dariam uma pista, porque o secretário poderia ter assassinado o patrão por dinheiro, poderia o tal Manoel Aguiar assassinado o Capitalista para por a culpa no secretário e ficar com Maria Luiza. O caso se complicava, já havia suspeitos com histórias dignas de estudo mais acurado e de meditação mais demorada, por quem é encarregado da difícil tarefa policial. Mas a ratocira continuava a funcionar, ia dando os seus resultados, pois outro personagem surge. Desta vez é uma mulher. E' Amable, jovem de humilde categoria social, mas muito bonita e portadora de outros atrativos pessoais. Estaria nessa mulher a chave do mistério? Vejamos! Moises tem a firme seperança de deslindar a trama ràpidamente, para poder voltar para casa ver o seu filho e calçar as pantufas. Interrogada pela polícia Amable declara que viera restituir uma cigarreira de ouro, que o capitalista deixara em sua casa, na noite anterior, por esquecimento. Em que rua mora você Amable? Na Rua da Espada! Na mesma rua onde se dera o desastre Por que se esqueirava você da polícia? Porque não queria complicação! Estava alí então outra provàvel assassina. Como conhéceu você o Capitalista Esmoritz? Conhecio-o na minha rotina de cantar nos cafés. Realmente, Esmóritz conhecera Amable no Café do Paraiso, casa de modesta condição, onde a jovem canta cançonetas durante tôda a noite entre as mesas onde se reunem tipos de tôda a espécie: caras alegres, figuras tristonhas, máscaras patibulares, bêbedos assassinos e homens da sociedade, que ás vêzes se enchafurdam na boêmia. E' uma dura vida de mulher, além do que ela tem um amante ciumento que a vigia de longe. E' um homem perigoso com ficha na polícia, atende pelo nome de "Catita". Esmoritiz freqüentava o Café do Paraiso, gostara de Amable ajudará-a visitava-a, vez em quando, na rua das Espadas.

Coordenando os fatos, verificando que Amable tinha um companheiro ciumento e conhecendo os seus antecedentes registrados na polícia, Moises, deu a esta visita o maior aprêço possível, esperando que reunisse elementos para apontar e prender o assassino.

Outras pessoas entretanto, começam a ser complicadas, por elemento alí colhidos. Entre elas se destacam, desde logo, duas figuras da melhor sociedade e gente difícil de ser imputada sem uma certeza cristalina: São a Condessa Manuela, figura por todos os títulos respeitável e o banqueiro Santana, igualmente responsável aparentemente, mas todos os dois predispostos diante dos olhos de lince do experimentado agente da lei. Soube Moises, que ambos tiveram negócios com o morto. Ivestigando soube, mais que o Capitalista os tinha ludibriado, empregando grandes somas a êle entregues, em ações de uma mina de petróleo que nunca existiu. O investimento era uma farça e fôra descoberta, pelos interessados. Poderiam êles, ter em conluio assassinado Esmoritz, ou mandado realizar o serviço por outrem. A trama intrincava-se cada vez mais, nada trazia um clarão. Tudo era neblina vedando o roteiro procurado. A verdade é que havia um morto; havia Ricardo amando Maria Luiza e sendo correspondido, mas entre êles estava Miguel de Aguiar, que também amava a moça e não era bem aceito; havia Amable com sua história singular mas verdadeira e seu amante "Catita", ciumento e perigoso; havia a Condessa respeitável mas enganada e roubada; havia o banqueiro sagaz e inteligente, roubado também. Todos poderiam ter matado o Capitalista Esmoritz, que em vida fôra um tremendo arranjador de dinheiro fácil, um homem para o qual todos os meios eram lícitos, contanto que houvesse dinheiro. Um homem que tivera muitas aventuras amorosas com mulheres de tôdas as classes. A atmosfera de duvida perdura, sòmente uma centelha de inteligência ou um acaso fortuito, poderiam aclarar aquêle crime quase perfeito, realizado com perícia e requinte de maldade. Só o imprevisto poderia atirar aos braços de Moises o criminoso. Êsse momento viria, mas quando... Algumas horas mais e se dá o milagre um emocionante imprevisto entrega à polícia o criminoso e Moises, pôde ir ver o seu filho doente, calçar as pantufas, correr os cortinados e recolher-se ao leito, para o descanço que tem direito um homem que vegía a nossa segurança.

E L E N C O

João Villaret	Inspetor Moisés
Miguel Aguiar	**Virgílio Teixeira**
Amable	**Maria Clara**
João Romano Esmoritz.	**Rafael Duran**
Ricardo	**Ribeirinho**

e

Antônio Silva — Carmen Dolores — Magdalena Souto — Raul de Carvalho — Paula Bárbara — Oscar Acúrcio — Igrejas Caeiro — José Amaro — Luís Campos — Salles Ribeiro — Mário Santos — Armando Ferreira — Regina Montenegro — Reginaldo Duarte.

Música de Jaime Mendes e Jesus Leos
Argumento original de Natividade ZaZro
Direção de Ladislau Vajda.
Produção de Lisboa Filmes
Distribuição de Luso Filmes.

SAUDE DO BEBE

PROTEÇÃO DO LACTENTE

Dr. SABOIA RIBEIRO

Em rigor, o lactente (menino de peito) não devia adoecer tanto como, em verdade, tanto adoece.

De referência à gripe, à coqueluche, à difteria, ao sarampo, os conhecimentos médicos permitem, já, afirmar, que, orientada fôsse a higiene da criancinha de maneira conveniente, muitas e muitas vêzes essas infecções não as alcançariam na primeira idade ou, pelo menos, revestiriam formas antes benignas.

Sabe-se, com efeito, que o lactente possuidor de uma boa saúde e, portanto, boas defesas contra as infecções, apto assim a lutar em face das mesmas com todo o poderio de suas defesas naturais, enfrenta a estas com o mínimo de fenomenos morbidos e a salvo de certas complicações que podem surgir noutras menos bem dotadas dessas defesas.

Em primeiro lugar, pois, deve-se assegurar à criancinha uma boa nutrição que lhe é garantida por uma alimentação adequada e suficiente.

Além disso, uma condição de sucesso porque, em falta dela, não há como evitar a doença) e a sua proteção contra o *contágio,* o que deve ser entendido com a sua criação em ambiente saudável, de ar puro e renovado, longe das pessoas portadores, a qualquer título, de doenças das vias respiratórias, seja a bronquite, a asma, as faringites e laringites, ou as afecções catarrais do nariz e fossas nasais.

Ninguém tenha dúvidas. Quando uma criancinha adoece de gripe a doença está dentro de casa e lhe foi pegada.

Essa é uma das causas mais freqüentes pela qual o menino de peito adoece.

Quando, nestas condições, a criança está sendo amamentada e a mãe é que lhe transmitiu aquela infecção, cumpre a ela reduzir ao mínimo os contractos, e nos momentos de dar-lhes o seio proteger-se com u'a máscara ou ao menos um lenço filtrando a respiração de modo que o ar expirado não atinja a criancinha.

O resfriado não é pegado, na realidade, do ar exterior e livre, porém dos contágios às mais das vêzes de pessoas portadoras de catarro nas suas múltiplas formas.

Quando não se descobre no seio da família a causa do contágio, e os resfriados se repetem em um número grande de casos a explicação está num estado de constituição ou predisposição da criança, causada esta, em grande número de casos, pelas carências alimentares, por um regímen errado ou insuficiente, ou falta de vitaminas.

No estado atual dos progressos da medicina, quase não se justificam mais os longos sofrimentos da criancinha quer pelas gripes de repetição, quer pela coqueluche, quer pela difteria.

Infelizmente ainda não entrou na prática das mães cuidarem da vacinação contra a coqueluche e a difteria que protege seus filhinhos contra os riscos dessas infecções.

E' uma prática, entretanto, que nada tem nem de onerosa, nem de moléstia ou incomodativa, ou complicada.

Nada de reações. Duas, ou no mais, 3 pequeninas injeções, no músculo com intervalos de 15 dias, ou 1 mês, de uma para outra injeção.

De modo geral a criancinha está meio protegida, quando amamenta ao peito materno, contra as infecções como a coqueluche, o sarampo e outras que conferem a imunidade, isto é, não se repetem.

É, portanto, o aleitamento natural uma das formas de proteção da criancinha e, como tal, sempre de recomendar-se.

As infecções, ao contrário, são facilitadas, na primeira idade, quando interferem os fatôres de debilitação do frágil organismo da criancinha, e entre êsses os capazes de ocasionar a perda de seus *anticorpos,* ou elementos vacinantes e sempre reforçados no curso da amamentação ao seio, através do leite.

Daí o perigo das diarréias, que são verdadeira sangria por via intestinal, trazendo a expoliação rápida daqueles elementos, e diminuindo na mesma proporção a imunidade ou poder defensivo da criança.

Assinalemos, ainda uma vez, as vantagens decorrentes do ambiente arejado em que deve viver a criança. Muitas crianças pálidas, sem apetite, insone, devem êsse estado à vida entre paredes fechadas, que lhe dão.

A êsse respeito, um grande pediatra escreveu: "Os lactentes vivendo ao ar livre se conservam fàcilmente quietos, dormindo mais tempo do que quando fechados permanentemente dentro de casa. Muito pouco uso se faz, porém, desse meio calmante".

O movimento do ar age como estimulante e tônico geral, produzindo leve massagem contínua da pele e dos tecidos do lactente, conferindo-lhe as belas côres que são o apanagio da criança criada ao ar livre. Aumenta o apetite, favorecendo as trocas nutritivas pelo aumento da circulação periferica.

A MOEDA DE PRATA

(Cont. da pág. 38)

pavores. Mas, qual era o objeto de seu culto, cuja perda lhe causara tamanha consternação, continuava a ser para mim um denso mistério. Por ter convivido com a família muitos anos, sabia que tivera uma infância normal. Era filha única de um casal de posses. A mãe, de hábitos domésticos, era afável e boa. O pai, um homem de cultura e calmo. Ambos adoravam a filha e evitariam qualquer coisa que pudesse melindrá-la ou causar-lhe um traumatismo que viesse a ser responsável por aquêle estado de angústia mórbido.

Roberto apanhou um novo cigarro na mesinha que lhe ficava em frente e acendeu-o.

— E' preciso, agora, que lhe faça uma descrição mais minuciosa do pai de X, pois êle vai ter um papel saliente nesta história. Como já disse, era um homem culto, bastante viajado e ligado à filha por um amor excepcional, no que era correspondido por esta, que via no pai um semi-Deus. Mas, o que mais chamava atenção nêle, era o seu aspecto físico. Apesar de avançado em anos, tinha a robustez de um atleta. Alto, sempre irrepreensivelmente trajado, barba muito bem escanhoada e um cabelo lustroso e negro. Julgava-se, ao vê-lo, que conseguira descobrir o elixir da longa vida. Seu rosto de linhas retas era sério e másculo. Nêle sobressaiam os olhos, de uma côr pardacenta e inquiridores, denotando um caráter forte e uma avassaladora fôrça-de-vontade.

Roberto fêz uma nova pausa e curvando-se para a frente, empolgado, êle próprio, pela história que contava, prosseguiu:

— Quero fazer uma referência especial a esta fôrça-de-vontade que emanava do pai de X. Êle a fortalecera na Índia, durante alguns anos que lá estivera, em uma de suas múltiplas viagens. Era um profundo conhecedor do ioguismo, ciência que faz dos faquires motivo de espanto para nós. O pai de X dominava profundamente os segredos desta doutrina que, entre outras coisas, nos ensina a espetar agulhas no corpo e fazer-se atravessar por uma espada, sem sentir a mínima dor, eliminando-a pela simples determinação da vontade. Soube disto ao acaso, por intermédio do meu pai, pois êle não costumava fazer alarde destas qualidades que possuía.

Roberto recostou-se novamente.

— Como era natural, ocorreu-me que a falta do pai, que falecera pouco tempo antes dos fatos aqui narrados, devia ser a causa do mal de minha cliente. Realmente, um pai assim, e atendendo as circunstâncias que o ligavam à filha, quando desaparece, deixa sempre um vácuo tremendo na mente de uma moça hiper-sensível do tipo de X. Era natural, pensei, que a falta de seu apoio lhe roubasse a confiança de continuar a viver normalmente. Foi com certa surprêsa, pois, que soube por X, que aquêle mêdo a atormentava mesmo antes de lhe falecer o pai, embora, afirmou, seu estado tivesse agravado-se após êsse evento. Perguntei-lhe se chegara a colocar o pai a par do que se passava com ela, e X respondeu-me negativamente. Na época, julgava que tudo não passasse de um nervosismo sem importância. Além disso, tinha receio de diminuir-se no conceito em que era tida pelo pai, que desejava fôsse como êle, destemido, de vontade forte e avassaladora.

A criada entrou na sala, avisando Roberto que um cliente o chamava para uma consulta, no telefone que ficava no aposento pegado. Passado algum tempo, Roberto voltou e continuou a narrativa, como se nada o houvesse interrompido:

— Recomecei a buscar a causa que atormentava minha paciente. Todos meus esforços, porém, eram baldados por uma tenaz resistência do sub consciente que se negava a libertar o segrêdo. Passaram-se semanas e já desesperava sem chegar a um resultado satisfatório. Um dia, entretanto, numa noite tempestuosa como a de hoje, recebi um chamado telefônico aflitivo. Era a mãe de X, comunicando-me que minha cliente piorara sùbitamente. Enfrentando o temporal, dirigi-me de automóvel para a casa de X. Encontrei-a num estado de prostração indescritível.

Jazia inconsciente sôbre uma cama, os olhos desmesuradamente abertos. As faces contraíam-se de vez em vez num rítus de dor, como se estivesse sendo operada sem anestesia. Pela mãe me foi dito, que notara algo de exquisito na filha, logo que começara a trovejar. X trancara-se em seu quarto, como sempre o fazia, quando alguma coisa a amedrontava. Horas depois, entrara no quarto e a vira no estado em que ainda se encontrava, quando lá cheguei. Sabendo que eu a estava tratando, telefonou-me a seguir e era tudo que sabia dizer.

Pedi que nos deixassem a sós. Em seguida, segurei as mãos de minha cliente. Estavam rígidas, geladas e crispadas, como se detivessem algo escondido. Repetidamente, sugeri-lhe que se acalmasse. Procurei fazer com que recuperasse os sentidos. Depois de muito custo, que me ouvisse. Pedi-lhe então que relaxasse os músculos, no que fui atendido. Afinal, os lábios moveram-se como se quisessem dizer-me qualquer coisa. Incentivei-a a que falasse, pois pressenti que, enfim, iria conhecer o fato tão religiosamente guardado pelo "id". A princípio não consegui decifrar o que balbuciava, mas logo o percebi claramente:

— A moeda... Dê-me a moeda...

Era um pedido estranho, mas apressei-me em satisfazê-la. Por coincidência trago sempre comigo, como amuleto, uma "pataca", uma dessas moedas enormes e antigas de vinte réis, orgulho de nossos avós. Coloquei-a entre uma das mãos que, logo, fechou-se sôbre ela. A transformação foi instantânea. A fisionomia adquiriu um ar de serenidade e um sorriso brotou lhe nos lábios. Logo depois, X estava em seu estado normal e pôde relatar-me o fato curioso.

O pai, em suas múltiplas viagens, tinha por hábito colecionar as moedas dos países que visitava. Possuía assim, uma rica variedade de moedas antigas e modernas dos lugares por onde andara.

Entre estas, havia uma que, pelo seu tamanho e pelos desenhos singulares cunhados em suas faces, chamava logo atenção. Tratava-se, segundo agora podia recordar-se minha cliente, de uma antiqüíssima moeda chinesa de prata que o pai costumava exibir orgulhoso, quando mostrava a alguém sua coleção.

A moeda porém, só veio a tornar-se realmente importante, quando o pai de X teve a lembrança de praticar seus conhecimentos ioguis na filha auxiliado por ela, pois sabia a filha fascinada pelo dinheiro chinês.

A idéia deve ter-lhe ocorrido quando minha cliente, que devia contar então de cinco a seis anos, preparava-se para tomar uma simples injeção. Como é natural, a menina esperneava para fugir ao castigo. O pai, talvez mais supliciado que a filha, deu-lhe a segu-

rar a moeda, enquanto com uma inflexão grave na voz, repetia-lhe incessantemente:

— Esta moeda é mágica, minha filha... Pense nos seus desenhos, no buda que está nela sentado olhando para nós e verá que não sentirá nenhuma dor... Você *não quer* sentir dor... Pense na moeda...

E a enorme autoridade do pai venceu os receios da filha, e ela, realmente, não sentiu a espetadela da agulha. Depois dêsse dia, sempre que se apresentava um problema idêntico, era para a moeda que o pai apelava. O dinheiro parecia mesmo dotado de poderes sobrenaturais. Bastava que a menina o tivesse apertado em suas mãos para que pudesse vencer qualquer obstáculo. A moeda incutia-lhe vontade de estudar, de comer de não temer o quarto escuro, de enfrentar risonha as noites de tempestade. Passou assim, a determinar o que a menina devia ou não fazer. Um estranho poder, portanto, conferido a uma simples moeda de prata.

Certa vez, o pai teve de viajar e X pediu-lhe que a deixasse guardar a moeda. Dias depois, tendo de atravessar uma rua movimentada, procurou a moeda para dar-lhe coragem de o fazer, e esta, escapando-lhe das mãos, rolou pela sargeta, indo perder-se num dêsses escoadouros de águas pluviais. Nessa tarde, X voltou para casa sob o pêso da catástrofe. Trancou-se no quarto e soluçou por muito tempo, mas nem a sua mãe, justamente alarmada, consentiu revelar o que sucedera.

Os dias correram, enquanto aguardava sobressaltada o regresso do pai que, segundo julgava, tinha a moeda em alta conta. O pai, porém, quando regressou, nem mencionou a moeda. Havia, entretanto, o "perigo" de recordar-se dela se fôsse remexer a coleção, mas o pai nunca mais tocou naquelas moedas. Acredito mesmo, que um homem do seu saber, percebendo o ocorrido, fingiu ignorá-lo, ciente do poder nefasto que a moeda chinesa exercia sôbre a filha. Aliviada, X se esqueceu também da moeda perdida. Esqueceu-se tão completamente que o fato ficou guardado apenas no subconsciente que, sobrecarregado, procurava uma válvula de escape para o segrêdo que escondia, transmitindo à minha paciente todos os terrores que lhe tinham povoado a mente quando criança.

Roberto descansou, pousando em mim seus olhos, como para certificar-se que não punha dúvidas no que acabava de relatar. Êle sabia-me um incrédulo dos poderes restauradores da psicanálise e estava naturalmente curioso dos efeitos que a história me causara. Eu porém não ousava duvidar das palavras do meu anfitrião. Conhecia-o de sobejo e sabia que seria incapaz de inventar um caso daqueles para convencer-me dos seus pontos-de-vista. Roberto, entretanto, não pensava do mesmo modo, e, fitando-me com um olhar astuto e meio divertido, concluiu:

— Naturalmente, a história não termina aqui. Muitas vêzes, não basta paciente ser reconduzido à fonte de seus males para curar-se. Na maioria dos casos, o cliente deve ainda ser submetido a um longo tratamento para voltar a ser uma pessoa perfeitamente normal. Outras vêzes, como no caso que acabei de relatar-lhe, o paciente precisa de um substitutivo para o objeto em que depositava tão cega confiança. Evidentemente, outra moeda não serviria na situação de X. mormente considerando-se que já se tornara pessoa adulta. Precisava levar em conta, também, a inesquecível personalidade do pai, a verdadeira origem dos poderes sobrenaturais da moeda de prata. Só existia um meio, a meu ver, capaz de substituir a moeda e o pai da paciente. Era preciso arranjar uma pessoa que conhecesse profundamente os meandros da alma de X. Êste alguém só poderia ser eu. A solução era casar-me com a minha cliente, e foi o que fiz.

Luciana, que havia pouco entrara na sala, tornou a sorrir bondosamente para as últimas palavras do marido, e, com uma expressão amorosa estampada no rosto, veio sentar-se ao seu lado.

O COLAR

(Cont. da pág. 26)

Recolhemo-nos, as horas já iam altas. Fiquei em vigília o resto da noite, a ausência do colar atormentava-me, roubando-me o sono e o alento...

Pela manhã do seguinte dia, eu e papai comparecemos inicialmente à Caixa Econômica. Papai retirou sua importância integral, seis mil cruzeiros somados, que êle depositára com sacrifícios, fruto do seu labor.

Tive a voz sufocada de soluços, quando o Caixa lhe entregou o dinheiro. Revidei ao abalo enquanto o «velho» conferia-o, nas mãos vacilantes e ásperas do ofício, o mesmo dinheiro que nem sequer desfrutariamos das suas vantagens. Mesmo assim nos dariamos por muito felizes se aquela quantia bastasse para socorrer a nossa necessidade. Caso contrário, porventura, teriamos que alcançar um empréstimo; depois viriam os meses, uns após outros, para saldarmos a dívida atroz. O devedor nada mais é do que um joguete do credor...

Como me pareceu longa aquela transação! Papai sorria para mim, quiçá para me consolar, no entanto eu permanecia séria e imóvel. Saimos, tomei-o pelo braço, tal como dois namorados...

Demos comêço, então, à busca incessante e árdua de um colar, com idênticas caracteristicas do outro, o que não considerava muito fácil e cômodo. Afirmaria que as nossas vidas estivessem dependendo de encontrá-lo: pudera, a virtude era um dos nossos maiores e apreciados predicados.

Não estava inteirada das idéias de meu pai, pois êle, enquanto andávamos, tocava em assuntos divergentes da nossa finalidade. Achei muitissimo estranha sua atitude dissimulada, mas, posteriormente, entendi seu intento. Êle queria transmitir-me coragem, como quem diz: — «Reaja, minha filha, isto não é nada! No final tudo terminará magistralmente como uma história de amor!»

Passou-me pela retina os obstáculos intransponíveis talvez, que poderiam surgir ameaçadoramente como fantasmas. Gravei na cabeça, onde uma dorzinha despertava pàlidamente, a figura inconfundível de Regina. E ouvia, subjugava por indizível fôrça, sua voz terna a lembrar-me, a cada passo e passo que percorria rua afora: — «E' uma jóia de estimação Pita! Conserve-a bem!» Orei tanto a Deus que ela ignorasse o ocorrido até o fim da sua existência».

Diversas perguntas abalroaram-me, tôdas irrespondíveis para mim: «Haveria à venda outro colar igual? E se não o encontrasse em loja alguma? Como estaria mamãe? E Regina? Saberia compreender-me, caso não devolvesse sua jóia? Perderia sua amizade que o tempo fortificara? Como é horrível ver-se livre de uma dificuldade...

(Cont. na pág. 50)

CASA PEDRO



Pequena mostra da linda coleção de modelos que estão sendo apresentados para o verão de 51, pela CASA PEDRO — URUGUAIANA, 11 — 1.º and. — Rio.

Para o interior sòmente contra cheques ou vale postal. Peçam catálogo.

ESTÁ À VENDA EM TODOS OS PONTOS DE JORNAIS

EU SEI TUDO

EDIÇÃO DE OUTUBRO



Cruzeiro do Sul



UMA HISTORIA EM QUE DUAS... E' DEMAIS

ROMANCE NO HUDSON























UMA JOVEM DO OUTRO MUNDO











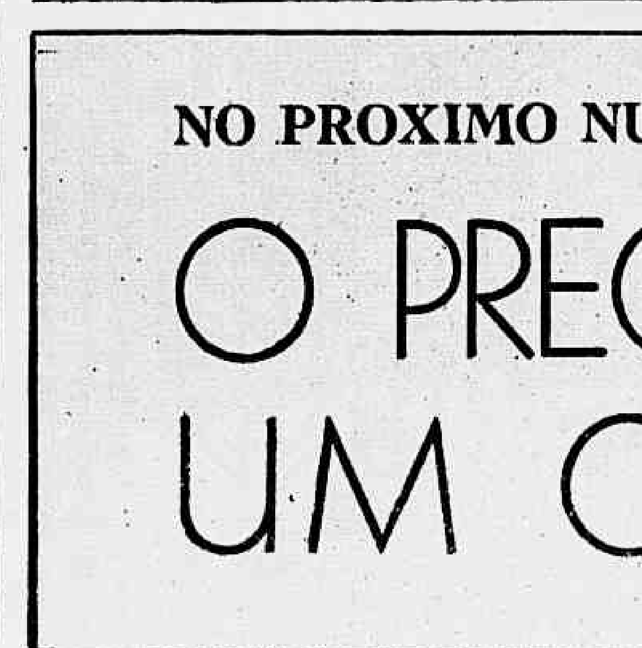













NO PROXIMO NUMERO:

O PREÇO DE UM CRIME

PUXE PELO CEREBRO

... SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — QUE QUER DIZER «CRESTOMATIA»:

Antologia?
Estudo de pintura antiga?
Filosofia cristã?

2 — EM QUE PARTE DO NOSSO CORPO SE ENCONTRA O OSSO ESFENÓIDE:

No pé?
No crânio?
No torax?

3 — EM QUE PAÍS É O FLORIM A UNIDADE MONETÁRIA:

Na Holanda?
Na Belgica?
Na Suécia?

4 — QUE NOME SE DÁ À PAIXÃO PELAS FLORES:

Floricultura?
Florilégio?
Floromania?

5 — QUE SIGNIFICA «GRUNA» NAS ZONAS DIAMANTÍFERAS:

O diamante sem valor?
Escavações feitas pelos garimpeiros?
Furto de pedras preciosas?

6 — QUE NOME SE DÁ ÀS ARGOLAS PARA PUXAR GAVETAS:

Estilo?
Pandetas?
Gualdras?

7 — QUE SIGNIFICA PLANTA HIDRÓFITA:

A que vive nas pedras do sertão?
A que vive nágua?
A que não dá flores?

8 — UM SINÔNIMO DE EPILEPSIA:

Hieranose?
Edema?
Anorexia?

9 — COMO SE DENOMINA A FÊMEA DO JABOTI

Jabota?
Jabotica?
Jabotia?

10 — QUAL A ESPÉCIE DE CARNE A QUE DÃO OS NORTISTAS O NOME DE «JABÁ»:

A carne verde?
A carne de jacaré?
Ou o charque?

11 — QUAL DESTAS MEDIDAS TEM MENOR COMPRIMENTO:

A vara?
O metro?
A jarda?

12 — QUE SIGNIFICA UM INSTRUMENTO «LAMELIFORME»:

O que tem forma de lâmina?
O que não serve para cortar?
O feito de vidro?

13 — QUE QUER DIZER «LAMIRÉ»:

Vestuário do século XVI?
Uma lingua da Índia?
O mesmo que diapasão?

14 — QUAL O OUTRO NOME QUE SE DÁ À MAXILA INFERIOR:

Mandíbula?
Parênquima?
Maléolo?

15 — QUE QUER DIZER «MANDRIA»:

Cocheira?
Indolência?
Dor na mão?

(Respostas na pág. 55)

O COLAR

(Cont. da pág. 47)

Olhávamos as vitrinas, nervosamente parados, numa observação impecável. Nada. Nada. Encetávamos novas caminhadas, o pensamento fito exclusivamente no colar, que me estava desenhado na memória. Muitas vêzes meu pai me alertou o raciocínio preocupado; esbarrei até em apressados transeuntes. Penetramos em ruas, investimos por avenidas, as melhores e mais populares da metrópole, mas debalde. Redobrei minha esperança alcançando a rua do Ouvidor, centro elegante do superior comércio, onde a refinada aristocracia se exibe a faz as suas compras.

Vez outra, calhando de olhar para meu pai, via-o, de lenço em punho, a enxugar a transpiração do rosto. Transpirava quase gelado, pròvàvelmente cansadíssimo das exaustivas caminhadas.

Vimos belas vitrines expondo uma variedade notável e rica de jóias a preços incrìvelmente maiores. Por que não possuía o colar que procurávamos? Era angustioso voltarmos sem êle!

Continuávamos a tarefa impiedosa, um pouco desalentados, temendo acima de tudo um mau êxito. Num remuago, papai amparou-se nos meus braços, descorado pela surprêsa que, ... ando favorável, dá-nos as melhores ...ssagens da vida. Sentiu um desabafo, que tanto lhe devia ter feito bem ... espírito, e indicou, aflito, a vitrina de uma joalheria. Avançamos, resolutos, como se houvessem milhares para adquirir um objeto e nós quiséssemos, dispostos ao impossível, ser os primeiros.

Tal qual o de Regina! — exclamei num lampejo de emoção — Tal qual!

Dirigimo-nos imediatamente ao vendedor, ambicionávamos comprar a joia, um pouco receiosos quanto ao preço, que não vinha esclarecido na tiqueta. Uma senhora, porém, de fisionomia austera e porte vistoso, ocupou o empregado na nossa frente. Felizmente respirei tranqüila ao saber que ela se inclinava apenas por uma pulseira de prata...

Fizemos o negócio, quebrado por uma obstância imprevista, quando o joalheiro nos cientificou do valor. Ficamos vivamente desiludidos, minhas mãos cingiam o estôjo onde o colar resplandecia com a mesma e intensa beleza do brilho de uma estrêla.

A jóia custava exatamente seis mil e trezentos cruzeiros e contávamos ao todo com seis mil e duzentos! Diante disso papai se confundiu, eu mesma também não sabia o que fazer, enredados pela situação. De uma cousa estávamos certos: dar-se-ia um jeito, levaríamos o colar, parecia o único daquele feitio à venda na praça.

Apelei, numa circunstância derradeira, para um abatimento. O homem logo se negou firmemente a conceder-lo, não atenderia ao nosso propósito, compradores não faltavam, era ... colar de atraente mérito. Contudo, apliquei a tática remota, duvidosa de um propício resultado, tentei retirar-me dizendo, sabe Deus como: — Assim não interessa!».

O joalheiro, porém, susteve o nosso movimento; falaria primeiro ao gerente. Concordamos prontamente. Retornou minutos após, declinando pela oferta do abatimento que solicitamos. Senti um alívio imensurável, li nos ... de papai a chama ardente da satisfação. O colar já nos pertencia final depois de lutarmos sem tréguas pela sua posse!

E papai acrescentou, então, contente como em dias prazeirosos:

— «Vamo-nos, Rita! Guarde-o bem na bolsa. Logo mais poderá entregá-lo à Regina!»

Assim fiz, à tardinha, depois do jantar. Antes tirei o colar do estôjo, demorei bastante tempo a admirá-lo; não resisti à tentação de ensaiá-lo por alguns instantes, caia-me maravilhosamente, era verdadeiramente soberbo. Achei-o muito mais belo do que o outro! Falsa visão apenas, pois êles se assemelhavam em tôdas as minúcias.

Regina não desconfiaria sequer da troca imperiosa. Envolvi o colar num papel fino, com um desvêlo exagerado, fora do imponente estôjo.

Num pulo, como às vêzes fazia, despontei pela casa dela, que ficava situada pouco distante da minha. Como sempre, alegre e vivaz, brinquei com seus pais, criaturas de um coração boníssimo. Depois me instalei definitivamente para conversar em particular com ela. Aliás, as moças preferem palestras sòzinhas, os pais compreendem isso.

Paulatinamente, invadia-me uma singular agitação. Era muito natural que isso sucedesse, visto o que se desenrolára comigo e papai. Patenteei clara insegurança, principalmente no momento em que entreguei o colar à amiga, pois ela própria reparara. Insinuei estar com indisposição de espírito e solicitei que me desculpasse, a visita seria breve.

Regina apanhou o colar e, em vez de guardá-lo mimosamente, atirou-o sôbre uma mesinha ao lado, como se fôsse algo insignificante. Fingi indiferença, apoderou-se de mim uma inveja tremenda da elevada posição social que minha amiga ocupava. Não pude conter-me com o gesto que praticara. O colar, ainda novíssimo, ser tratado daquela forma tão rude! Oh! perdão, Regina não sabia do meu plano!

Palestrei com ela quase meia hora, durante a qual lhe contei algumas fases pitorescas da festa de que participei, descrevi o meu episódio amoroso com o dr. Jório. No íntimo, todavia, um contraste assaltava-me brus-

VARIZES
EM SENHORAS
E HEMORRÓIDAS EM GERAL

Novo tratamento sem operação e sem injeções

Após longos anos de estudos foi descoberto um ótimo remédio vegetal para o tratamento das **varizes.** Usado na dose de 3 colheres (das de chá) ao dia, em água açucarada, em pouco tempo restitue às pernas seu estado normal e beleza estética. Em idêntica dose debela os males **hemorroidários** (mamilos externos e internos), inclusive os que sangram. **Par varize** (nas pernas) tome o liquido via bucal e friccione a pomada no local. **Para hemorróidas** use a pomada no local e tome juntamente o liquido. USE DURANTE 3 MESES. Procure nas farmácias e drogarias, e na falta à V. Sandoval Jr., **Caixa Postal 1874 São Paulo**



H-10-4 Ag. Petinati

camente. Estava muito sentida por tê-la enganado, queria declarar a pura verdade, mas me faltavam energias. Demais, seria prova contra mim de despreocupação, descuido e falta de zêlo por um objeto alheio...

Ao retirar-me, Regina gracejou ainda, rindo muito:

— «Não lhe disse que o colar daria sorte? Êle a ajudou a ser feliz!»

Esbocei um sorriso enigmático, inexpressivo. Ela ajuntou a reguir:

— «O dr. Jório está cego de amôres, bobinha! Virá logo procurá-la, aposto!».

Dir-se-ia que Regina havia profetizado aquelas palavras estimulantes. Expresso-me assim porque, mal me introduzi em casa, deparei com o dr. Jório, sentado numa poltrona da saleta, a falar animadamente com meus pais.

Logo que êle me percebeu se levantou imediatamente, seus olhos cruzaram com os meus. Ao revê-lo não ocultei meu aprazimento, retribui seu cavalheirismo, apertamos as mãos, afetuosamente.

Pela minha espontâneidade nos gestos, papai devia deduzir que eu havia cumprido exatamente minha missão, na casa de Regina. Foi quando ouvi a voz de Jório, sonante e amável, querendo abonar a sua presença ali. De relance, julguei esquisito que, bem no dia imediato ao da festa, êle viesse ver-me sem avisar-me, pois, de fato, nós nos havíamos comprometido. Perturbei-me muito, fui do acanhamento ao entusiasmo. Afinal êle mostrava ser um homem conceituado, prestigiado pelos meus pais que, indubitàvelmente, não se oporiam ao nosso namoro. Talvez Jório estivesse ali para pedir o devido assentimento.

Realmente seria uma encantadora e aplaudida resolução do meu eleito, tendo-me em consideração, se não fôsse o que se realizou. Digo «seria», porque a causa de sua visita fôra outra, completamente obscura ao meu pensamento. Improvisada com uma certa dose de capricho.

A cena fôra inopinada, mas valia fielmente por um espetáculo. Eu e meus pais tivemos a mesma sensação, sofremos o mesmo golpe.

Jório, sorridente, colocava-me nas mãos, estendidas màquinalmente, o colar de Regina que eu perdera, sei agora, em sua própria casa!

Tudo se realizou por uma questão de horas! Bastaria que êle devolvesse o colar, com um pouco mais de antecipação, para as cousas se harmonizarem. Não pude conformar-me, meus pais mantinham-se da mesma maneira, abandonei o vinho pôsto para ser servido.

Minutos mais tarde, quando êle se despediu, levei-o até a porta, ainda sob os efeitos do ocorrido. Só, então, soube do resto, a veracidade desejável fôra inocentemente confessada:

— Encontrei o colar de passagem pelo jardim. Fôra-me um esplêndido acontecimento. Talvez que, se eu o encontrasse ontem, deixasse para restituí-lo hoje.

— Por que? — inquiri.

E êle concluiu, maneiroso, desta arte:

— Só assim tive o pretexto de vir a sua casa, de vê-la hoje! Boa noite, Rita!

Entrelaçamos as mãos e proferi amorosamente:

— Boa noite, Jório!

Refleti um minuto, enquanto êle se insinuava na escuridão. Pensei em papai, poderíamos revender o colar, depositaríamos novamente o dinheiro na Caixa Econômica. Comovida ao extremo, deixei escapar duas lágrimas indiscretas de alegria e felicidade.

Ao cerrar a porta, estava atônita pela revelação, quase chorei... chorei contando diante dos «velhos»... que o colar de Regina me veio como um presente de noivado...

A GUERRA QUE...

(*Cont. da pág. 5*)

Anunciou-se para a tarde uma proclamação do general Estillac, que saiu orientada pelo espírito de harmonia. Enquanto isso, cêrca das 16 horas, o repórter subia ao sétimo andar do Clube. Um cidadão miúdo, um tanto calvo e sério, encostou-se num canto do elevador. Cada um que entrava no carro o cumprimentava.

O cidadão miúdo respondia que passava bem. A porta se abriu e os passageiros se esparramaram pelas dependências da Diretoria. Procuramos falar com o general Arthur Carnaúba. O capitão Maciel adjunto da secretaria, nos conduziu até ao seu gabinete. Ao identificarmo-nos, o general — era o mesmo cidadão do elevador! — parou de palestrar com um outro militar. A sua voz pareceu-nos perseguida pelo tom circunflexo. Fechada e rude:

— Não tenho nada que dizer. Não sou mais presidente...

— Mas é, ainda, o general Carnaúba...

— Por isso não digo nada. Quem pode declarar alguma coisa é o general Estillac.

Saímos para ver um "placard" onde se amontoavam os recortes dos comentários favoráveis ao situacionismo. Principalmente, a íntegra do discurso do senador Domingos Vellasco. Voltamos à beira do gabinete do general Carnaúba. Êle, já de guarda-chuva na mão, conversava baixo com um grupo de correligionários, no corredor. Escaparam pelo ar coisas assim:

— Livres, temos de ser livres... nós não perdemos...

UM RETALHO DE ONTEM

Não foi a primeira vez que o general Estillac Leal estêve em situação delicada, envôlto nas malhas vermelhas. Em 1937, quando tramitava pelo extinto Tribunal de Segurança Nacional o processo contra o prefeito Pedro Ernesto, teve de esclarecer um aspecto do seu depoimento,

(*Cont. na pág. 55*)

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza use BÉL-HORMON nº 1: e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON à base de hormônios, um preparado moderníssimo eficiente de aplicação local e resultados rápidos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda Rua d Carioca, 33 Rio de Janeiro



Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

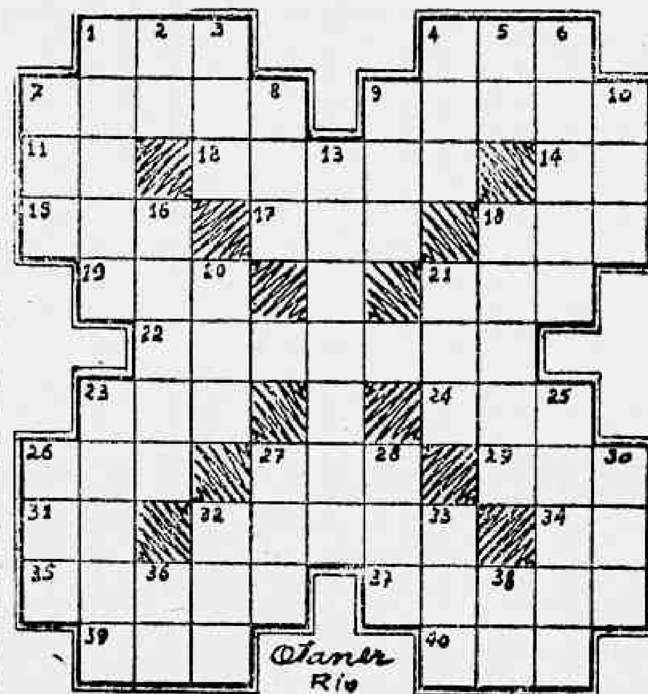
RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N 73 — PARA VETERANOS

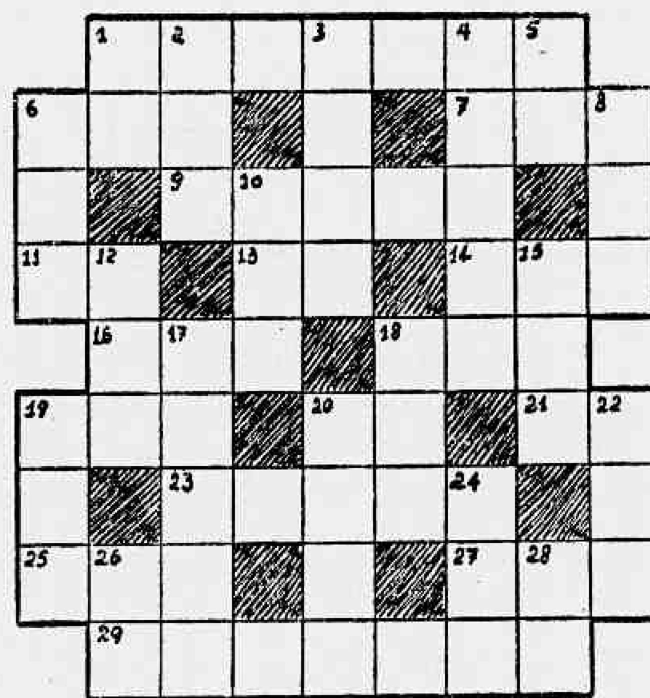


HORIZONTAIS: — 1. Templo japonês — 4. Interno — 7. Desvirtua — 9. Promessa para pagar algo — 11. Substrato instintivo da psiquê — 12. Invocação — 14. Símbolo do metalóide líquido, de pêso atômico 79,916 — 15. Departamento da França — 17. Ocasião — 18. Noitibó — 19. Cidade perto da terra de Canaã, na fronteira do Egito — 21. Pipilo — 22. Ligaduras para feridas — 23. Desfêcho — 24. Divisão administrativa da Dinamarca — 26. Antiga medida de pêso da Índia — 27. Capa — 29. Indígena da tribo do rio Iraí 31. Entrada — 32. Elevação da voz — 34. Cidade da Noruega — 35. Bûzio — 37. Cidade da Itália — 39. Medida grega de comprimento — 40. Feixe.

VERTICAIS: — 1. Maneira de tratar — 2. Fugir — 3. Rijeza — 4. Corpo de cavalaria macedônico — 5. Nota musical — 6. Esfôrço — 7. Ninharia — 8. Sazão — 9. Língua negro-africana, falada no Togo Médio — 10. Abertura circular — 13. Infaustos — 16. Dar sinal de si — 18. Devaneio — 20. Filho de Hezron, ascendente de Davi — 21. Cabo náutico — 23. Largura de um tecido — 25. Ajuste — 26. Abrigo de malfeitores — 27. Ind gesto — 28. Ribeira — 30. Sufixo que exprime coletividade, depreciação — 32. Árvore da família das Leguminosas — 33. Calor — 36. Indício — 38. Nota musical.

*

PROBLEMA N. 73 — PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. As fôrças navais — 6. A casa — 7. Ódio — 9. Azeitona — 11. Atmosfera — 13. Andava — 14. Parenta — 16. Pedra — 18. Ruído — 19. Sigo — 20. Grito de dor — 21. Artigo plural — 23. Giras — 25. Afluente esquerdo do Reno — 27. Mau cheiro — 29. Série de casas.

VERTICAIS: — 1. Perversa — 2. Argola — 3. Partiria — 4. Encontro de duas vogais no fim de uma palavra e começo de outra — 5. Brisa — 6. Satélite da terra — 8. Gosta — 10. Estudava — 12. Curso de água natural — 15. Íntimo — 17. Caturrice — 18. Fecha as asas para descer na depressa — 19. Move-se no ar — 20. Transfere para outro dia — 22. Transpira — 24. Dá o fora — 26. Antes de Cristo — 28. Aqui.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 72 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Valor — Arola — Odiosas — Ulnal — Tsela — Vig — Hor — Aix — Ateia — Óssea — Agmis — Mamão — Pia — Ovo — Oil — Rocal — Rassa — Riciras — Amola — Olaia.

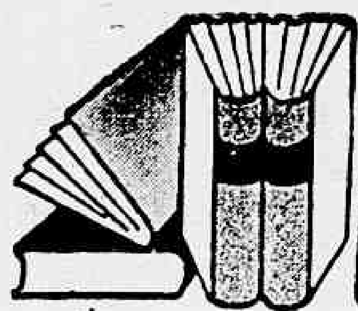
VERTICAIS: — Viúva — Longe — Oda — Rilha — Astro — Ras — Oséas — Araxá — Litígio — Lienais — Iri — Sua — Aproa — Macro — Sólea — Morro — Mossa — Olada — Ail — Aal.

PARA NOVATOS

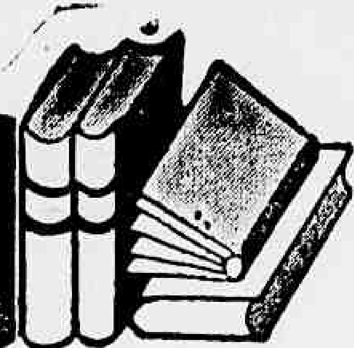
HORIZONTAIS: — Til — Cal — Remar — Al — Ias — Am — Luz — Ata — Tarimba — Ras — Aca — Ir — Oco — Ar — Adora — Acro — Asa.

VERTICAIS: — Ir — Lei — Cãs — Ar — Mal — Marisco — Ama — Lutar — Ataca — Zas! — Aba — Rir — Aro — Ode — Ora — Ar — As.

Colaboração e correspondência para: **REVISTA DA SEMANA — PALAVRAS CRUZADAS**



SEMANA LITERARIA



ÁLBUM DE FAMÍLIA

NILO Aparecida Pinto poeta mineiro de fina sensibilidade, tem vários livros publicados, todos impregnados de verdadeira poesia, pureza de pensamento e musicalidade profunda. Nasceu em Caratinga, Estado de Minas Gerais e fêz o curso de preparatórios em Vitória do Espírito Santo, onde iniciou a sua carreira literária como redator de jornais daquela capital. Em 1938 transferiu-se para Belo Horizonte, onde tem produzido o melhor de sua obra. E' um lírico expontâneo e inspirado. Sua poesia cheia de colorido, conquistou, desde o comêço, a simpatia do povo, que a lê e guarda de cor. E' um dos mais completos e dos mais queridos poetas de Minas. Agora é candidato à Academia Mineira de Letras, na vaga de Godofredo Rangel. A sua aspiração é apoiada por Emílio Moura, Abgar Renalt, Mário Matos, Anibal Matos, Gilberto de Alencar, Cristiano Martins, Moacir de Andrade, todos, como se vê grandes valores das letras mineiras, fazendo honra ao grêmio literário de Belo Horizonte.



Nilo Aparecida Pinto

Nilo Aparecida Pinto é um poeta de grande recursos, criando os seus versos dentro de formas novas, porém, claro e compreensivo. Sua poesia está ao alcance de todos, e atinge fàcilmente os cimos misteriosos do lirismo, como no livro que tem pronto para o prelo, ao qual deu o nome de "MAR DA SOLIDÃO". (Des. de Huascar).

EDMUNDO LYS

Resignação

(De MANOEL MOREYRA)

A MIROEL SILVEIRA

Não desesperes, nunca! O sofrimento
é necessário à purificação
de tua mente, do teu pensamento,
e também do teu próprio coração.

Humanizando mais teu sentimento,
Com estoicismo, com resignação
recalca, no teu intimo, o lamento
que devia explodir em maldição.

Hás de sentir, então, maior ternura
por tudo que te cerca — pois verás
que outros sofrem, talvez, igual tortura,

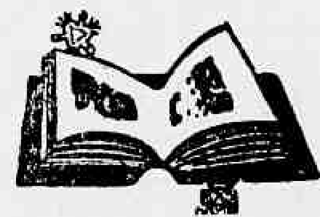
que outros suplicam, como tu, a paz.
E, consolado em tua desventura,
a dor do teu irmã consolarás...

MORREU GALEÃO COUTINHO

O desastre de aviação que há pouco enlutou o Brasil vitimou, entre os passageiros do aparelho sinistrado, o escritor Galeão Coutinho, nome de elevado prestígio nas letras nacionais, com uma vasta e significativa obra publicada e, atualmente, na presidência da seção paulista da Associação Brasileira de Escritores.

Salisbury Galeão Coutinho, como é o seu nome todo, contava 54 anos de idade e era casado com a sra. Clarinda Galeão Coutinho, residindo na capital paulista. Antigo militante da imprensa brasileira, trabalhou sucessivamente em "A Tribuna", de Santos, onde se iniciou como jornalista, em "A Gazeta", "Jornal da Manhã", "Jornal de São Paulo", "Correio Paulistano" e "Jornal de Notícias", do qual, presentemente, era diretor. Articulista vibrante, era, também, renomado escritor, deixando, entre outros, os seguintes livros: "Simão, o Caolho", que foi vertido, também, para o alemão; "Vovô Morungaba", "O último dos morungabas", "Vocação de Vitorino Lapa", "Parque Antigo" (versos, 1920), "Confidências de D. Marcolina" e "A vida apertada de Eunápio Cachimbo". Deixou, ainda, uma obra inédita — "A Filha do Luar" — e estava começando a escrever suas memórias. Eleito presidente da Associação Brasileira de Escritores, seção de São Paulo, exercia múltipla atividade, inclusive como antigo e apaixonado cineasta. Pertenceu à "Atlântida" e, posteriormente, organizou outra emprêsa cinematográfica em São Paulo. Galeão Coutinho, que era um nome conhecidíssimo na imprensa brasileira, estava de malas prontas para uma viagem a Paris. Atendendo a um convite veio para o Rio, a fim de pronunciar uma conferência sôbre Monteiro Lobato, na Rádio Globo, tendo perecido tràgicamente no desastre do avião que o transportava. O conhecido jornalista e homem de letras era natural do Estado do Rio, onde nascera a 26 de setembro de 1897, sendo seus pais, o sr. Antônio Coutinho e a sra. Amélia Galeão Coutinho. Deixa um filho, o sr. Heitor Galeão Coutinho.

NA POEIRA DOS ARQUIVOS



★ AOS 27 DE NOVEMBRO de 1950 ao empossar-se, na Academia Brasileira de Filologia, na cadeira de Afrânio Peixoto (patrono, Antônio Vieira), produziu José Carlos de Macedo Soares formosa página de eloqüência. Disse, entre outras palavras, meu eminente colega de cenáculo: "O que representa Camões para o século XVI, representa Vieira para o século XVII. Vieira tornou-se no púlpito o que fôra Camões na poesia épica. Ambos exprimem o vigor intelectual do povo português. Mas Camões é só Portugal em seu áureo período. Vieira é Portugal e o Brasil. Já no seu gênio se reflete a fôrça alvorecente do Novo Mundo, tudo que existe de grande e vigoroso no continente americano". ★ Bastante alvissareiro o movimento intelectual de Rio Bonito, no Estado do Rio. Dispõe de cuidada Biblioteca; duma Casa de Castro Alves; de "Paisagem", encantadora revista que Hélio Nogueira muito bem orienta; e vai fundar a Academia Riobonitense Juvenil de Letras. Que Rio Bonito não esqueça a organização de frequentes palestras cívico-literárias! ★ Êsse infatigável trabalhador intelectual que é Múcio Leão já entregou, ao prelo, sua monumental História da literatura Brasileira, ilustrada. Aparecerá em fascículos. ★ Em seu primoroso "Eça de Queirós, romântico ou naturalista?", Rio, 1951, revela Berilo Neves, página 86: "Lembra-me ter ouvido de José Ortigão, neto do escritor de A HOLANDA, em sua formosa chácara de Teresópolis, a notícia (para mim, então, espantosa) de que Eça enviava muitas de suas páginas manuscritas para que Ramalho as lesse e... corrigisse".

NOTICIÁRIO



Susan Yorke, jovem romancista americana que vem de estrear-se em um livro de grande sucesso - «The Widow»

O FAZENDEIRO — Atualmente na França, o romancista americano William Faulkner, ganhador do prêmio Nobel do ano passado e que faz questão de ser, não um homem de gabinete, um livresco, mas um homem da terra — foi instado a precisar, na ficha da polícia, pelo gerente de um hotel, qual era a sua profissão. E Faulkner escreveu:

— Fazendeiro.

★

A POESIA — Uma carta de Emile Deschamps, recentemente exposta à venda em Paris, trazia esta definição de poesia, datada de 1860:

— A poesia é Galatéia abrindo os olhos de mármore à luz do dia. Para que ela viva, é preciso que a amemos.

★

A MAIOR OBRA DE POESIA ATÉ HOJE EDITADA — Não, essa obra não foi escrita nos Estados Unidos. Pelo contrário, surgiu em um dos Estados menores do Brasil — a Paraíba. Segundo informou um telegrama de João Pessoa, distribuido pela Asapress, acaba de ser sancionada a lei municipal que autoriza o Executivo da capital a mandar publicar uma obra poética do cônego João de Deus Mindelo Cruz, constante de dez volumes!

★

OLEGÁRIO MARIANO está fazendo as malas. Seguirá para nossa Embaixada em Lisboa, pròximamente. E o Brasil ficará muito bem representado da outra banda. As cigarras brasileiras vão sentir saudade de seu poeta.

★

FUNDOU-SE o "Clube dos Inéditos", destinado a editar obras dos escritores que ainda não apareceram em livro. Boa idéia, visto como a batalha dos editores contiua invicta.

★

POR INICIATIVA do titular da Educação, vai ser comemorado o 30.° aniversário da "Semana de Arte Moderna" O modernismo vai entrar para a História. E' tempo, pois os novos e novíssimos já o meteram no "index".

★

ZÉ LINS vai reunir em volume as crônicas de viagem que andou escrevendo por êsse mundo de meu Deus. Chama-se o volume — "Bota de Sete Léguas".

★

O CINEMA NACIONAL está melhorando. Monteiro Lobato já apareceu como fornecedor de um argumento, o do filme "O Comprador de Fazendas", da Maristela.

Fora do Prelo

PORTUGAL — Miguel Torga — Coimbra Editôra — Coimbra. O português é sentimental. Dai ser patriota. Patriota pelo desmedido afeto à sua terra e à sua gente. De tal sorte que será raro, em um escritor, em um poeta luso, não se voltar um instante para a sua terra e a sua gente, para contar-se a si mesmo, mais do que aos outros, o seu grande amor, o único grande amor de sua vida.

O «dandy» Garrett um dia se voltou para Portugal e lhe dedicou as «Viagens na minha terra», cantando os olhos verdes de Joaninha. O tempestuoso Camilo, também deixou todo o seu Minho, nas páginas de seus romances. O irônico Eça, certo dia despiu o «frack», tirou o monóculo e o sarcasmo, para ver melhor, para ver com amor o velho Portugal e nos deu «A cidade e as serras», já muito distante, então, das terríveis jornadas de «As farpas».

Dois grandes da geração atual, pagaram com amor o seu tributo a êste amor. Dois novos e dois grandes, entre outros novos e grandes que não precisamos citar agora: Fernando Pessôa foi um dêles, Miguel Torga é outro.

A declaração de amor de Torga está neste livro que agora, por gentileza da Livraria Antunes, estamos conhecendo: «Portugal». Não é um livro de romântico, como o de Garrett, nem uma ode em prosa, onde ia muito de «mea culpa», como o do Eça. E' o guia de um escritor contemporâneo, de um poeta escrevendo boníssima prosa, de um enternecido, sim, mas de um lírico moderno, de um viajante exigente com as paisagens, com as coisas e com os sêres. Êle vê com o seu amor, mas sabe ver, apesar —ou por causa — dêsse amor. Trata-se de um roteiro vincado de notações poéticas o que não impede que o poeta tenha tirado os óculos côr-de-rosa, para ver o sol tinindo nas pedras. E, tudo, com um sentimento profundo do humano. A paisagem poderá ser, para êle também, um estado d'alma. Mas não bastará o colorido para demovê-lo de sua crítica: por isso, além da côr, êle procura a linha e, por entre as linhas, buscar o acento humano, a brecha, caminho por onde êsse estado d'alma se comunica, entrando pelos olhos. Aí então começa a ver a realidade e o drama. Seu livro que parece, ou que pode parecer mero «carnet de route» tem sempre um drama, um sentido, uma emoção em cada linha. Aquele «mar de pedras» de Trás-os-Montes fala, rugindo, nestas páginas vasadas pela arte sutil e poderosa do viajante. Os verdes minhotos berram aqui em tôda a sua fôrça entediante e em exaustiva monotonia. O fantasma de Sagres se ergue, lutando contra o mar que o quer destruir. Com Torga, Acácio volta à Coimbra, para ser chufado: o cenário é lindo, com um «céu límpido e aberto», mas o bacharelismo vasou ali o «ópio sentimentalista». E, por falar em sentimentalista, nós, que iniciamos esta nota sôbre o livro admirável falando em sentimental — devemos esclarecer que o sentimentalismo é a caricatura do sentimental. Torga também é um sentimental e ama sua pátria, como bom português. Tanto que por amá-la é que a vê melhor. Como todo amante, sabe-lhe as falhas e tanto mais a quer, por não ser perfeita. Dissemos também que os poetas lusos cantam Portugal para contá-lo a si mesmos, mais do que aos outros: assim, se dizem tudo, de seu amor. E quando maiores são êles, mais alto dizem. Mais alto em todos os sentidos: no sentido do som e da eloqüência, da beleza e da perenidade.

★

CAIS DA ETERNIDADE — Edison Moreira — Edições Mantiqueira — Belo Horizonte Embora seja êste um livro de estréia, seu autor, Edison Moreira, não é um poeta desconhecido. Pelo contrário, publicando em jornais e revistas, êste tradicionalista do verso, de grande sensibilidade, tem hoje um nome feito entre os moços que agora aparecem em nosso mundo poético. Sua linguagem já mereceu elogios de um dos maiores poetas da geração de 22, Emílio Moura. Outro, Abgar Renault, refere-se à poesia densa de seus versos, tocada freqüentemente pelo sentido autêntico do mistério poético. E Alfonsus de Guimarães Filho, um dos nomes mais representativos da nova geração, citou os belos sonetos de seu livro.

Essas referências da crítica mineira bastam para consagrar «Cais da Eternidade», como uma das mais significativas estréias dêste ano. Realmente, o livro, embora possamos encontrar nêle algumas falhas de auto-crítica, dando lugar a alguma desigualdade, perfeitamente perdoáveis em um estreante, encerra muitos momentos de legítima poesia, vasada em forma perfeitamente dominada, demonstrando uma personalidade autônoma, qualidade tanto mais de acentuar-se, quanto ela é muito rara nos novos e novíssimos, fustigados pelas fortes e irremovíveis heranças dos modernistas de 22, influências e maneirismos contra os quais se debatem em vão — em vão porque só a experiência poética lhes poderá trazer a autonomia que tanto anceiam conquistar. A rebelião de que dão mostras — convém registrar — é simpática e benéfica, embora não opere o milagre tão prontamente como êles o desejam. Mas traz em si, não apenas o germen dessa vitória, como, ainda, revela verdadeira capacidade de emancipação.

Fechamos aqui o parentesis, mesmo porque, nem o caso das influências, nem o da rebelião dizem com Edison Moreira. O poeta de «Cais da Eternidade» é pessoal e tem rumo certo. Seu lirismo não sofre os problemas formais. O gôsto do sonêto será, talvez, nêle, menos tradicionalismo do que sentido clássico da poesia. E em muitos instantes, quando êle se afasta para os ritmos livres, para estruturas mais novas e pessoais, revela ainda êsse sentido, sem trair o seu tempo. Inspirado, já seguro de seu verso, pisando firme o território poético, Edison Moreira revela uma formosa vocação, dando-nos disso a prova no seu belo livro de agora.

O LIVRO ILUSTRADO



Gravura com madeira por Hans A. Mueller, no seu livro «Woodcuts of New York».

★

REVISTAS Temos em mãos o último número do mensário mineiro «Acaiáca», revista de cultura que se edita em Belo Horizonte e que, como sempre, vem repleta de excelente matéria, redacional e colaborada.

★

Recebemos o número correspondente a março-junho de «Letras Fluminenses», publicada em Niterói, sob a direção de Luís Magalhães. Esta edição é consagrada à vida e à obra de Oliveira Viana.

★

Apareceu o número de julho-agôsto do «Boletim da SBAT», trazendo, além de artigos e notas de importância, a comédia em três atos de Renato Alvim e Nelson Abreu — «O amigo Terremoto».

★

Em primoroso trabalho gráfico, recebemos um exemplar do «Boletim da Cidade e do Pôrto do Recife». Além de informações do maior interêsse, traz a publicação oficial da prefeitura recifense uma notável parte colaborada e muitas ilustrações.

★

Chegou-nos às mãos o número de março-abril da «Revista Nacional de Cultura», editada pelo Ministério da Educação da Venezuela. No seu copioso e significativo sumário destacam-se artigos de vulgarizações e comentário para o melhor conhecimento do país e da vida nacional venezuelana.

PERDIDOS NA FLORESTA

(Cont. da pág. 17)

riato ficou com mêdo de terem morrido... Afinal, quando despertaram, com o auxílio de outros companheiros de Manuel, arranjaram-se alguns cavalos, nos quais os passageiros do teco-teco foram levados até à localidade de Itamonte, doze léguas distantes. Ali foi fretada uma caminhonete que os levou até a Rezende. E sem demora correram para as cabines telefônicas, dando notícias às famílias...

SALVOS, ENFIM!

— Não tenho palavras para agradecer aos caboclos que nos salvaram — rematou o milionário e banqueiro. Agora que voltamos para casa, o que aconteceu parece um pesadelo. Mas um pesadelo terrível que peço a Deus a ninguém mais aconteça. Não estranho que pensassem na minha morte, e na de meus bravos companheiros, pois realmente andamos por pouco. Devemos nossa salvação em primeiro lugar à perícia do comandante Lins. E depois, aos humildes patrícios que nos auxiliaram nessas contingências tão desagradáveis...

DIÁRIO DE FORRESTAL. . .

(Cont. da pág. 31)

no fim Stalin aumentaria o seu prestígio na Ásia, fazendo crer que êle teve que tomar parte a fim de assegurar a vitória.

Forrestal não fêz comentário algum sôbre isso, mas, dez dias depois, em Washington, fêz novas anotações no diário:

COMANDO DO PACIFICO

10 DE MARÇO DE 1945

"EM uma conversa que tive hoje com o almirante William D. Leahy, falamos sôbre o futuro comando do Pacífico. O almirante pediu minha opinião sôbre MacArthur e disse-lhe que, para mim, MacArthur era possuidor de uma grande capacidade profissional, porém vítima da sua própria sensibilidade e vaidade. Sugeri, caso fôsse possível, MacArthur conversar com Nimitz da mesma maneira que eu e Leahy conversamos, pois os dois poderiam alvitrar a organização do comando cuja base seria o pensamento de Nimitz, que era o seguinte: A Marinha se encarregaria da frota e o Exército assumiria o comando das operações logo que as tropas desembarcadas chegassem a terra. Fiz ver que hesitava em fazer recomendações positivas porque sabia que havia muitas considerações para uma decisão a saber: os fatores aparentemente políticos que surgem, o desejo de continuar a manter os serviços de Mac Arthur e além dessas considerações, o empenho máximo em ter alguém que cooperasse ao mesmo tempo com o coração, a cabeça e com todos os outros elementos necessários para o ataque final sôbre o Japão.

Disse eu que, na minha opinião, a questão do comando do 21.º de bombardeiros, (os B-29 de longo alcance em atividade contra o Japão, partindo das Marianas, sob o contrôle da Fôrça Aérea do Exército) devia ser esclarecida Essas fôrças estavam operando quase que completamente por conta própria, sem sujeição alguma a quaisquer outras entidades militares no Pacífico e parecia-me evidente que elas devessem estar também sob contrôle e assim fôssem obtidas grandes vantagens pela sua aptidão..."

Forrestal voltou a Washington em 4 de março. No "diário", sob aquela data, há uma anotação um tanto secreta:

"Especificações para um candidato à Presidência:

1 Aparência
2 Altura
3 Cadastro individual e político
4 Ânimo para o cargo
5 Experiência política.

Em quem ou em que estava pensando não explicou.

O proximo artigo: "A NUVEM RUSSA"

O SEXO FRÁGIL . . .

(Cont. da pág. 22)

o sangue resoluto dos romanos que dela fêz uma pintora de dísticos.

Rosa procurava emprêgo quando topou com um anúncio que a levou ao "atelier" de pinturas comerciais, onde iniciou como auxiliar de escritório. As letras, as côres e os números fascinavam-na. De manhã à noite, ficava embriagada pela multicoloridade do ambiente e acabou apaixonando-se pela palêta e pelos pincéis. Um dia, ensaiou um número, outro dia uma letra, até que seu patrão a apanhou em flagrante. Ficou muito nervosa, mas êle, ao invés de brigar, convidou-a para trabalhar como aprendiz. Rosa concordou, e hoje é o braço direito da firma. Faz lindas letras de côr, pinta faixas, cartazes, dísticos em veículos e mais uma série de coisas que lhe exigem muito talento e arte.

Disse-me que adora a pintura, mas pretende aprender outras coisas. Assim é que estuda à noite, devendo receber um diploma do curso comercial êste ano e, como só trabalha à tarde, na oficina de pintura, gasta as horas da manhã praticando, o que aprende na escola, em um escritório comercial.

SERÁ QUE ELAS QUEREM DOMINAR-NOS?

E outras tantas moças há, em S. Paulo, trabalhando como homens, ganhando como homens, lutando como homens, sem, contudo, para gáudio dos "marmanjos", perderem a graça e a feminilidade de que Deus as dotou. São graciosas e dá gôsto vê-las trabalhar. E' engraçado que, quando empunham uma chave inglêsa ou seguram uma mangueira de gasolina, pensamos que vai acontecer desastre na certa. Porém, elas, com a calma e a graça própria das filhas de Eva, conseguem fazer o que os homens, geralmente, fazem abrutalhadamente. A chave gira silenciosamente não há imprecações e o serviço é feito. Quanto à produtividade, foi-nos dito que é normal. Aliás, elas não perdem tempo, como nós, em cafèzinhos e bate-papos, por mais incrível que pareça. Penso, mesmo, que elas fazem isso só para nos humilhar.

Como vemos, as mulheres estão avançando, tomando conta de São Paulo. E, velhos amigos leitores, será melhor nos precavermos, a tempo, senão, amanhã ou depois, nos encontraremos às voltas com a mudança das fraldas dos bebês, com as compras da feira, ou tirando os sapatos de nossas caras metades, à noite, lavando-lhes os pèzinhos cansados e, em seguida, acendendo-lhes os cachimbos para ouvir-lhes os relatos do dia de trabalho, após o que lhes contaremos os capítulos das 92 novelas radiofônicas que ouvimos durante o dia. Com a palavra os homens.

DO PRÍNCIPE REGENTE. . .

(Cont. da pág. 34)

no dia 2 de fevereiro de 1827, quando incorporada à 4º Brigada de Cavalaria, por ordem do brigadeiro Paula Rosado. No dia 20 do mesmo mês foi dado início à sangrenta batalha de Ituzaingo, nela perdendo a vida muitos oficiais e soldados. Era o batismo de sangue. Contudo, os bravos guerrilheiros não desistiram, embora seu número ficasse sensivelmente reduzido. Nem retrocederam à luta. Vencendo a batalha do Passo do Rosário, recebiam citações honrosas do Marquês de Barbacena muitos de seus componentes. O Marquês desempenhava naquela época o papel de comandante em chefe das tropas brasileiras contra os platinos de Alvear.

Regressando o Regimento, muito reduzido, passou a ter nova denominação, em virtude de uma reorganização que lhe foi aplicada. E recebeu então o nome de 1º Regimento de Cavalaria de Primeira Linha do Exército. Mas, por motivo de outra reforma, passou a denominar-se Primeiro Regimento de Cavalaria Ligeira.

Examinando dados históricos, viemos a saber que em 1883, sentou praça nessa corporação, o cidadão Alfredo Gutterburg, natural da Áustria. Era um excelente soldado, forte, correto bom cavaleiro, mas, numa parada militar, o embaixador austríaco nêle reconheceu sem demora, ao passar o desfile, o Conde de Gutterburg, ou melhor, o soldado Alfredo Gutterburg, nobre da casa reinante austríaca. Pedindo sua baixa, foi aceita; desconheciam-se as razões de sua vinda ao Brasil, e o motivo por que sentou praça como soldado de cavalaria em nosso país.

★

A data histórica de maior importância, para sempre gravada em nossa memória, é a da proclamação da Republica. Foi na madrugada de 15 de novembro de 1889 que se apresentou nêsse regimento o primeiro- tenente coronel Benjamin Constant, autor de duas memoráveis mensagens preparatórias do golpe decisivo do movimento republicano.

Passando os olhos em algumas linhas de um livro que, a respeito, nos foi emprestado pelo capitão Noronha, nelas encontramos ainda o seguinte: "...e no movimento chefiado pelo Almirante Custódio José de Melo contra o govêrno do Marechal Floriano, o 1º R. C. G. o auxíliou ponderosamente".

★

Assim é o 1º R. C. G., regimento que sempre manteve e ha de manter suas tradições, das mais vinculadas e gratas ao nosso exército. Nêle depositada uma parte da história do Brasil. Suas praças e oficiais sabem cumprir desvelosa e dignificantemente o que ha quase século e meio deixaram os homens que lutaram pela pátria, com uma noção de patriotismo e denodo sem limites. Não é sem razão que nos desfiles comemorativos à nossa Independência, como ainda êste ano aconteceu, o público ovaciona com veemência os gloriosos Dragões da Independência.

AOS CALVOS E AOS QUE COMEÇAM A PERDER CABELOS

"AMARALINA"

(Trata-se da famosa descoberta verificada na Bahia)

Acabamos de receber uma grande remessa dêste providencial remédio. Com base de um vegetal raro, dá certeza absoluta de que seus cabelos tornarão a nascer. Os fabricantes garantem devido a comprovação em milhares de casos em todo o Brasil. Com um vidro detém a queda dos cabelos eliminando totalmente a caspa e com a continuação, obedecido o que a bula determina, fará voltar os cabelos perdidos.

O PRODUTO E' ENCONTRADO EM QUALQUER FARMÁCIA, DROGARIA OU PERFUMARIA.

ACEITAMOS PEDIDOS PELO REEMBÔLSO POSTAL A Cr$ 45,00 O VIDRO, LIVRE DE PORTE. DIRIJA-SE A:

M. M. BURLE & CIA. LTDA.

(Distribuidores)

AVENIDA RIO BRANCO, 137 — 6.º — S-616 — RIO —

FONES: — 32-9415 e 32-9309

A CENA MUDA

Revista semanal que trata de Cinema, Rádio, Teatro e Música. Em todos os pontos de jornais.





Limpa e embeleza a cútis. Dá maravilhosa brancura e explendor de juventude.



CREME
RUGÓL

MANTEM EM SEGREDO SUA IDADE!

O SEGREDO DE SUA MOCIDADE

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULFARMA.

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquillage e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

MULTIFARMA

Rua Direita, 191 — 6º andar
SÃO PAULO
Remessa pelo reembôlso
A venda nas boas Farmácias

A GUERRA QUE...

(Cont. da pág. 51)

prestado em 17 de abril de 1936, sôbre uma conversa que mantivera com o deputado Adalberto Correia no seu gabinete de comandante do 1º Grupo de Obuses, em tôrno das ligações que teria o então administrador do Distrito Federal com os fautores da intentona de 1935. Explicando ao relator Raul Machado o motivo pelo qual teria desabonado certa atitude do Sr. Pedro Ernesto, o então tenente-coronel Newton Estillac Leal assinalou:

— No momento estava possuído de grande indignação em face da brutalidade e da covardia com que foram trucidados dignos companheiros do Exército e que igual sorte estaria reservada aos meus comandados e a mim mesmo, e que, portanto, eram dolorosamente surpreendentes as revelações daquele deputado em relação a um cidadão cujas tendências eu de perto conhecia como antigo companheiro.

E é ainda recente a acusação que lhe fêz o general Góis Monteiro, antes de ser chefe do Estado Maior das Fôrças Armadas e Estillac ascender a ministro da Guerra. Para esclarecer que não era comunista, êste se viu na contingência de pronunciar severo discurso na sua posse no Clube Militar, carregado de indiretas ao general Góis. Asseverou, nessa altura:

— Não sou político. Não pertenço a qualquer partido, embora em todos tenha amigos, esposando variadas e opiniões, de muitas das quais divirjo fundamentalmente, sem desrespeito às consciências que as nutrem na presunção de que são verdades.

Dirigiu-se, a seguir, aos que o elegeram:

— Empenhar-nos-emos a fundo para não desmerecermos de sua confiança, tendo bem presente que, se "o milagre é o filho direto da fé", as obras humanas são produto da vontade organizada e tenaz. A obra é imensa, sobretudo se considerar as resistências que lhe serão opostas, mas, sem dúvida, não superiores à nossa vontade.

E, imunizado:

— Ninguém mais, neste mundo, me poderá fazer mal, mesmo que o deseje ardentemente.

"INTERMEZZO"

Resta metade do prazo para a realização da assembléia parcial, convocada para o dia 20 de setembro e adiada para êste mês. Nesse interim, o caso do Clube Militar arrefeceu um pouco. E o silêncio que tombou sôbre êle é mais um sintoma do que uma aparente solução. Percebe-se que providências estão sendo tomadas para impedir que a assembléia, se se realizar mesmo, não se tome da violência debuxada para o mês transato. Procura-se, nos bastidores, o critério de que a "Revista" será proibida de debater matéria que compete ao Govêrno decidir antes, auscultando os órgãos de representação popular. O que a reportagem apurou é que os diretores, intransigentes na continuidade dos debates sôbre o "petróleo e riquezas minerais" e sôbre "a guerra na Coréia", se contrariados, acabarão por renunciar. A crise, então, será de efeito inverso: envés de afetar os destinos do povo brasileiro, que conta com as Fôrças Armadas coesas para a sua segurança, restringir-se-á à organização interna do Clube — facilitando a sua completa conjuração.

O resto se resolverá de forma bem menos complexa.

A INSATISFEITA

(Cont. da pág. 8)

— Sim, desejo alugar êstes cômodos. Desejo-o ardentemente; mas o preço mencionado em sua carta é ridicularmente baixo.

— Mas, compreenda o senhor. E' tudo o de que preciso. Não tenho necessidade de receber mais.

Era aquela jovem desprovida de tudo o que significava "senso de negócio", bem como êle mesmo. Depois disse: a sorrir:

— Poderia o senhor decidir-se agora? E' importante que tudo se decida ainda esta noite.

Ela pôde ler em seus olhos uma pergunta. E, sem dar-lhe tempo de formulá-la, esclareceu:

— O senhor vê. Minha família não tem a menor idéia do que estou fazendo com êste apartamento. Se souberem não permitirão que alugue êstes cômodos; mas, como a casa é minha, farei dela o que bem me parecer.

Ela parecia estar com ares de quem quer por à prova o futuro inquilino. Um desafio. Durante uns momentos o visitante como que hesitou. Pareceu-lhe que havia por ali algo de anormal para que aquela jovem estivesse a agir daquele modo. Mas o anúncio de miss Ballard nos têrmos como foi publicado aguçou a curiosidade de Roger Poole, e, por isso, para satisfazer a curiosidade, lhe havia respondido e alí estava tratando pessoalmente do assunto.

E aquêles livros! Para qualquer lugar a que se voltasse, lá estavam êles em suas filas a sorrir-lhe como se fôssem velhos amigos. Solitário, desejando encontrar um pôrto tranqüilo depois de tantas tempestades que sôbre êle baixaram, que outro sítio mais propício ao seu espírito sedento de tranqüilidade do que êste? Quanto à família de Mar Ballard, que tinha êle a vêr com ela? Tinha a ver apenas com Mary Ballard, pessoalmente com ela, fechar com ela o negócio dêsse aluguel, e ela alí estava a sua frente, com um sorriso franco e bondoso, e os braços cheios de rosas!

— Êste apartamento me serve, e os seus cômodos me agradam tanto que me sinto feliz em poder ficar com êles.

— Oh! verdade?

Mary lhe estendeu a mão, acrescentando:

— O senhor não pode imaginar como me ajudou agora! Não pode imaginar como me ajudou nisso!

Mary percebeu pela segunda vez que o visitante lhe desejava fazer uma pergunta. Mas, desta vez, ela se conservou calada. Em seguida passou a uma outra sala e afastou as cortinas das janelas da tôrre circular.

— Ainda não lhe mostrei o melhor de tudo, disse ela.

(Cont. no próximo número)

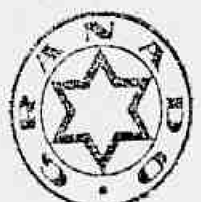
Respostas ao teste

1—Antologia
2—No crânio
3—Holanda
4—Floromania
5—Escavações feitas pelos garimpeiros
6—Gualdras
7—A que vive nágua
8—Hieranose
9—Jabota
10—O charque
11—A jarda (915 mm.)
12—O que tem forma de lâmina
13—O mesmo que diapasão
14—Mandíbula
15—Indolência





ÁGUA INGLÊSA



TUDO ISTO



CURIOSIDADE DE CRIANÇAS — **Esta se passou em Los Angeles. Uma criança de nome Candy Johnson, de um ano e dois meses, iludindo a vigilância dos pais, achou que devia fazer uma exploração até agora inédita: entrar no aparelho sanitário de sua casa e ver como era tudo lá por dentro. Subiu, meteu-se naquele local mal cheiroso e, depois de ver-se com os pés presos à abertura do esgôto, começou a chorar desesperadamente. Os pais da menina se alarmaram e correram para socorrê-la. Depois de muito trabalho chamaram os bombeiros, que, após uma hora, salvaram a pretinha.**

VITTORIO, O TEIMOSO



VITTORIO Jannitti Piromallo, de 34 anos, filho de importante família, de Florença, vivendo com sua mãe e irmã em luxuoso apartamento, em Roma, um dia se enamorou de Cláudia Scalco, de 23 anos. No dia do casamento, com banquetes e bailes, o rapaz, diante do padre, respondeu "NÃO"! O casamento se desfez e as despesas se perderam. Mas os namorados se reconciliaram e a vidinha de passeios e cinemas prosseguiu como dantes. Um dia os namorados foram acusados de furto em Florença. Haviam-se apropriado indevidamente de três rádios e um automóvel. Levados para a delegacia, foram processados e presos; mas, como a namorada estivesse para ser mãe, a Justiça teve piedade dela e lhe concedeu liberdade especial, até que fôsse julgada definitivamente. Quanto ao rapaz, foi metido na cadeia sem mais contemplações. E o casamento? A família de Cláudia não concordava com a situação da moça. Era preciso casar os dois, especialmente agora que a jovem estava para dar à luz um pimpôlho. Depois de muito trabalho, obtiveram o assentimento de Vittorio. O enlace foi marcado para o dia seis de setembro e a moça apareceu na capela da prisão. Não trazia mais a grinalda e o véu. Vestia saia e blusa azul-escuro, e um lenço sôbre a cabeça. O capelão da penitenciária se paramentou e mandou buscar o noivo em sua cela. Poucos convidados. Da família dêle, ninguém comparecera. Sòmente da noiva. O rapaz, ao lado de Cláudia, ao lhe ser perguntado se queria casar-se com ela, repetiu aquêle NÃO fatídico! E, mais uma vez, o casamento gorou entre Vittorio e Cláudia...

O FRIO EM PARIS



ESTA vida tem surprêsas das mais espantosas. Vamos relatar aqui um episódio passado com um casal de sul-americanos que tinha uma vontadé louca de conhecer Paris, visitar-lhe os lugares históricos, ver os monumentos, os museus, os teatros, sua vida noturna intensa e alegre. E um belo dia lá se foram êles, em excelente navio da carreira Buenos Aires-Havre, com todo o confôrto que se pode imaginar. O sonho de tantos anos era, enfim, alcançado! E chegaram à famosa e bimilenária capital da França. No dia seguinte sentiram a mais estranha das sensações na epiderme: a temperatura havia caído espantosamente e êles não se sentiam com coragem bastante para enfrentar a rua. Ficavam insulados no quarto do hotel, vidraças descidas, olhando a furto lá para praça, onde os pedestres andavam apressados como que a procurar no exercício das pernas um reagente para o frio insólito que assaltara os parisienses sem nenhum aviso prévio. No outro dia a situação climática era ainda mais grave. O termômetro descia e a vida estava impossível naquela cidade. Os próprios filhos da terra se queixavam da queda brusca da temperatura, coisa incomum neste tempo, embora o frio já prenunciasse o inverno. Mas aquêles saltos para baixo era surpreendente. No terceiro dia o casal se encheu de coragem e lá se foi para a vida livre. Mas, com assombro, viram ambos que um transeunte caía desfalecido por causa do frio! No mesmo dia os jornais registravam que quinze pessoas foram socorridas nas ruas! E o casal voltou ao seu país onde quem mata é o calor! Voltaria em tempo propício. Perderam tempo e dinheiro, mas ganharam a experiência.

DERRUBOU O ASTRO



DIZEM os etnologistas e estudiosos dos costumes dos nossos silvícolas, que a escolha de um espôso para a filha de algum chefão lá das tabas não era coisa muito fácil. Não bastava que os dois se amassem. Era necessário que o índio demonstrasse coragem, capacidade física, resistência e valor moral. Então muitos pretendentes se inscreviam no torneio sensacional. Reunido o conselho da tribo, convidadas as nações amigas em derredor, o morubixaba dava o sinal para a disputa entre os "noivos" para a posse da noiva. Um dêsses processos era o de suportar um enxame de maribondos ferozes na cabeça, da testa para cima. Uma cabaça cheia de mangangás era atada na cabeça dos "noivos" e aquêle que suportasse o martírio durante certo tempo, casava com a beldade. O empate era decidido lá com êles. Pois fique sabendo o leitor que em Hollywood acaba de verificar-se um torneio mais ou menos idêntico entre um astro, um outro cidadão e a belíssima Barbara Payton. Tom Neal e Franchot Tone, que todos conhecemos na tela, estavam apaixonados pela mesma senhorita. Como decidir a quem caberia a mão da moça? Ela fêz uma sugestão: os dois travariam um duelo a sôco. O que saísse vencedor, casaria com ela. Tudo muito parecido com o sistema dos nambiquaras amazônicos. E os dois se prepararam. Mas Franchot Tone só aguentou um direto de Tom Neal. Caiu. O outro, que estava com uma sêde louca no rival, emendou os murros e o pobre Tone foi para o hospital em estado nada tonificante. Mas Barbara, que de bárbara só tem o nome, ficou com o surrado e ainda quer que êle processe Tom Neal.



OS ATRITOS ENTRE **populares de Berlim ocidental, com os de Berlim oriental, são permanentes. Damos neste flagrante um dêsses fatos corriqueiros entre os dois mundos imperando numa mesma cidade. Os adeptos da ocupação soviética colocaram êste cartaz: «Limite do setor democrático de Berlim», e operários do setor ocidental investiram contra o cartaz, primeiramente «bombardeando-o» com tinta, para, em seguida destruí-lo. O mundo assiste a êsses choques sem maior importância, embora todos vejam nêles os prenúncios de um estado de excitação que não se sabe como terminará.**

ACONTECEU

ENGORDOU A DANÇAR



ATÉ agora se pensava que qualquer esfôrço físico emagrecia. Saltar a corda, correr, dançar, tudo isso e mais alguma coisa desbastava as enxúndias do cidadão ou da cidadã, tornando o físico mais elegante e mais resistente. Gordura não é saúde, dizem os nutriciologistas. Pois agora mesmo um italiano de nome Enzo Basile provou o contrário. Dançar faz até engordar. E a prova provada foi recolhida públicamente, sob a fiscalização de juízes. E' verdade que as danças do Basile não foram realizadas com êsse objetivo. O que êle queria era bater o recorde de dança. E bateu. Ao chegar a tanta glória, verificou que havia engordado um quilo. Tem Enzo Basile 34 anos de idade. Seu maior desejo era o de ultrapassar na valsa a um outro seu patrício, cujo nome não vem ao caso. Êsse outro italiano conseguira manter-se ao compasso da dança durante 1.210 horas, ou seja cinqüenta dias e dez horas. Já é dançar! Pois fiquem sabendo que Enzo Basile bateu o recorde do patrício. Ofereceu-se a uma sociedade italiana para ir além daquele tempo, o que foi aceito. Um médico o examinou cuidadosamente antes de êle entrar na dança. Estava tudo O.K. Enzo começou a bailar a 21 de junho último, sob severo contrôle de um júri. Depois que dançou uma hora teve direito ao descanso de 15 minutos, como é do regulamento. Passado êsse quarto de hora, voltou êle a dançar. Dançou, dançou, dançou até que atingiu 1.226 horas, isto é, 51 dias e 2 horas. Estava satisfeito. Era o recordista de dança na Itália. Um médico o examinou após a proeza. Estava êle em ótimas condições de saúde. E engordara um quilo!

"HORA DO ESTÔMAGO"



O progresso da civilização tem caprichos dos mais curiosos. O problema da aviação comercial, nesses grandes transportes aéreos, não está sòmente na segurança de vôo, nas minúcias da "manutenção", na escolha dos tripulantes, na capacidade e técnica de comandantes e mecânicos. As emprêsas de aviação a longas distâncias, atravessando regiões de climas diferentes, dedicam a maior atenção à comodidade dos passageiros e, com especialidade, à alimentação dos mesmos. Já notou o leitor como a gente não acha graça nenhuma nas mais belas paisagens, quando se está com o estômago vazio? Embora se diga e repita que "nem só de pão vive o homem", ninguém pode contestar que o espírito e o corpo devem estar permanentemente em equilíbrio, do contrário lá se vai tudo quanto Marta fiou. Para que os passageiros gozem, efetivamente, dos prazeres de uma viagem aérea de longas distâncias, atravessando oceanos e continentes, os modernos aviões possuem uma seção de refeições a que deram o nome de "Flight-Kitchen" o que, em nossa língua, quer dizer "cozinha de vôo". O nome é inglês, porque, pelo que parece, foram os americanos os primeiros a cuidar do assunto com os requintes que se conhecem. Já possuímos disso aqui no Brasil? Claro! Os grandes aviões da "Panair" não ficam atrás dos mais confortáveis de outras nações. Nêles também há a "Hora do Estômago", indicando o momento em que os passageiros devem ser servidos de café, pequeno almôço, almôço, lanche e jantar. E o menu varia de acôrdo com a região sobrevoada. Aí está por que uma viagem dessas também serve de engorda...



ÊSTE É UM BELO QUADRO composto pelo sargento instrutor, A. Robinson, em Aldershot, na Inglaterra. Ela, Deborah Goldberger, também sargento do corpo feminino auxiliar das fôrças armadas de seu país, aceitou o convite do instrutor de cultura física e ambos estão exibindo cenas de uma sequência que se intitula: «Atitudes físicas através dos séculos». A cena que vemos nesta fotografia representa «Uma romana feita escrava por um bárbaro invasor». E' provável que, se ambos forem solteiros, a brincadeira termine em casamento, ilustrando a biografia de ambos.



UMA SENTINELA AVANÇADA nos campos lamacentos e inundados da Indochina. E' um soldado do exército francês que combate a rebelião dos comunistas do Viet-Minh. O «pracinha» da França está de ôlho aberto num terreno ingrato na foz do Mekong, na Indochina e aguarda o ataque da tropa inimiga que se avizinha. A guerra naquela zona continua sem tréguas, e, faz pouco, foi assassinado o governador do Viet-Nam e um general francês. Jornais parisienses têm publicado que o armamento de que dispõem os rebeldes comunistas, são de fabricação francesa e modernos

ASSALTARAM A FACULDADE



SUCEDEU em Manaus. A terra da borracha e do pirarucu raramente vem a público em noticiário de nossos jornais. O Amazonas, como sucede, aliás, com outros Estados do Norte e Nordeste, só é lembrado quando há crimes e calamidades meteorológicas. Mesmo que se verifiquem por aquelas bandas episódios e acontecimentos dignos de publicidade e divulgação, nada se diz para o sul do país. Livros que são ali editados; inaugurações dignas de registro; competições intelectuais; aparecimento de uma revista ou de um jornal, tudo, enfim, que significar conquista do meio em favor de sua civilização fica no olvido. Mas, quando alguém mata outro; quando um incêndio destrói um estabelecimento; quando surge um novo "Lampião", aí o nome do Estado onde se deram dessas calamidades vem a público em "manchettes" alarmantes. Manaus apareceu no noticiário dos jornais cariocas dos meados de setembro. Que sucedera? Apenas isto: Quando professôres e alunos da Faculdade de Direito do Amazonas compareceram para o início das aulas, verificaram que as portas que dão acesso à Secretaria estavam arrombadas. Dado o alarma foi pedida a presença do Diretor, Sr. Análio de Resende, o qual tratou imediatamente de chamar a polícia. Os ladrões arrombaram as estantes e gavetas onde estavam guardadas as fôlhas de frequência dos alunos, documentos êstes que foram levados pelos assaltantes. O mais curioso é que êles deixaram todo o material de expediente, provas, etc. Só se interessaram pelas "parcelas de frequência", o que faz suspeitar dos próprios estudantes. Eis a notícia mais nova sôbre o Amazonas...

A REVISTA Há 50 anos

(Domingo, 6 de outubro de 1901)

POR ÊSSE MUNDO





A imagem de N. S. da Penha, muito vendida no araial do outeiro.

★ O acetileno tem conquistado muito terreno na Alemanha. Em dois anos, o número de bicos, que era de 62 mil, passou a 220 mil; A administração dos Correios de Berlim preferiu êsse gás à iluminação elétrica, e naquela cidade se encontram nada menos de oito mil instalações de gás acetileno, a última palavra em iluminação confortável.

★ O govêrno francês vai vender em leilão a ilha de Carjeans, na Gasconha, a qual tem 222 hectares de superfície, sendo avaliada em 380 mil francos.

★ Acaba de realizar-se em Berlim um curioso concurso de beleza. Não se tratou de perfeições de traços fisi nômicos, nem eram "signorinas" as concorrentes". Marmanjos, sim! Marmanjos! Foram examinados em suas condições anatômicas. De 40 indivíduos que se apresentaram o júri só achou sete dignos dêsse prêmio.

★ Acaba de ser fundada em Londres uma Escola de Cozinha e Serviços Domésticos, para o sexo feminino. Espera-se que isso vá influir para facilitar o casamento das moças pouco favorecidas pela fortuna e pela beleza, dando-lhes uma espécie de dote.

★ Realizam-se êste mês com a pompa e a concorrência de sempre, as festas de N. S. da Penha. Os romeiros se aglomeram todos os domingos na Leopoldina e na Central. E o belo outeiro onde existe essa branca capelinha, recebe milhares de devotos. No araial, ha comes e bebes, tocatas e danças a granel.

TEATROS

NO Moulin Rouge tivemos duas festas ruidosas: a do despedida da graciosa Cinira Polônio, que vai deslumbrar a capital paulista com o seu repertório variado e alegre, e o benefício de Louise Bayle, a cantora «deshabillé», tão apreciada pelo nosso público. Ambas as «divettes» receberam muitas flores e outros presentes de valor, vendo o elegante teatro completamente cheio pelos seus admiradores que, fervorosos, apaixonados, românticos, as aplaudiram delirantemente, criando partidos e rivalidades entre si. O Apolo tem exibido a célebre mágica «A Pera de Satanás» e «Os Sinos de Corneville» com bastante concorrência e agrado e prepara espetáculo para reaparição de Palmira Bastos, de todo restabelecida dos incômodos que sofreu últimamente. A companhia pouco se demorará entre nós, sendo substituída por um grupo de artistas nacionais dos quais fazem parte Colás, Medina de Sousa, Blanchette Grau, França e outros. Para o Recreio Dramático organizam Pepa Ruiz e Brandão novos espetáculos e um outro grupo artístico dá outro espetáculo no Santana, com antigas peças de nomeada. A companhia lírica terminou sua temporada partindo para São Paulo e deixando saudades de reais artistas como Didur, Ardito, Innocenti, Livia Berlendi e Stinco Palermini. O São Pedro continua com Clara Della Guardia que recebeu grandes ovações em «Tosca». Na noite da primeira das «Duas Consciências», mostrou-se sùbitamente indisposta, o que todos lamentamos.

★

CURIOSIDADES

★ «CASA BRANCA» (White House) é o nome pelo qual é designado o palácio presidencial de Washington, Estados Unidos.

★ PUBLICAREMOS breve um retrato da viúva do malogrado presidente da República dos Estados Unidos da América do Norte, William Mac Kinley, tirado no jardim de inverno do palácio presidencial e por ela sòmente oferecido aos íntimos.

★

CÚMULOS

Da aristocracia: Só beber água da bica da Rainha.

Do amor próprio: cair em si.

Da impolidez: Voltar as costas à fortuna.

Da magnificência: Tomar um Xá da Pérsia com torradas e bem amanteigadas...



SOLILÓQUIO... — Fraca memória a minha! Já não me acode o texto da sabedoria popular... Vamos ver outra vez: «na terra dos olhos quem tem um cego»... Errei!

(Charge de RAUL)

ATUALIDADES BRASILEIRAS

Foi uma verdadeira proeza à moda de Rocambole a que se registrou esta semana no Rio, tendo de ser exumado o pseudo Joaquim Bernardino Gonçalves, que no entanto estava vivo. De parceria com outros hábeis meliantes, êsse cidadão levou a efeito o extraordinário plano da extorsão de 100 contos à companhia Sul América, simulando a própria morte e colocando dois sacos de terra no caixão que o devia levar à cova. Quando foi aberto o caixão, na presença do 2.º delegado auxiliar da Polícia de S. Paulo, onde ocorreu o fato, de dois médicos legistas e de uma turma de desinfetadores, foi descoberto o lôgro.

O caso teve grande repercussão em todo o país.

★

HUMORISMO

Numa repartição pública:

— Sr. escriturário, o senhor deve-me respeito e consideração! Olhe que eu escapei de ser seu pai!

— De ser meu pai?

— Sim senhor, porque estive para casar com a senhora sua mãe.

CENTENÁRIO DE VICTOR HUGO

JÁ principia a falar-se no centenário de Victor Hugo, em 26 de fevereiro de 1902, devendo haver em Paris uma brilhante "reprise" dos "Burgraves". Os "Burgraves" serviram de tema a um compositor, que extraiu uma ópera da sombria e poderosa trilogia do mestre. Intitula-se "I Burgraves" (Milão 1845). Os romances e dramas de Victor Hugo inspiraram numerosas peças musicais. Fizeram-se as seguintes adaptações líricas: Quatro do "Ernani", por Bellini, Gabussi, Verdi e Mazzucato. Três da "Marion Delorme", por Bellesini, Pedrotti e Ponchielli. Uma do "Roi s'amuse", por Verdi (Rigoleto); uma da "Lucrécia Bórgia", por Donizetti; trs do "Angelo", por Mercadante, César Cui e Ponchielli. Treze de "Notre Dame de Paris", por diversos, que seria longo enumerar. Seis do "Ruy Blas", por Poniatowski, Bezanzoni, Haward Glover, Chiaramonte, Marchetti e Sparapani.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 40 ★ 6-10-51

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
Gratuliano Brito

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Intern. de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 150,00
Seis meses	Cr$ 75,00
Registrada — Um ano	Cr$ 180,00
Seis meses	Cr$ 90,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509, B. Aires.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria: 22-5802 ★ Gerência: 22-8347 ★ Contabilidade: 22-2550



MÓVEIS E DECORAÇÕES

GRUPOS ESTOFADOS

especialidade de nossas oficinas

TAPETES E PASSADEIRAS

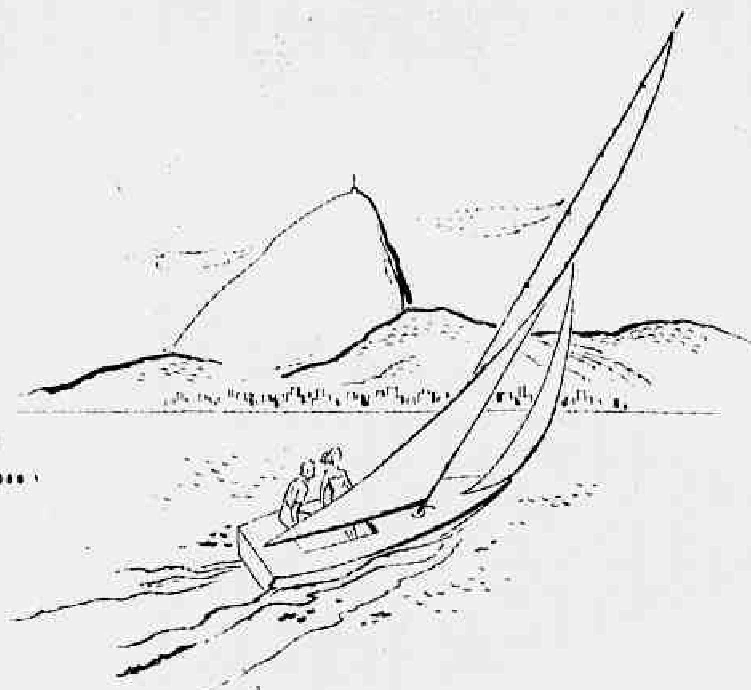
de forração, de tôdas as dimensões, em cores lisas e com flores

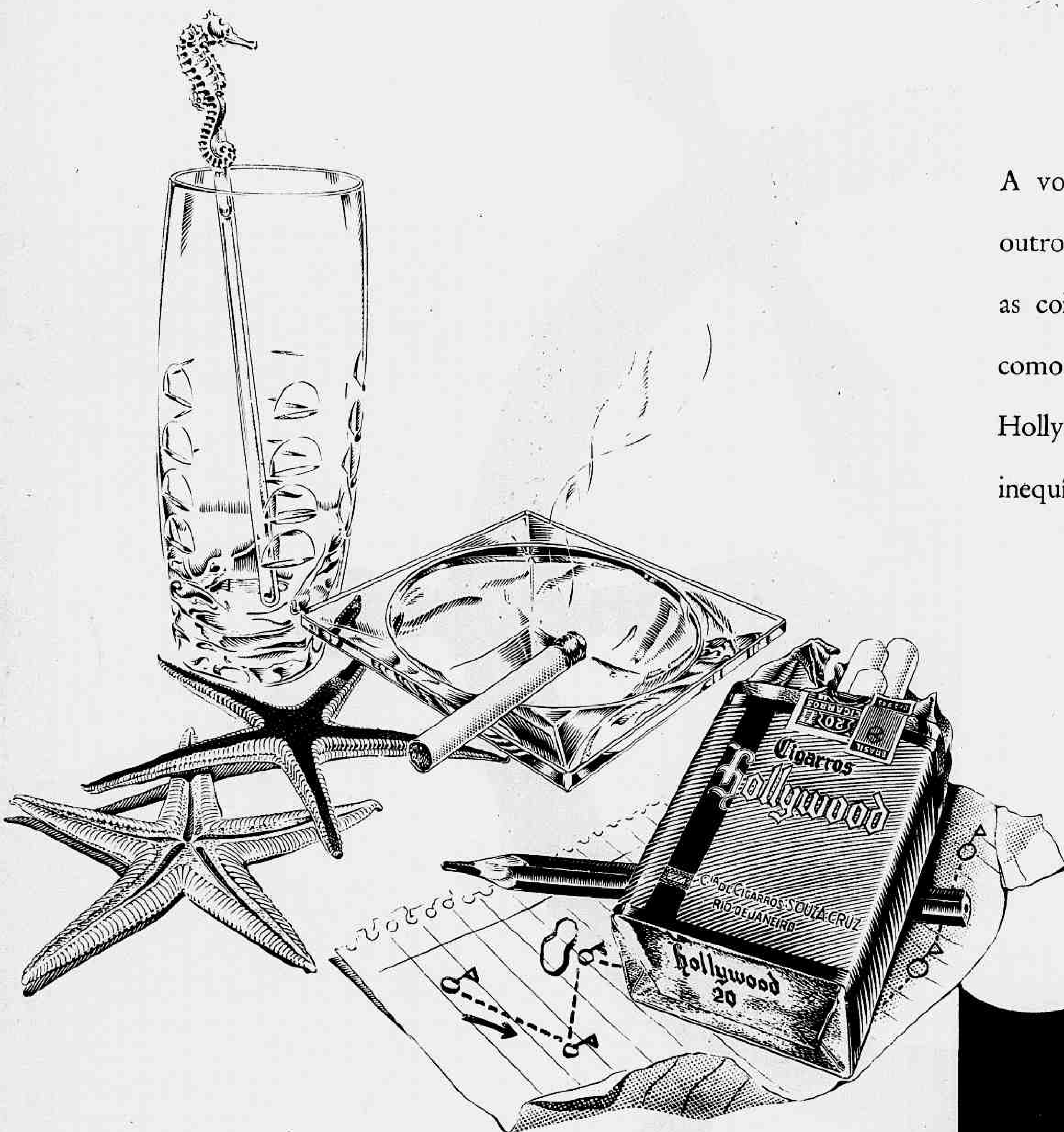




65 RUA DA CARIOCA 67 - RIO

uma consagração que se deve a você...





A você e a milhares de outros que sabem apreciar as coisas boas da vida — como os sports do mar — Hollywood deve a sua inequívoca consagração.



cigarros **Hollywood**

uma tradição de bom gosto

H-88 091

UM PRODUTO SOUZA CRUZ